



• Adoniran Barbosa curte um descanso até o final de Idolo de Pano. Ele entrará na salvadora, ou melhor, na que substituirá essa bela porcaria que tá aí.

ADONDE  
DARDOCA  
ESTA  
INTERNADO



PAGINA 15

1,50

**NOTICIAS**  
*populares*

PAG. 1

Administração e oficina: av. Borás de Limeira, 401 — Diretor-Presidente: Octávio Fries de Oliveira

São Paulo, sábado, 4 de janeiro de 1975 — N.º 3.802



O JORNAL DO TRABALHADOR

São Paulo, domingo, 12 de junho de 1982 — N.º 6.983 — Página 9

## Viúva de Adoniran apóia cantora que o homenageia em disco



Fatinha e a viúva de Adoniran

★ Foi inaugurado, sexta-feira, no Pari, um bar em homenagem ao falecido Adoniran Barbosa, com o lançamento do primeiro compacto simples da jovem Fatinha Batista, que lhe dedicou uma das faixas. A festa contou com a presença da viúva do compositor e também fez parte das comemorações de mais um aniversário do bairro, que incluem ainda shows especiais de sambistas e cantores populares. A produção deste show foi de José Bosco, velho morador do Pari.

SEGUNDO CADERNO — NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



NOTÍCIAS  
*República*

O JORNAL DO TRABALHADOR

São Paulo, quinta-feira, 14 de junho de 1984 — N.º 7.351 — Página 9

## Adoniram bate papo com Elis em novo LP



Adoniram Barbosa

A emoção dispara logo na abertura do novo LP da série "Documento Inédito", desta vez em homenagem a Adoniram Barbosa: ouve-se o prefixo de "O Fino da Bossa" e Elis Regina convida o falecido compositor para participar daquele programa da Record. Os dois cantam juntos, batem papo, trocam piadas. O "pupurri" termina com Elis e Adoniram entoando "Bom Dia Tristeza". Dai em diante, sem divisão de faixas, o disco "é um retrato falado de Adoniram", como escreve Mathilde Barbosa, sua mulher, na contra-capa. Esse LP foi montado pelo Estúdio Eldorado com fonogramas fornecidos pela TV Record, TV Cultura, Museu da Imagem e do Som e arquivos particulares.

## Festa na inauguração do Museu Adoniram Barbosa

Será inaugurado na próxima sexta-feira, às 11 horas, o Museu 'Adoniram Barbosa', que reúne um acervo inédito de mais de cem peças pessoais que fizeram parte da vida do grande compositor paulista, que o Brasil inteiro aprendeu a admirar pela simplicidade e sutileza dos seus trabalhos musicais. O museu está instalado no cofre do Espaço Turístico (Rua 15 de Novembro, 347) da Secretaria de Esportes e Turismo e tem por finalidade perpetuar a memória do homem que cantou com incomparável lirismo as madrugadas garoentas da paulicéia, a eterna luta dos assalariados em busca de moradia própria e o drama diário dos paulistanos da periferia tanto para se dirigir ao trabalho como para regressar ao lar devido à precariedade dos transportes coletivos.

A parte musical da inauguração ficará a cargo do excelente Conjunto Talismã, que gravou quase todos os sucessos de Adoniram e ainda representa um dos seus maiores divulgadores na noite paulista e brasileira.

Do acervo que passará a compôr o Museu 'Adoniram Barbosa' fazem parte praticamente todas as suas letras manuscritas, desde os seus primeiros ensaios como compositor, exemplares



Adoniram Barbosa

de todos os discos que gravou ao longo de sua carreira, as estatuetas representando o prêmio 'Roquete Pinto', que dimensionaram sua força dentro da música popular brasileira, além de dezenas de objetos pessoais mantidos no seu lar e que agora serão abertos a curiosidade pública.



## Adoniran Barbosa no Centro

**MUSEU** — Rua 15 de Novembro, 347 — Nesse local foi montado o Museu Adoniran Barbosa, com uma centena de peças e objetos que pertenceram ao compositor. Letras manuscritas de suas músicas, prêmios conquistados, discos que gravou. O trenzinho por ele construído, sua coleção de bonecas, num carrissel. Dezenas de gravatas borboletas, fotografias que marcam momentos de sua vida. Grátis.

A     G A Z E T A  
(1953 a 1980)  
Indice

- 1953.....	368
- 1955.....	374
- 1957.....	378
- 1959.....	379
- 1961.....	380
- 1970.....	381
- 1974.....	382
- 1980.....	383

**CONSAGRAÇÃO DO POVO E DO GOVERNO  
PARA O MAIOR ESPETACULO DO CINEMA  
BRASILEIRO!**

**5<sup>a</sup>**

**SEMANA**

**"O CANGACEIRO"**



**HOJE**

PRODUÇÃO: VERACRUZ

**Cine BANDEIRANTES**

DISTR: COLUMBIA

DO "ESTADO  
DE SÃO PAULO"  
12/2/53

**"O CANGACEIRO"  
SERÁ APRESENTADO EM CANNES**

O Ministro Jaime Chermont de Brito, presidente da comissão que representará o Brasil no próximo festival cinematográfico de Cannes, oficializou a inscrição de "O CANGACEIRO", lida dirigida por Lima Barreto para a Vera Cruz, no importante certame.





ADONIRAN BARBOSA, da Radio Record, é um humorista que agrada cem por cento. São inumeros os ouvintes que acompanham e apreciam seus trabalhos, que divertem, fazem rir de verdade. Fora da radio, Adoniran também está brilhando no cinema, pertencendo ao corpo de artistas da Companhia Vera Cruz. Ele fez parte do elenco de "O Cangaceiro", que está batendo todos os recordes de bilheteria e vai figurar na nova película de Lima Barreto, "Cantico da Terra". Atualmente, Ado-

niran está trabalhando em "Esquina da Ilusão" para a Vera Cruz, fazendo o papel de um espanhol cabeleireiro do Brazil, ao lado de Ilka Soares, Luiz Calderaro e Waldemar Wey e sob a direção de Rugero Jacobi.

No clichê vemos Adoniran, moquiado por Vitor Merinow e como deverá aparecer em "Cantico da Terra". A' direita, vêmo-lo "treinando" com o famoso Alberto Lowell, por ocasião da visita do campeão argentino a São Paulo.

# A GAZETA ESPORTIVA

São Paulo, 02 de Maio de 1953

PAG. 18

Após "Einha Moça", o próximo lançamento da Vera Cruz será "Esquina da Ilusão", comédia escrita e dirigida por Ruggero Jacobbi, com diálogos de Gustavo Nonnenberg. A nova comédia dos estúdios de São Bernardo tem como protagonistas Alberto Ruschel, Ilka Soares e Luiz Calderaro. Valdemar Wey, que se consagrou com a estrela de "Uma pulga na balança", tem um bom papel nessa película, destacando-se ainda Josef Guerreiro, Renato Consorte, Nicette Bruno, Marina Freire, Rubens Costa, Adoniram Barbosa, Dina Lisboa, Benedito Corsi e dezenas de coadjuvantes. "Esquina da Ilusão", deverá ser lançada em São Paulo, em princípios de junho.

A GAZETA ESPORTIVA

São Paulo, 15 de Maio de 1953

PAG. 18

## Ultimas da Vera Cruz

Oswaldo Sampaio concluiu o tratamento cinematográfico de "A Estrada", do qual será o diretor. O principal intérprete será Alberto Ruschel. Também fazem parte do elenco Henricão e Adoniram Barbosa.

OK

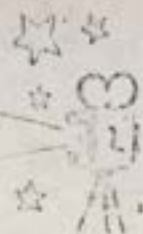


Depois de aparecer com inteiro sucesso em "O Cangaceiro", de Lima Barreto, e "Esquina da Ilusão", de Rugero Jacobi, Adoniram Barbosa, "o milionário criador de tipos cômicos" surgirá brevemente em nova caluoida da Vera Cruz, intitulada "O Cadinho", de Abilio Pereira, ao lado de Mazzoropi. O consagrado artista, que tem brilhado no cinema e no microfone da Radio Record, interpretará o papel de professor Pancrácio, tal como aparece no clichê que ilustra esta nota.

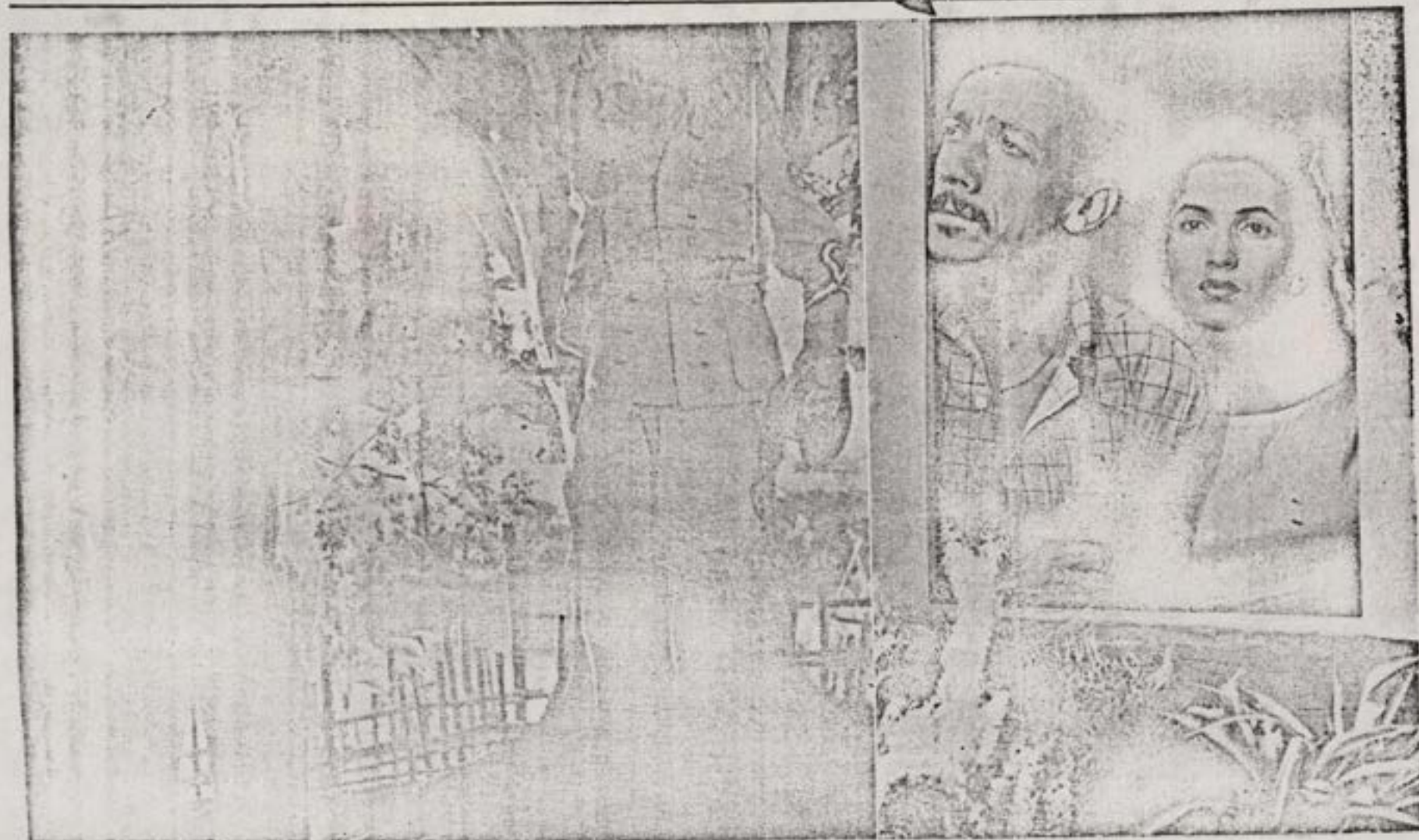
A GAZETA ESPORTIVA  
São Paulo, 05 de SETEMBRO de 1953  
PAG. 23

SÃO PAULO

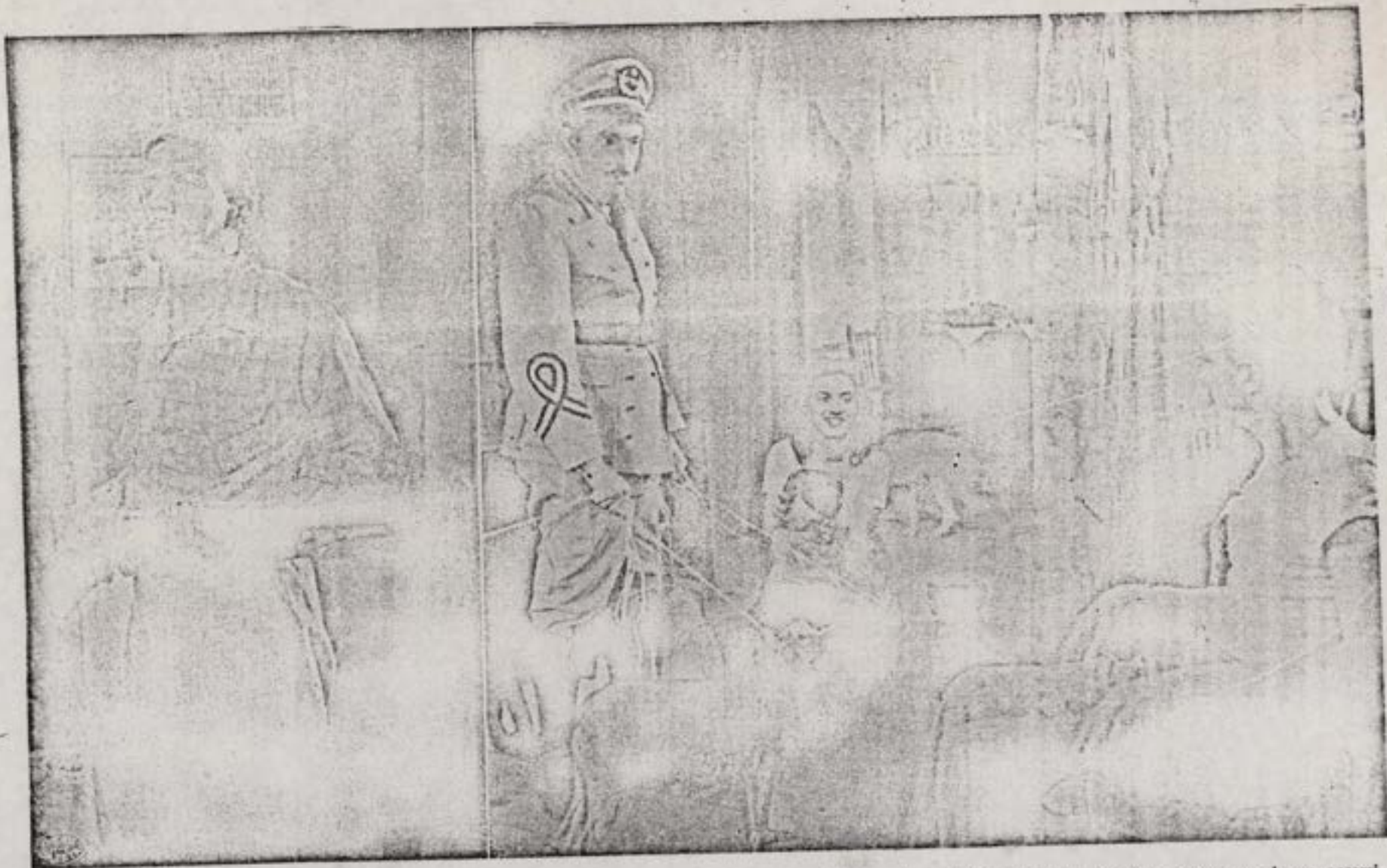
Cinema



Teatro



(CONTINUAÇÃO  
DAS FOTOS E  
COMENTÁRIOS NO  
VERSO)



**"A CARROCINHA"** — Estão terminados os trabalhos de filmagem da película nacional "A Carrocinha", primeiro filme da Produções Jaime Prodes. Imediatamente em seguida, o filme sofrerá os processos de acabamento nos laboratórios. "A Carrocinha", é uma película legitimamente brasileira em todos os seus aspectos, baseando-se num argumento original de Walter George Durst. Sua filmagem se realizou totalmente na formosa cidade serrana paulista de Santa Branca, lugar ideal para as originais aventuras vividas pelo protagonista principal, o ator-comico Mazzaropi. Neste aper-

tunidade, o consagrado artista vive o papel de um laçador de cachorros e atinge, sem dúvida, o trabalho mais completo de sua carreira, pois seu personagem não é, apenas, francamente comico, mas, também, profundamente humano. Ao seu lado, muitos outros atores, entre os quais, se destacam Doris Monteiro, Modesto de Souza, Adoniran Barbosa, Kleber Macedo, Luiza de Oliveira, Gilberto Chagas, João Silva, Salles de Alencar, Aida Mar, José Papini, Bento de Souza e José Nuzzo, contribuem para darem ao filme, grande qualidade. Como detalhe curioso que atesta a origina-

lidade do tema, basta mencionar que houve necessidade de adextrar, sob a competente direção de Jordano Martinelli, mais de sessenta cachorros, à frente dos quais atua o famoso "Duque", tendo todos eles, destacada atuação dentro do argumento. "A Carrocinha", é, ainda, a primeira película brasileira filmada diretamente dentro do processo da Tela Panorâmica, o que oferecerá maior interesse em sua exibição. No clichê, vemos varias cenas de "A Carrocinha", aparecendo Mazzaropi, Doris Monteiro e Adoniran Barbosa.

A GAZETA ESPORTIVA  
São Paulo 21/06/1955  
PAG. 22

# O RADIO e a TV

POR DENTRO E POR FORA

às terças e sextas

DENIS  
BRENN



EDSON LOPES

- \* SILVIO CALDAS INDICADO PARA A ORDEM NACIONAL DO MERITO
- \* O Radio e a TV nas Comemorações do 70.o Aniversario de Villa-Lobos
- \* ADONIRAM BARBOZA E SEUS 20 ANOS DE RADIO E MUSICA
- \* EDSON LOPES, o Grande Esquecido da Programação do Sumaré
- \* NELSON FERRAZ ESCREVE DA EUROPA FALANDO DO SEU SUCESSO NA "BRASILIANA"



ADONIRAM BARBOSA



## ADONIRAM BARBOSA

O lapis de MIX focaliza hoje, para os nossos leitores, a figura bem conhecida de Adoniram Barbosa, um veterano de nosso radio como interprete comico de recursos. Barbosinha começou sua carreira na antiga Radio Cosmos, no tempo em que a PIR-7 esteve com seus estudios na Praça Marechal Deodoro, com uma fase bem saliente até, com Luis Peixoto na direção artistica e Ary Barroso ensaiando para ser locutor esportivo. E essa entrada no radio do futuro interprete comico de cartaz não se deu logo na especialidade em que se consagraria, mas sim, como sambista, inclusive, como autor das proprias melodias que apresentava, ao lado de outras de grande popularidade criadas pela bossa incrível do mestre no genero que foi Luis Barbosa. Durante varios anos se conduziu o nosso Adoniram, até a emissora se transferir para o Largo da Misericórdia e, daí então, o sambista ganhar oportunidade de se revelar um excelente ator comico, na programação da Radio Cruzeiro do Sul. Após um periodo na programação do prefixo de Byington, Barbosinha aceita oferta da Record para integrar o seu elenco, e, nesse instante, acontece outra transferencia do artista que, por sinal, foi a ultima, já que Adoniram nunca mais deixou a B-9, onde se encontra até hoje, como um dos estelios de suas audições do genero humoristico. E com a linha de programas produzidos por Oswaldo Moles, Adoniram projetou-se ainda mais, já que encontrou o programador dotado de todo o talento para criar os personagens todos que tão bem sabe viver, como serve de exemplo, o que acontece quando representa no popular "Historia das Malocas". E graças mesmo ao sucesso que sempre soube conquistar em favor de sua carreira, Adoniram passou a merecer aplausos do grande publico e consagração de toda a cronica como um artista-orgulho do seu setor. E mesmo com o sucesso como ator comico, Barbosinha jamais deixou de compor os seus sambas, assinando paginas de exito nacional como "Bom dia tristeza", "Saudosa Maloca" e outras do mesmo quilate, criadas pelos nossos maiores cantores. Eis aí, alguma coisa, sobre o nosso caricaturado





## CARICATURA

## ADONIRAM BARBOSA

O lápis de MIX, focaliza hoje, para os nossos leitores, a figura bem conhecida de Adoniram Barbosa, um veterano de nosso rádio como intérprete comico de recursos. Barbosinha começou sua carreira na antiga Radio Cosmos, no tempo da PRE-7, com estúdios na Praça Marechal Deodoro, com uma fase bem destacada, até, com Luis Felix na sua direção artística e Ary Barroso, lançando-se como locutor esportivo. E a primeira atividade de Adoniram no mundo artístico, não aconteceu no setor em que mais tarde se consagraria, ou seja, como excelente comediante, mas sim, como sambista e compositor, defendendo até mesmo um programa exclusivo pelo microfone da Radio Cosmos, batendo com muita bossa o chapéu-de-palha, na época, muito em voga, sob a garantia do grande e saudoso Luis Barbosa. Durante varios anos, e nosso Barbosinha, teve presença no palco radiofonico de então, como cantor e autor, começando a ter desempenhos no campo da comidade, quando a PRE-7 transferiu seus estúdios para o Largo da Misericórdia, ficando, assim, junto das instalações de sua co-irmã, a Radio Cruzeiro do Sul, em cuja programação, acabou também tendo um desempenho obrigatorio, inclusive, como radiador. Após um longo periodo de trabalho nas emissoras de Byington, Adoniram aceita oferta da Record, onde firmou, definitivamente sua carreira, como intérprete humorístico, principalmente, graças aos consagrados 'scripts' de Oswaldo Moles, o programador mais premiado em seu genero do Radio do Planalto. Saliendo-se com um relevo todo especial em audições de audiencia campeã, como "Historia das Malocas" e outros lançamentos da mesma classe, Adoniram Barbosa tornou-se um legítimo carias em sua especialidade, mas isso, sem abandonar nunca a sua atividade como compositor de carreira, com sucessos defendidos pelos principais nomes da constelação de nossa musica popular.

# A GAZETA

São Paulo, 22 de MAIO de 1961

## Adoniram Barbosa deu "show" extra

Na manhã de hoje, por volta de 9,30 minutos, compareceu ao plantão da Polícia Central o radialista Adoniram Barbosa (João Rubinato), de 50 anos, casado, morador à rua Aurora, 579, apto. 22, acompanhado de sua "troupe" e do motorista Alejandro Acunha Branco, morador à avenida Pinheiros, 152, fundos, Santo Amaro, em virtude de desinteligência ocorrida entre ele e o profissional do volante, o qual, segundo suas declarações, fez com que ele e sua "troupe" perdesse o horário do espetáculo que deveria apresentar no circo Jussara, na Vila Carrão. O assunto foi resolvido satisfatoriamente e anotado em "folha de ocorrência". Acontece, porém, que o artista, após deixar o plantão da Polícia Central, foi apanhar seu carro de passeio e passou a trafegar contra a mão pela rua 15 de Novembro, quando uma viatura da Rádio Patrulha o deteve e o encaminhou novamente ao plantão da Zona Centro, isto, por volta das 3,40 horas. Uma vez naquela repartição policial o artista deu um "show" extra. A autoridade de serviço determinou que ele passasse por exame de dosagem alcoólica, determinando a apreensão de sua carta de habilitação e guinchamento do veículo para o pátio da DST.

SÃO PAULO, 7 DE NOVEMBRO DE 1970

Músicas de Adoniran Barbosa na TV Cultura



Segunda-feira, na TV2 Cultura, em Música Popular Brasileira, os Demônios da Garça estarão interpretando as músicas de Adoniran Barbosa. As obras de Adoniran abordam temas urbanos, o que o caracterizou como sendo um compositor tipicamente paulistano.

No programa serão apresentadas "Baudosa Maloca", "Samba do Ernesto", "Samba Italiano", "Ircema", "Casamento de Moacyr", "Progresso", Deus te Abençoe", "As Mariposas", "Vila Esperança" e "Trem das Onze".

A GAZETA

São Paulo, 04 de DEZEMBRO de 1974

## “Samba no Chão” reune bons nomes 260 da música popular brasileira

Serão realizadas nos dias 5, 6 e 7, às 21h00, no Centro das Convenções em São Bernardo do Campo, um show universitário (da Faculdade de Medicina do ABC) intitulado “Samba no Chão” com a presença de Adoniran Barbosa, Demonios da Garoa, Beth Carvalho, Nelson Cavacinho e Antonio Borba.

Como, além do interesse cultural do espetáculo, dado que se trata da primeira vez que esses artistas se reúnem, o seu lucro reverterá em benefício da Associação do EX-Alunos da Faculdade, que está sendo criada.

O telefone para reservas do convite é 449-6161.



Adoniran Barbosa

Ok

# GAZETA DE NOTÍCIAS

DOMINGO, 3 e SEGUNDA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 1980

PAG. 3

## Adoniran Barbosa

Compositor



— Alziro Zarur, você partiu dizendo: "Esperem por mim. Eu voltarei breve. Voltarei com Ele!" Alziro Zarur, volte quando você quiser. Fique tranquilo: a nossa LBV continua a sua Missão. Um beijo.

DIÁRIO DE SÃO PAULO

(1971 a 1979)

índice

- 1971.....	386
- 1974.....	388
- 1976.....	390
- 1978.....	392
- 1979.....	394
- SEM DATA.....	396

OK

DIÁRIO DE SÃO PAULO

São Paulo, 04 de ABRIL de 1971

PÁGINA 4



Os "Demônios da Garoa" voltam em Lp RCA e mostram que, apesar da simplicidade da sua música, eles não deixam de dar um recado que fala bem de perto à alma brasileira. Composição deste sensacional Adoniran Barbosa que, como poucos, sabe transmitir o mais puro do nosso samba. Esta é uma indicação que eu faço com a consciência tranquila. Ouça os "Demônios" e respire Brasil.

OK

DIÁRIO DE SÃO PAULO

São Paulo, 11 de JANEIRO de 1976

\* Adoniran Barbosa pode virar filme. A ideia dos produtores é, partindo da vida e das histórias maravilhosas dessa figura fascinante do samba paulista, contar todos os lances incríveis do Brás e sua gente que a Itália mandou...



OK

DIÁRIO DE SÃO PAULO

São Paulo, 11 de ABRIL de 1976

• Quem lança um samba mostrando como estão os velhos do mundo de hoje é Adoniram Barbosa. O mês escolhido foi abril e a música «O Samba do Véio». É ele mesmo quem diz: «Fazer essa foi fácil. Eu também tô véio...»

\* Um típico autor popular: suas músicas falam do povo e para o povo, principalmente o paulistano. Talvez o mais autêntico compositor paulista, só há pouco obteve reconhecimento em todo o Brasil: Adoniram Barbosa. Adoniran fala sobre os festivais, enquanto os «Demônios da Garoa», cantam uma de suas composições.



Adoniram Barbosa: uma presença em todas as manifestações populares. Aqui com o Prefeito Olavo Setubal no Dia da Pátria.

As vésperas do 425º aniversário de São Paulo, fala um poeta da cidade, Adoniram Barbosa, o «Charutinho», aquele do Trem das 11. Entrevistaram-no Julio Saraiva e Antonio Rodrigues.

## Ele ama São Paulo

*Antigamente a gente se conhecia melhor*

O poeta está tranquilo, sentado num banco da praça da Sé. Todos o cumprimentam ele responde baixando a cabeça. Está com 69 anos e queixa-se do cansaço.

— «A praça da Sé agora está bonita. Está mais vazia, mas está mais bonita. Sabe, o progresso não me entristeceu, até que achei bom, mas preferia São Paulo de ontem, de outra, do tempo dos bondes, do «Vai táxi», no largo da Sé. Manja? — «Vai táxi»: Tenho saudade das gafeiras, do tempo do «Frontão da Boa Vista», «Frontão da Formosa». A malandragem aqui na praça da Sé era legal (no bom sentido); me entristece hoje ver essa violência que anda por aí.

Adoniram faz uma pausa, pede um cigarro, acende e prossegue:

— «A nossa boemia de antigamente era mais «sossegadinha», sabe, você podia ficar nas ruas cantando suas músicas. Andava de bar em bar, bebia lá bebia cá...

— Tranquilo. Você ficava tranquilo com a sua namorada, ouvia um sonzinho, ninguém perturbava. Agora não pode mais. Acabou tudo. Veja bem que até as estrelas estão brigando. Repare. Quando há noite de lua e o céu está estrelado. Repare nas estrelas... De repente uma cai. É que elas estão brigando entre elas, entendeu?

Olhei para Adoniram e achei bonito. Perguntei se dava samba e, ele com aquele jeito todo dele sorriu e disse: — Talvez dê um samba pra São Paulo. A imagem é bonitinha, não é?»

Agora não tem mais o «Trem das Onze» que era, o velho trem da Cantareira. Em compensação aí estão os possantes trens do Metrô que em 15 minutos vão do Jabaquara à Santana. No entanto, o poeta enxerga com um pouco de tristeza. O trem para ele era uma coisa muito importante, ainda que em seu mundo, onde talvez hoje ele seja seu único passageiro.

— «O trem era uma beleza. A máquina era à lenha. Sou muito conversador, eu não gostei quando desapareceu aquele trenzinho da Cantareira. Agora tem o Metrô. Tá certo. É melhor, tem mais conforto. Mas ainda assim eu sinto tristeza. — Fazer o que? — Progresso é progresso — tem que progredir... (pausa) — Podiam conservar o trenzinho. Deixar lá, ao menos para os turistas.



O POETA

Na praça que ele cantou em prosa e verso, Adoniram recorda coisas e gente de sua cidade: São Paulo

### Muita Gente

«Hoje, a cidade tem muita gente, eu não gosto. Outra coisa, no meu tempo, «tempo do bonde», não tinha tanta gente. O pessoal se dava melhor, agora um quer comer o outro. É fogo! Hoje é fogo pra se viver.

«O progresso varreu o lirismo das ruas, a praça da Sé, da República, a própria João Mendes. Aqui na Sé, onde nós estamos era ponto de músicos. Já não existe mais, eles ficavam aqui durante a tarde, então, o pessoal dos bailes vinha para cá contratá-los. Era bacana vir até aqui bater papo com eles, hoje em dia dá pena ver os músicos. Músicos bons sem fazer nada». Adoniram aproveita para dizer que não é contra as «discotecas», mas diz que se for pra funcionar, que paguem 5 mil cruzeiros por noite. Se colocarem música ao vivo, a coisa muda: — É de graça. — «Deviam por orquestras nos salões, assim haveria lugar para os músicos poderem trabalhar. Mas por outro lado, vejo muita chance para eles. As gafeiras estão voltando. Lembrome da «28», era a gafeira mais

(CONTINUA NO VERSO) →

antiga de São Paulo ficava lá na Flôrencio de Abreu. Pegou fogo. Agora, o «Som de Cristal» ainda existe, está lá na Régio Freitas; na praça João Mendes também tinha uma.

#### Agora é Madame

«Praça da Sé/Praça da Sé/Hoje você é/Madame Estação Sé». — Parece que o Poeta fala como se sua amada o tivesse abandonado para uma vida melhor. Talvez seja isso. Me lembra Chico Buarque: «Eu não sei bem com certeza/ o que foi que belo dia/quem brincava de princesa/ acostumou na fantasia». — «Praça da Sé» foi feito em homenagem à inauguração da Estação Sé. Adoniram cala-se por alguns instantes. Seus olhos buscam a velha Praça da Sé, lentamente, vão voltando as imagens antigas. Chego ter a impressão que o cenário mudou completamente.

— «Eu frequentava muito por aqui. Restaurantes, bilhares, namoradas, tudo aqui. — Eu me lembro muito do restaurante Jardim da Sé, não tem mais, já acabou. — Dá saudade, a comida era boa, garçons bons, tudo era muito bom. Tenho saudade também do «Palhaço», outro restaurante lá na avenida São João. O bar Viaduto... — Puxa vida, me dá uma saudade de uma porção de coisas que não existem mais. Eu passo e sinto um negócio em mim, não dá nem pra explicar.

«A praça da Sé ficou linda, agora ela é madame, mas quando era menina pobre era mais gostoso vir aqui conversar com ela. Tinha jogo de caxeta, era na calçada mesmo. O camelô de antigamente era mais inteligente, falava bem. Ele chegava e começava a falar. Juntava gente. Alvinho o «Farol», que era amigo dele e fingia que comprava: — «dá mais um, dá mais um», o pessoal via aquele movimento e acabava comprando». — «Quem te conheceu/Há alguns anos atrás/Como e te conheci/Não te conhece mais/Nem vai conse-

guá/Te reconhece/Se hoje passar por aqui/Alguém que já faz/Alguns tempo que não lhe vê/Pouca coisa tem que conta/Pouca coisa tem que diz/Vai pensar que está sonhando/ É natural/Nunca viu coisa igual».

«Os engraxates de hoje são tão bons, não sabem tanto. Alguns sujaram os sapatos em vez de engraxar. No meu tempo eram bons. Eles batucavam nas suas caixas, era um negócio bem diferente. Acabaram com isso também».

#### Aniversário

Da 25 São Paulo completará 425 anos. Adoniram é o grande poeta popular da cidade. Ele fala pelo povo usando a mesma linguagem, sentindo tristeza e o mesmo drama dessa gente que viaja nos trens de subúrbio quase que dependurada. Porém, está em seu samba: — «Deus dá o frio conforme o cobertor». O poeta disse que gostaria de dar um grande presente a São Paulo, no entanto, diz que não tem dinheiro. — «Vou ver se faço um samba, já fiz diversos, talvez eu faça. — Mas olha, pra dizer a verdade eu gostaria que voltassem os bondes, abertos (cortinas de pano). Gostaria também que voltasse o meu trenzinho da Cantareira. Eu queria, juro que queria que São Paulo devolvesse tudo isso pra São Paulo».

— «Da nossa Praça da Sé de outrora/Quase que não tem mais nada/Nem o relógio que marcava as horas/ Pros namorados encontrar com as namoradas/Nem o velho bonde, dim, dim, dim, dim, dim, dim/Nem o condutor, dois pra Light/E um pra mim/Nem o jornalista, provocando o motornelro/Nem o engraxate jogando caixeta o dia inteiro/Era uma gostosura/Ver os camelôs correr dos fiscais da Prefeitura».

— «Vou até o Parreirinha rebater ressaca». — Adoniram despede-se e cabisbaixo sai caminhando pelas ruas da sua Praça da Sé.

DIÁRIO DE SÃO PAULO  
Suplemento de Rádios,  
Televisão e Teatros

PÁGINA 14

Sem Data



**MALOQUEIRO** — Adoniran Barbosa, astro do drama e da comédia, aqui aparece como um verdadeiro habitante das malocas. É ele quem encarna o "Charutinho", tipo central do programa que está sempre dizendo ditados como este "Urubú também tem o seu dia de gorjeio"...

## "HISTÓRIAS DAS MALOCAS"

Viagem costeira em redor dos humildes

"Cabelo de Sinteco", "Alicate", "Bigode de Bacalhau", "Cachumbinha", "Mormaço", "Mão de Nailon", "Seu Djalma", "Córda de Poço" — eis os tipos que desfilam, todas as sextas-feiras, às 21 horas, neste programa escrito por Osvaldo Moles, que anda focalizando a vida, a paixão e a morte da turma das malocas.

Não se pense que a turma das malocas seja aquela que ganha o salário mínimo. Não. Essa turma que desfila às sextas-feiras, pelo microfone da Rádio Record, está abaixo do salário mínimo, porque "não tem nem saliva na boca, para cuspir".

Desfilam aqui histórias de gente humilde, como é o caso do "Charutinho", crioulo sabido, que sempre acaba sendo vítima da própria esperteza. A do "Mormaço", que morreu de sono encostado à vitrina de uma loja de colchões de molas. Mas a mais comovente história já narrada pela audição sexta-feira de Osvaldo Moles é, sem dúvida, aquela que trata do nascimento do filho do preto. É a história de um lunfa saído da cadeia que volta para casa pensando no menino que nasceu naqueles dias. E sonha. Quer que o "filho do preto" nascido agora, seja doutor, engenheiro, advogado e não um marginal como ele... Mas quando chega em casa, sabe que a sua crioula deu o negrinho para uma família de brancos...

Adoniran Barbosa, autor de "Saudosa Maloca", música muito brasileira e de grande sucesso, interpreta os papéis centrais, com aquele talento que todos apreciam e botando muito amor quando faz o percurso de uma história que dura 25 minutos em que os ouvintes ficam suspensos pelo brilho da interpretação. Mariamélia, a grande estrela dos programas populares; Maria Teresa, prêmio Roquete Pinto de 1937, como comediante; Djalma Amaral, Alfredo Gramani, José Moura, Mariângela, Alzira de Oliveira e a narração contida e simpática de Jorge de Magalhães fazem de "Histórias das Malocas" um dos programas de maior êxito da Record.

# Os rumos da MPB

Quem quiser falar com João Rubinatto, terá primeiro que telefonar para a sua casa no Jardim Prudência, mas só vai conseguir ver mesmo Adoniram Barbosa na TV-Tupi no Sumaré. É lá que ele costuma começar o dia, deixando na portaria — ali sempre se sabe onde Adoniram se encontra — o seu infalível chapéu-côco.

Ser ator de televisão não é mera casualidade na vida de Rubinatto, o conhecido autor do Samba do Arnesto, já, há alguns anos aposentado pela Rádio Record — «prá me garanti, certo» — onde por doze anos, fez o que considera sua maior criação: O «Charutinho», escrito e dirigido «pelo

meu maior amigo, Osvaldo Moles, pode escrever isso, morreu em 58 e pouco, coitado...»

Certa vez, diz ele, apareci aqui (Tupi), prá rever uns amigos, e o Carlos Zara chegou prá mim dizendo: você quer fazer televisão sério mais sério mesmo? Para ele «seria uma mão-na-roda, já pensou, eu fazendo novela, é sempre um tutu a mais! Adoniram foi o pescador em Mulheres de Areia, 1973.

O Charutinho, de Histórias das Malocas, não gosta muito de falar dos tempos de criança no interior de São Paulo, muito difíceis que só deu para fazer até o terceiro ano

**Adoniran,  
para  
quem  
a boemia  
terminou.**

Hiroshi Fujii



Adoniran Barbosa

(CONTINUA NO  
VERSO) →

primário indo muito cedo trabalhar, como empregado em várias indústrias de tecidos e metalúrgica.

Nascido em Valinhos, a 8 de novembro de 1910, aos 8 anos veio para Jundiaí, onde começou a trabalhar como tecelão. Seus pais d. Erna e Fernando, que tinha mais 2 meninos e 3 meninas, não gostavam muito da idéia, mas «a situação não tinha remédio, o que é que a gente podia fazer...»

Em 24, as coisas não estavam diferentes de modo que, imberbe ainda Adoniram se transferiu para Santo André, onde ficaria até 1932, quando passou a entregador numa indústria de tecidos em São Paulo.

— Sabe sempre gostei de samba, vocês garotos de hoje nem pensavam em nascer, ô eu já fazia ponto no Largo da Misericórdia, ali no Brás, na PRB 6. Eu largava a bicicleta do pai pra lá e ficava ouvindo «vidrado» Paraguassu, Garoto (Anibal Augusto Sardinha, para poucos, mas reconhecidamente um violonista que nesse tempo, até 1955 quando desapareceu, tocava harmonicamente avançado: esse comportamento, em 1958, desconhecido para muitos ocorreu antes da bossanova, Jânuario, Pescuma, Fernandinho, Magliari.

Adoniram demonstra um certo orgulho pelas companhias, que teve nesse tempo (1933/34) e não esforça-se muito para lembrar Pixinguinha, Kid Pepe, Ary Barroso, Noel, Paquito, Jaime Vogler, Benedito Lacerda, todos grandes influências e tendências que ele muito apreciou.

No Carnaval de 1935, Adoniram inscreveu d. Boa música, feita em parceria com J. Amberé num concurso patrocinado pela prefeitura do Rio de Janeiro. O prêmio obtido pela marcha, animaria os bailes da época, mas não muito a dupla que muito desiludidas reclamava a possibilidade de gravar. «Não dava pra viver de música não»...

Os 300 contos de prêmio já tinham se acabado, e entre as tantas composições figuravam Moreninha do Brás, Moreninha do Belém, Meu Orgulho Acabou e Teu Sorriso, sem nenhuma chance de gravação. «Sabe como é, nois vai, nois fomo... nessa época não tinha vez...»

1935, foi um ano menos impossível para Adoniram que gravou Chora Cavaquinho e Foi Ela, já de volta a São Paulo, para fazer programas de calouros na Rádio Difusora, aos sábados e domingos à tarde, onde ganharia 20 mil reis de cachê. A partir daí já casado, traçaria uma longa trajetória radialística, começando pela Kosmos cujos anunciantes eram arranjados por ele mesmo. O passo seguinte na Rádio Cruzeiro do Sul, em companhia de Rondenelli, passaria a ator cômico, além, de finalmente ter oportunidade de mostrar suas composições. Juracy de Barros, Vicente Leporace, Blota Junior o maestro Gaó, foram alguns de seus companheiros. Em 1942, foi para a Rádio Record, de onde não saiu mais até se aposentar, iniciando a melhor fase de sua carreira como compositor, já que Adoniram sempre se considerou muito mais um rádio-ator.

— Em 42 fiz Asa Negra, gravada pelo Sindô para o carnaval. Em 49 fiz Malvina em discos Elite e só vim conhecer os Demônios da Garôa em 1947, na Record. Ai, bom aí eu fiz Joga a Chave um sucessão do Azevedo França.

Mas até 1957, não pela quantidade — nessa época Adoniram já tinha perto de 20 sambas, mas pelo critério predominante do que se poderia chamar, bom gosto pouca gente estava interessada em gravá-los. Assim Iracema, Mariposa, Apaga o Fogo Mané, sob o delito de cometer expressões como Nois vai..., Nois Fica..., não tinham nenhuma chance.

Pouco a pouco, Adoniram acumulava Samba do Ernesto, Maloca, Progressão, e Colibri, até que Oswaldo Guzzoni resolveu gravá-los na Odeon, e tudo isso não seria muito importante para Adoniram, que criaria Charutinho, escrito por Oswaldo Moles. História das Malocas, ficaria no ar até 1968 (12 anos) contracenado por Walery Martins, Maria Tereza, Paulo Augusto, D. Martini e Randal Juliano como apresentador.

— Sempre andei e muito à noite, pelos botequins da cidade. Frequentei muito o Brás, Pça. Marechal Deodoro, onde morei um bom tempo, a rua D. José de Barros e principalmente o Bexiga na Bela Vista. Qué sabê duma coisa?

Sempre gostei de andar sózinho, agente não precisa ficar dando satisfação, sabe: Quem paga não paga... Brigo não briga... Bebe não bebe...

A aparente solidão de Adoniram, na verdade nunca existiu mesmo porque qualquer esquina, botequim ou companhia eventual o satisfazia. «A gente bate um papo, se despede e nunca mais vai se vê e chega não precisa ficar pegando no pé, não é verdade?» Este fato fez com que Adoniram ficasse muito conhecido, ao mesmo tempo em que as suas composições nunca foram inspiradas em situações reais «pura imaginação» segundo ele.

— Eu estava fazendo um show em São Paulo (1974) Teatro 13 de Maio em homenagem ao samba paulista. Nêle participavam, uma escola de samba do Rio o Cartola quando o Pelão teve a idéia de produzir um LP. A coisa na minha modesta opinião ficou muito boa sabe, os arranjos do Zé Briamonte, o som ficou ótimo da Odeon, só a minha voz claro, mas tudo mundo tem que compreender que ela tem 64 anos, certo?

Adoniram começou como tele-ator em 1969, na TV-Record Ceará Contra 007 e Quem Bate, uma referência engraçada aos enlatados da série Combate. As suas idas diárias à Tupi no Sumaré têm uma explicação mais ou menos complicada; Adoniram diz que depois de Mulheres de Areia, vai fazer uma nova novela, só que não sabe qual, nem quando e nem quem vai dirigir...

O Charutinho não consegue esconder um certo nervosismo porque hoje ele deve comparecer a uma delegacia — pela primeira vez na vida — porque figura como vítima num acidente automobilístico. Olha para o relógio e se queixa de ter que diariamente andar a pé, «você sabe fumando e bebendo whisky do jeito que eu estou o negócio não é fácil».

— Em 52 fiz Samba do Bexiga, Cinema? Deixa ver... Cangaceiro Carrocinha, Candinho e Caldo do Céu. Ao todo três filmes para a Vera Cruz e mais dois com o Mazaropi, mas impressionante mesmo foi lotar, agora na primeira quinzena de setembro o Teatro Opinião do Rio, Comecei a apresentação às 22:30 e só parei à meia-noite e meia.

Duas horas não foram suficientes para que o atual reconhecimento de Adoniram fosse desfrutado por completo pela alegre platéia que lotou o Opinião, «carioca ri a tóia», garantindo ter sido um negócio impressionante o sucesso. «Já pensou, samba paulista no Rio de Janeiro» diz muito orgulhoso e sem nenhum planejamento, apenas conversando e cantando os seus sambas. Sobre a possível existência de uma musa inspiradora respondeu a um espectador mais curioso: Musa-aliche... Musa-rella...

Adoniram não se arrisca a falar de sua vida particular, apenas menciona ter uma filha «muito bem casada no Rio» e que no mais a sua vida particular é igual à de todo mundo: Levanto, lavo a cara, tomo café e venho pra Tupi. Depois eu desço pra cidade, almoço, aí vou até a Editora Vitale, Odeon ou Copacabana, onde sempre tem gente querendo ouvir os meus sambas. Agora tem gente querendo aquelas coisas todas que os Demônios da Garôa gravaram e há bem pouco tempo os Originals do Samba: Se o senhor não tá lembrado/Dá licença deu contá/Aqui aonde está/Nesse edifício alto...

Na verdade Adoniram tem muita vontade de gravar, (O Legume que Ela Quê e Tiro ao Alvaro), entusiasmado pela excelente qualidade de seu LP para a Odeon, no qual segundo a maioria, Bom Dia Tristeza com letra de Vinícius obtém uma interpretação definitiva.

Ines saiu/Ines saiu/Dizendo que ia comprar um pavio/Pró lampião/Pode esperar Mané/Eu já volto já/Acendi o fogão/Botei água pra esquentar/Esui pró portão/Só pra vê Ines chegã/Anoteceu/E ela não voltou/Fui pra rua feito louco/Só pra vê o que aconteceu/Procurei no hospital/Procurei na central/E no xadrez/Andei à cidade inteira/Voltei pra casa/Triste demais/O que Ines me fez/Não se faz/E no chão/Bem perto do fogão/Encontrei um papel escrito assim/Pode apagã o fogo, Mané/Eu não volto mais...

— Agora bem cedinho, no finzinho da tarde eu volto pra minha casa e fico lá tranquilo com a minha mulher. Afinal hoje em dia é muito perigoso a gente andá sózinho na cidade, não é mesmo?

F O L H A   D E   S Ã O   P A U L O  
(1965 a 1984)

índice

- 1965.....	5
- 1967.....	6
- 1968.....	11
-1969 .....	15
- 1970.....	17
- 1971.....	18
- 1973.....	19
- 1974.....	20
- 1975.....	24
- 1977.....	32
-1978 .....	38
- 1979.....	47
-1980 .....	48
- 1981.....	52
- 1982.....	55
- 1983.....	80
- 1984.....	89
- SEM DATA.....	97



# jornal da tarde

Cr\$ 150,00

O ESTADO DE S. PAULO

Sexta-feira, 5 de agosto de 1983. Número 5.421. Ano 18

#### Lembrando Adoniran

Amanhã seria o aniversário de Adoniran Barbosa, e, para comemorar a data, será inaugurado um busto do compositor na praça Don Orião, no Bixiga. A festa está marcada para as 17 horas. E a exposição Retrato de um Bairro — Bixiga, que se deveria encerrar hoje no Espaço Turístico da Secretaria de Turismo do Estado, na rua 15 de Novembro, vai continuar até o dia 19. Ela funciona de segunda a sexta, das 10 às 18h.

Terço-feira, 22-11-83

## MÚSICA/TEATRO

Adoniran, não  
podemos mesmo nos  
esquecer de você

Sr.: "Se o senhô num tá lembrado/ dá licença de contô... que há um ano (23-11-83) o senhor João Rubinato... vive Bem juntinho de Nosso Senhor... acompanhado por Zé Cunversa — Casa da Sogra — Charutinho — História das Malocas — Barbosinha Mal-Educado da Silva — Escola Risonha e Franca — Moisés Rabinovic — o judeu das prestações — Jean Rubinet — o galã do cinema francês — Perna Fina — o motorista italiano — Richard Morris — o professor de inglês; personagens criados por Osvaldo Molles e vividos por Adoniran Barbosa, desde os anos 40 até 1965 na Rádio Record — SP.

Sr.: Numa tarde de terça-feira do

mês de novembro de 1932 o autor de *Saudosa Maloca* e *Iracema* surpreendeu seus admiradores quando sussurrou: 'Não posso ficar/Nem mais um minuto com você/Sinto muito, amor/Mas não pode ser...'. Morreu tranquilo aquele que soube jogar com mestria na retaguarda dos personagens que coloriam os programas que citamos no começo desta cartinha. O Trem das Onze partiu levando Adoniran Barbosa pra pisar macio e falar rouco na casa de outros Samba do Ernesto, Malvina, Gol do Amor, Tiro ao Alvaro, Um Samba no Bixiga em novos becos culturais; ou, quem sabe, noutra Sampa?

Sr.: Os moradores do Bexiga se movimentaram e a antiga travessa Brig. Luiz Antônio passou a ser rua Adoniran Barbosa; no Centro Cultural de São Paulo uma das salas recebeu o nome de Adoniran Barbosa e inauguraram na praça Dom Orione — uma das mais tradicionais do bairro — o busto do compositor-humorista-ator paulista. Justas homenagens a Adoniran Barbosa, que soube lidar para valorização e introduziu no rádio, no samba urbano, nos jornais, na tevê e no cinema o português falado pelos mestiços que moram no Bexiga ou Bela Vista." Roque S. de Souza, *Capital*.

NOTÍCIAS POPULARES  
JANEIRO - 1975

**A Mataca**  
MAGAZINE

Foram visitar o Adoniram Barbosa no hospital. A certa altura, o sambista reclamou: "Vocês vieram aqui pra me visitar ou pra conversar?..."

## Trem das Onze exposto no museu ferroviário

"Se eu perder este trem, que sai agora às 11 horas, só amanhã de manhã". A imagem da locomotiva "Jibóia", que conduzia o popularmente conhecido "trem das onze", inspirador de Adoniran Barbosa, será perpetuada pela Ferrovia Paulista S.A., que retirou a máquina do leilão público, a ser realizado amanhã, a que era previamente destinada, dando-lhe destaque especial no museu ferroviário da empresa, em Jundiaí.

A medida foi adotada, ontem, pelo presidente da FEPASA, eng.º Walter Pedro Bodini, em razão do valor histórico que a locomotiva representa para a história da periferia paulista. A "Jibóia" ficará agora como símbolo de um passado, servindo ainda como fonte de inspiração para as novas gerações, que não podem desconhecer a his-

tória que viveram seus pais e avós, na São Paulo antiga.

### RUMO AO MUSEU

A "Jibóia", a todo o vapor, começou suas viagens no dia 3 de junho de 1936, nas linhas da antiga Cantareira. Pesa 89 toneladas, está em bom estado de conservação, embora há mais de 25 anos tenha sido retirada do tráfego ativo. Seu apelido, que vem desde o começo de seus trabalhos de tração, é devido ao formato alongado e arredondado, como uma gigantesca cobra.

Por determinação expressa do eng.º Walter Pedro Bodini, ela será recolhida imediatamente ao museu da FEPASA, em Jundiaí, onde ficará junto com os acervos históricos das cinco empresas, que vieram a formar a Ferrovia Paulista S.A.

## Elis cantada de todas as formas em sua semana

São Paulo canta Elis, a partir de hoje, de todas as formas. Começa a "3ª Semana Elis", promovida pela Associação Brasileira Elis em Movimento. O ponto de partida é o Museu Adoniran Barbosa — porque Elis amava São Paulo e Adoniran é um símbolo da cidade, segundo Márcia Santos, diretora da Associação —, depois Sala Adoniran Barbosa do Centro Cultural São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, Igreja de São Francisco e volta ao Museu.

A partir das 12h30, na presença de dona Matilde, mulher de Adoniran, é inaugurada a exposição com posters, programas, ingressos e camisetas de shows realizados pela cantora desde a época do "Fino da Bossa", ao lado de sete quadros do artista plástico Gil Vicente. O endereço é rua Quinze de Novembro, 347.

Na terça, a prática de Elis — estar sempre à procura de novos valores para a nossa música — permanece viva com a abertura da parte musical da Semana no Centro Cultural, à rua Vergueiro, 1.000, sempre às 20 horas. Tom Zé, Grupo 3 x 4, Cláudio Lucci, Luli e Lucina fazem o primeiro show e essa tendência de Elis vai tornando-se mais forte na quarta-feira, quando se apresenta o Grupo Opera Brasil, Jean Garfunkel, Paulo Garfunkel, Cesar Brunetti e Regina Tati. Quarta-feira, a "3ª Semana Elis" fica por conta de Neuza Pinheiro, Na Corda



Em vários pontos da cidade, as homenagens a Elis

Banda, Grupo Casa Três, Eduardo Assad e Rosa Maria.

Com tanta gente se apresentando, não espere, contudo, relembrar os grandes sucessos da "pimentinha". Márcia explica que os convidados para a parte musical da Semana tive-

ram toda liberdade para escolher seus repertórios: "Cada um estará no Centro Cultural para mostrar seu trabalho, sua produção. Afinal, a maioria é formada por cantores e conjuntos desconhecidos. Elis gostava de lançá-los no mercado e esta é uma das propostas de

nossa Associação". Quer dizer, a princípio, a parte musical da Semana poderia ser chamada "Elis em Pensamento".

Elis atriz, mulher, ser social, repórter de seu tempo, cantora e incentivadora da música, e do músico, popular brasileira é um capítulo à parte dentro da programação. Acontece dia 18, sexta-feira, no auditório da Secretaria do Estado da Cultura, à rua Libero Badaró, 39, às 19h30, em forma de debate. Participam: Ireda Cardoso, Elifas Andreatto, Yone Cirillo, Oswaldo Mendes, Zé Nogueira, Fernando Faro e Carlos Tramontina.

No dia seguinte, sábado, 19 de janeiro, às 12h30, acontece a missa em sua memória na Igreja de São Francisco, no largo São Francisco, para a noite, 20 horas, a música de Cida Moreira, Regina Machado, Silvana, Ivette Mattos e Filó lembrar como foi bom ter existido Elis, porque agora eles têm um espaço garantido, pelo menos um vez por ano.

A Semana, com sua parte musical, termina no domingo, às 18h30, com Klebi, Grupo Bolinho de Carne com Beringela, Maria da Paz, Cláudia Regina, Celso Viáfara, Chico de Abreu e Belchior. Quanto à exposição, fica até o dia 25 de janeiro, de segunda a sexta, das 12 às 16 horas, funcionando aos fins de semana, só para os passageiros do Turismetrô. O endereço do Museu é rua Quinze de Novembro, 347.

# SAMBA BOM ESTÁ AQUI

De Adoniram Barbosa, o samba "Mulher, Patrão e Cachaça", interpretado pelos Demônios da Garoa.

Num barracão de favela do Vergueiro  
Onde se guarda instrumento  
Ali nois morava em treiz.  
Eu violão da Silveira seu criado  
Ela a cuica de Souza  
E o cavaquinho de Oliveira Penteadado.  
Quando o cavaco centrava  
E a cuica soluçava  
Eu entrava de bararia  
E a zimangada sambava  
Bebia saculejava  
Dia e noite, noite e dia.  
No barracão quando a gente batucava  
Essa cuica malvada  
Chorava como ela só.  
Pois ela gostava demais do meu "rir"  
E bem baixinho gemia  
Gemia assim como quem tem algum dodói  
Tudo aquilo era pra mim  
Gemia e me olhava assim  
Como quem diz ali "my boy"  
E eu como bô violão  
Carregava no dordão  
Caprichava o sol maí

Mais um dia patrão que horrô  
Foi o rádio que anunciô  
Com fundo musical  
Dona cuica de Souza  
Com o cavaco de Oliveira Penteadado se casô  
Me deu uma coisa nu caquête  
Eu ia pegá o cavaco  
O pandêro me falô  
Não seja bobo, não se escacha  
Mulher patrão e bolacha  
Em qualquer canto se acha.



# A mesa 34, o banco na porta, a sesta no

Adoniran Barbosa começa a despertar saudades, muitas saudades. Que o digam o garçom Xixa e o gerente Mário, do Restaurante Parreirinha, onde há mais de 40 anos Adoniran "batia o ponto" quase que diariamente e ultimamente sempre no mesmo lugar: a mesa 34; lá no fundo, perto da cristaleira e da janela da cozinha. Também no minúsculo barzinho La Barca, na mesma rua General Jardim, está vazio, e sendo olhado com muita tristeza o banquinho bem em frente à porta de entrada onde tantas vezes, nos últimos 10 anos, Adoniran sentou para tomar um Old Eight antes de ir para casa e fazer companhia ao Maximino, dono do lugar e um dos integrantes do conjunto Talismã, que acompanhou Adoniran em gravações e apresentações.

Também lá pelos lados da Major Queidinho, na sede da Rádio e do Estúdio Eldorado havia o mesmo sentimento de perda. Afinal, quem mais senão Adoniran Barbosa poderia ocupar o velho sofá da entrada, onde, por muito tempo, todas as tardes, dormiu a sua sesta?

## O trajeto diário

Ligando esses três locais — o Parreirinha, o sofá da Eldorado e o La Barca — não é difícil compor o trajeto diário que fazia aquela figura sempre bem humorada, de chapuzinho, cachecol e gravata borboleta.

Era por volta das 12h30 que Adoniran chegava para almoçar no Parreirinha. Isso nos últimos cinco anos. Porque antes, há mais de 35 anos, ele chegava na primeira sede do restaurante — lá na rua Conselheiro Nébias — bem tarde da noite para jantar. Vinha acompanhado de amigos — Cyro Monteiro, Nelson Gonçalves, Ataulfo Alves — bebia chope, cantarolava com eles. Afinal, não era difícil para Adoniran chegar até lá. Ele morava ao lado. Quando o restaurante mudou para a avenida Ipiranga, o fiel cliente o seguiu. E aí já escolheu a hora do almoço para marcar a sua presença, sempre pedindo "miniporções" (devidamente cobradas pela metade). Nesses três endereços estavam sempre o Xixa (Augusto Pacheco) e o Mário — apelido, por incrível que pareça, do



Maximino, do Talismã e de La Barca.



Mário e Xixa, na mesa 34, o ponto.

— Ele gostava é quando alguém de longe lhe acenava e gritava: Oi, Adoniran!

Pagava na hora. Apesar de ser freguês há mais de 40 anos, não tinha conta no restaurante. Quando a refeição terminava ele mudava de mesa. Ia lá pra frente, perto da porta de entrada, ficava descansando, absorto, tamborilando com os dedos na mesa, pedindo mais um copinho d'água, outro cigarrinho, coisas assim. Ah... de vez em quando fazia o seu joguinho na Loteria Esportiva e aí chamava o Xixa pra marcar o cartão pra ele na lotérica do lado.

Finda a sessão Parreirinha, lá ia Adoniran pelas ruas da cidade, parando para conversar com os amigos — os muitos que ele tinha espalhados pela "Boca" — na direção da Rádio Eldorado. Entrava, deixava no sofá e dormia todo satisfeito. Quando acordava ficava passeando pelos corredores, conversava com os amigos, sondava os funcionários sobre algumas idéias novas que tinha pra a compor. Enfim, sentia-se em casa.

## O sofá, um escritório.

— Aqui acabou virando o escritório do Adoniran, lembra Aloísio Falcão. Era no sofá que ele marcava entrevistas com jornalistas com a rádio e a TV. Depois da sesta, claro. O telefone da Eldorado era também indicado por Adoniran para os empresários que queriam encontrá-lo para shows. E até um produtor nosso, o Zé Nogueira, foi eleito

(D)

J. T. - 25/11/82 - S. P.

PÁG. 27 (FINAL)

## sofá: saudoso Adoniran.



...fixo de Adoniran no Parrelrinha.

por ele como uma espécie de contato. Acabou o Nogueira acertando preços de cachê, detalhes de produção, tudo isso.

Quando a empresa decidiu, há cerca de um ano, exigir que as pessoas se identificassem para entrar na Rádio, veio à tona o caso especialíssimo de Adoniran. Foi o próprio João Lara Mesquita, da direção da Rádio e do Estúdio, quem encontrou a solução: confeccionou-se um crachá especial para Adoniran. Foi também João Lara quem teve a idéia de documentar o sono de Adoniran no sofá da Eldorado. A foto, tirada há pouco mais de três meses, vai ser ampliada para ser colocada acima do sofá — que está agora no corredor.

Homenagem semelhante também vão lhe fazer no Parrelrinha. Mário avisou que está procurando uma boa foto do cliente para colocar na parede, em cima da mesa 34, homenagem que já haviam recebido antes a cantora Milena e o cantor Noite Ilustrada, que no seu último disco — Profecia — gravou o samba São Paulo Antigo, de Raimundo Prates, onde Adoniran é citado nominalmente.

Já no La Barca, Adoniran deixou sua marca num samba que compôs há uns cinco meses e que entregou ao amigo José Martins, outro integrante do Conjunto Talismã, para ele cantar "aí pela noite". Simplex Motivo, o samba, fala da mulher que fugiu, foi embora, "dizem que por um simples

motivo". Também lá, como acontecia na Eldorado e no Parrelrinha, o telefone era usado por Adoniran para acertar seus compromissos.

— Ele chegava por volta das 17 horas, sentava aí na frente da porta e ficava conversando com o Maximino enquanto ele acertava a limpeza da casa e conferia o caixa, lembra emocionado José Martins. Quando o trânsito começava a engrossar ele levantava prá ir embora. A gente mesmo parava o táxi para ele aí na porta.

Os componentes do Conjunto Talismã — que ainda hoje anima as noitadas no La Barca e que além de Zé e Maximino conta com a presença de Chico Timba, Miquirem e Pedrinho — acompanharam muito Adoniran pelas suas apresentações em shows. Ele queria sempre o conjunto bem pertinho dele. Não se sentia seguro quando eles tocavam longe.

— Apesar de ser muito cuca fresca, sempre brincalhão, Adoniran ficava muito nervoso quando ia-se apresentar, lembra José Martins. Acho que por isso ele queria a gente bem pertinho. Parecia se sentir protegido.

### Cadê Adoniran?

Foi ainda o conjunto Talismã que acabou prestando ao velho Adoniran talvez a sua última homenagem em vida, quando gravou no seu mais recente LP a música Cadê Adoniran?, de Raimundo Prates e Bráulio de Castro.

— A gente batalhou mesmo pra que essa música fosse executada, mas ninguém ligou para ela.

Pena. Porque hoje parece muito tarde ouvir o que ela tem de bonito e a dizer a Adoniran:

"Sai pela noite afora/ Com a brava curriola/ A fim de escutar viola/ Tomei umas no Bixiga/ E mais outras no Brás/ Esse pinta não pinta lá mais/ Em que barraco você se escondeu?"

E a música vai por aí afora. Termina com uma frase muito verdadeira: "Samba sem Adoniran/ Até parece velório".

Vera Magyar



Sexta-feira, 4-2-63 —

# VÃO SAIR AS BANDAS

As bandas do Pirandello, do Bar Redondo e do Pedaco começam a sair amanhã.

Em mesa de bar, diz a sabedoria popular, tudo se discute, mas nada se decide. A Banda do Pirandello, porém, contraria o ditado. Concebida nas mesas do Spazio Pirandello, hoje ela é uma realidade. Antônio Maschio, um dos proprietários do restaurante e um dos fundadores da banda, explica que ela "nasceu da idéia dos nossos clientes".

Maschio se encarregou de colocar um papel no bolso de Fernando Jacon, um dos frequentadores do Pirandello. "No dia seguinte — sorri Fernando —, fiquei sabendo que era o presidente da Banda do Pirandello. A partir, daí começou todo o trabalho burocrático: constituir sociedade sem fins lucrativos, redigir estatuto, formar diretoria e até declarar imposto de renda. Mas valeu o esforço."

O ano passado, debaixo de forte chuva e com muita animação, a Banda do Pirandello ganhou as ruas de São Paulo, conquistando o seu espaço dentro do carnaval paulistano. Aliás, a banda carrega a bênção de gente famosa, que tem a ver com o seu espírito. Mário e Oswald de Andrade são os patronos, o padrinho é Adoniran Barbosa (que desfilou no ano passado), a madrinha espiritual é Olga de Alaketa e a madrinha Adelaide Andrade, que será um dos destaques desse ano, juntamente com Matilde,

esposa de Adoniran, e Ciça Camargo, rainha dos artistas.

Depois dessa longa apresentação, vem o convite do pessoal da Banda do Pirandello a todos os paulistanos: desfilar com ela. A banda sai às ruas amanhã às 15h30, mas a concentração será às 14h30, em frente ao Spazio Pirandello, rua Augusta, 311.

Antes da saída da banda, será realizada uma cerimônia especial da "calçada da glória", onde Nenê (fundador da Nenê de Vila Matilde) e a porta-bandeira Maria Inês deixarão suas mãos gravadas no cimento em frente ao restaurante. Maschio ressalta que essa homenagem é importante por dois motivos: "Pela tradição da Nenê no carnaval de São Paulo e pelo agradecimento ao apoio que a banda recebeu da escola no seu primeiro ano".

Depois da cerimônia, uma parte da bateria da Nenê de Vila Matilde se juntará aos 15 instrumentistas de metais e abrirá a parte musical com a execução de "Trem das Onze", de Adoniran Barbosa. No encerramento, a banda tocará "Trem Azul". Assim, serão homenageados Adoniran e Ellis.

A frente da banda, irá a porta-bandeira Helena del Ciello, segurando o estandarte preto, vermelho e prata; mesmas cores do seu vestido.

Neste ano, a Paulistur colabo-

rou com a Banda do Pirandello ao emprestar a perua de som. Maschio também faz questão de agradecer ao DSV e à Polícia Militar, que se encarregarão de bloquear o trânsito à medida que a banda for passando e cuidarão de evitar tumultos. Aqui, o trajeto: rua Augusta, Caio Prado, Consolação, Rego Freitas, largo do Arouche, Vieira de Carvalho, praça da República, Barão de Itapetianga e praça Ramos de Azevedo.

Na porta do Municipal, onde estarão esperando o rei Momo, a rainha e as princesas do carnaval paulistano, será realizada a Maratona da Banda do Pirandello. Somente poderão participar dessa maratona carnavalesca homens vestidos de mulher e mulheres vestidas de homem. Os três primeiros colocados das duas categorias receberão prêmios.

Os fotógrafos que registrarem a passagem da banda podem inscrever suas fotos até o dia 30 de março na Fotóptica, que está dando apoio ao desfile. Em abril, as fotos serão expostas nas paredes do Spazio Pirandello.

Depois de cumprir o seu trajeto, a Banda do Pirandello deixará os foliões entregues ao som do Trio Elétrico da Paulistur. Uma coisa é certa, segundo o presidente: "Desfilaremos com chuva ou sem chuva".

## As outras bandas

Mais três bandas agitarão São Paulo antes do carnaval: a Banda Redonda, dia 7 às 19h30; a Banda do Candinho, dia 9, às 20 horas e a Banda do Pedaco, no dia 10.

A concentração da Banda Redonda é em frente ao bar "O Redondo", na confluência da rua da Consolação com rua Teodoro Baima e avenida Ipiranga. Contando com a presença do rei Momo, a rainha e as princesas do carnaval paulistano, a banda seguirá esse roteiro: rua da Consolação, Xavier de Toledo, praça Ramos de Azevedo, Conselheiro Crispiniano, avenida São João, largo do Arouche, avenida Vieira de Carvalho, praça da República, avenida São Luiz, Consolação e Teodoro Baima.

Praticamente o mesmo trajeto será percorrido pela Banda do Candinho, que sai da praça Desembargador Mário Pires (ao lado do Diário Popular), desce a Xavier de Toledo, praça Ramos de Azevedo, Conselheiro Crispiniano, São João, largo do Arouche, Vieira de Carvalho, República, Ipiranga Consolação e Desembargador Mário Pires.

Além da presença das figuras carnavalescas, a banda seguirá ao som da bateria da União Independente de Vila Prudente e no compasso de Vera Ralida e suas mulatas de bronze. Por fim, no dia 10, sob o vânduto do Café, parte a Banda do Pedaco.

# Jornal da tarde

Cr\$ 100,00

O ESTADO DE S. PAULO

Terça-feira, 25 de janeiro de 1983. Número 5.258. Ano 18

Pág. 1

... Vila Esperança, foi lá  
que eu passei o meu  
primeiro carnaval...  
... Venha ver Eugênia como  
ficou bonito o Viaduto Santa  
Efigênia...  
... Moro em Jaçanã, se  
eu perder este trem que sai  
agora as onze horas, só  
amanhã de manhã...  
... Domingo nós fumo num  
samba nu Bixiga...  
... O Arnesto nos convidô,  
prum samba ele mora  
no Bráis...

*Casa Moyse*  
Muita cultura, muita samba

Todas as noites, durante pelo menos 50 anos. Adairam Barboza tinha um encontro marcado com São Paulo em algum boleiro da cidade. Ali ele cantava com muito humor seus amores, amigos, tristezas e alegrias. Mas acima de tudo, cantava São Paulo. Por isso, hoje no aniversário da cidade, a nossa homenagem é a Adairam Barboza no aniversário de São Paulo.



# Lamentamos. Morreu o sr. João Rubinato.

João Rubinato, conforme a certidão de batismo; tio João, como o chamavam seus sobrinhos; Adoniran Barbosa, como o compositor era conhecido do público e da boemia, morreu às 17h15 de ontem, no Hospital São Luís, em São Paulo, onde estava internado desde a última quarta-feira. Segundo o atestado de óbito, Adoniran Barbosa morreu devido a "insuficiência respiratória agravada por enfisema pulmonar". Mas, para Maria Tereza, sua sobrinha, foi "a noite, o cigarro, o uísquinho tomado naquela famosa esquina da Ipiranga com avenida São João, a boemia que acabou sobrecarregando demais o velho pulmão do tio".

Adoniran já estava com 72

anos e há muito uma bronquite aguda vinha atrapalhando suas noites de farra. Em outubro mesmo ele precisou ser internado mas melhorou, voltou para casa. Na quarta-feira passada, contudo, precisou ir direto para a Unidade de Terapia Intensiva do Hospital São Luís. Na sexta-feira seu estado agravou-se. Segunda de manhã saiu da UTI, para onde tornou a voltar mais tarde. Desde então já estava com o chapéu preto, o cachecol xadrez vermelho e a gravata borboleta, inseparáveis adereços que o caracterizavam e que ontem o adornavam em seu caixão, além do terço, das palmas brancas e das rosas vermelhas.



Quando ele morreu, às 17h15, estavam com ele sua mulher, Matilde Lattes, companheira há 40 anos, e sua cunhada, Mariana. Aí então Adoniram já estava em coma, mas antes disso, mesmo durante todo o tempo em que permaneceu na UTI, ele esteve lúcido e jamais falava em morrer. "Tinha uma vitalidade incrível", atesta Maria Tereza enquanto observa uma pessoa que chora sentidamente durante longo tempo, ao lado do corpo. É uma velhinha de 74 anos: Inês Rubinato Salgado, irmã do compositor. Adoniram era o caçula de seis irmãos.

O primeiro a chegar ao velório, ainda no Hospital São Luís, foi o compositor Geraldo

Filme, que disse: "Bobo de quem não soube aproveitar as suas músicas. É um artista que deveria ter sido reconhecido internacionalmente". Depois chegou o professor de Literatura Antônio Cândido, que conheceu Adoniram em 1975 quando escreveu o texto da capa de seu disco lançada pela Odeon. "Foi nessa época que pude perceber o quanto ele era fascinante e puro. É uma dessas perdas que esvaziam São Paulo".

Há algum tempo, quando foi ao enterro da sogra no Cemitério da Paz, no Morumbi, Adoniram disse que gostaria de também ser enterrado ali porque achou o lugar muito bonito. Seu desejo será atendido. É lá que ele será sepultado, hoje, às 17 horas.



A morte do poeta Adoniran

O compositor que soube cantar São Paulo será enterrado hoje. Pág. 19



Inês Rubinato Salgado, irmã de Adoniran, no velório, ontem.

# Adoniran? Esse vai continuar por aqui...

Nasceu João Rubinato em 1910. Virou Adoniran Barbosa em 1935. Virou gênio como Cartola, Caymmi. João morreu. Adoniran, jamais.



"Nesse mundo de buzinas e gritos, o que mais me consola é o samba."  
(Adoniran, 1975.)



## LPs. Imprescindíveis. Só três.

Adoniran Barbosa compôs cerca de 60 músicas, ao longo de sua carreira. A grande maioria foi gravada por seus amigos do Demônios da Garoa e algumas foram gravadas por ele mesmo, em 78 rotações. O primeiro LP com o próprio autor cantando suas canções, no entanto, só viria em 1973 (depois seriam gravados mais dois, um em 1975 e o último em 1980). São três

discos imprescindíveis para quem gosta da música brasileira. Neles estão 38 composições de Adoniran, desde as mais antigas, como Malvina e Joga a Chave, até a mais recente Triste Margarida. São retratos da vida da gente simples que faz São Paulo, retratos tirados com emoção e poesia, lirismo e amargura. A voz rouca do autor só aumenta a força dos sambas simples e dos versos simplesmente poéticos. (S.V.)

(CONTINUA NA PRÓXIMA FOLHA) →

São Paulo, 20/07/82.

JORNAL DA TARDE — 17

No próximo ano a Rádio Eldorado estará comemorando seus 25 anos de atividades, e, até lá, também a AM deverá ter passado por uma reformulação. Com suas feições modificadas, as duas emissoras AM e FM levarão ao ar alguns programas comemorativos e, entre eles, haverá um espaço reservado para o garçom Barrosinho, aquele jovem simpático que servia as mesas do restaurante Gigetto. Pelo menos uma vez, Barrosinho verá o seu grande sonho realizado: o de ser um locutor da Eldorado.

Barrosinho insistiu, mas tanto insistiu, que acabou sendo convidado a comparecer a um dos estúdios da Eldorado, para fazer um teste de locução. Ansioso, Barrosinho nem sequer trocou a roupa de garçom, nem ao menos afrouxou a gravatinha borboleta. Pediu um texto, ensaiou, pigarreou várias vezes e atacou o microfone. Barrosinho estava tão extasiado com a experiência que, em nenhum momento, se deu conta de que tudo daria certo se não fosse gago e fanhoso. Começou a ler o texto que falava das maravilhas de um hotel em Atibaia, "onde as crianças ficam livres do nhenhém dos

adultos, e os adultos ficam livres dos nhenhém das crianças".

#### Um desastre

Barrosinho era exigente como locutor. Pediu que o operador repetisse o teste, já que ele próprio não havia gostado da primeira experiência. O operador concordou e Barrosinho, nervosíssimo, também não percebeu que só podia ver as mãos do técnico na outra sala apertando os botões das máquinas. O técnico mesmo estava agachado, escondendo o riso. Barrosinho era mesmo um desastre. Mas tudo daria certo se não fosse gago e fanho.

Essa é apenas uma das muitas histórias que aconteceram durante este quarto de século de atividades da Rádio Eldorado. Os locutores que levaram, durante todos estes anos, a sua voz impecável ao público até podem ter criado uma imagem de austeridade da emissora, que pouco ou nada tem a ver com o real. Houve, claro, um desses locutores que, durante duas décadas, subiu ao sétimo andar do edifício número 28, da rua Major Queluzinho, sem nunca, rigorosamente nunca dizer um bom dia ou um até logo para os colegas da emissora. Todos, enfim, se

## As boas histórias de uma emissora austera

acostumaram ao semblante sempre fechado daquele funcionário exemplar. Só mesmo os contratados mais novos é que vacilavam, até perceberem que aquele era o estado de humor normal do locutor, torturavam-se por descobrir motivos e razões para possíveis broncas.

Imperturbável. Este talvez seja um dos adjetivos mais apropriados para definir o estilo de locução criado pela Eldorado. Poderia ser um incêndio, uma guerra, um roubo, algum ato do presidente da República ou então uma simples indicação para troca de

pneua. Tudo sempre foi dito, tanto na AM como na FM Eldorado, por aquelas vozes serenas e moduladas. A imaginação dos ouvintes seguramente deve ter levado, muitos deles, a pensar como seria irradiada uma partida de futebol por aquelas mesmas vozes. Um locutor de outra estação paulista deu forma final ao que apenas foi imaginado e, num dia desses, passou pelos estúdios da Eldorado e gravou a sua imitação perfeita. Lá estava o locutor Imperturbável a narrar uma partida entre "a Sociedade Esportiva Palmeiras e o São Paulo Futebol Clube". Numa cabeçada de Mirandinha, o São Paulo inaugurou o placar. O locutor apenas disse: "Foi gol". Como fundo, nada de gritos ou cornetas ruidosas. Apenas, um suave fundo musical.

#### A sesta no sofá

A brincadeira foi aceita com bom humor, até mesmo pelos verdadeiros locutores imperturbáveis, que ainda hoje estarão sendo ouvidos através da AM. Afinal, esse fato completa o folclore da emissora que tem muitos, mas muitos outros capítulos. Um deles, talvez um dos mais pitorescos, tem como protagonista o compositor Adoniran

Barbosa. Há dez anos aproximadamente, Adoniran faz a sua sesta da tarde num dos sofás da sala de entrada da emissora. E fica irritado quando o sofá está ocupado. Esse hábito acabou gerando outros. Além de descansar após o almoço, Adoniran acabou fazendo do sofá e daquela saleta de espera uma espécie de escritório, o ponto onde ele resolve vários assuntos seus. E para poupar o trabalho de identificação pessoal junto à segurança da emissora, a própria Eldorado providenciou um crachá especial para o compositor, um passaporte sempre válido para os seus cochilos.

Adoniran Barbosa, o criador de Trem das Onze e Samba do Ernesto, acabou fazendo parte do dia-a-dia da Eldorado. Ninguém mais estranha a sua presença, como também ninguém estranha as conversas desenxadas e longas entre Hermeto Paschoal e o ascensorista Manequinho. Sempre que o compositor vai à Eldorado, passa longos momentos prosequindo com o ascensorista, como se fossem velhos amigos. Ninguém entende aquele bate-papo desencontrado. Eles nada têm a ver em comum e, de repente, têm tudo a ver em comum.

## Adoniran Barbosa: "Sô Corintia"

"O Corintia tem a minha idade, nasceu em 1910", Adoniran Barbosa, boêmio nos velhos tempos viu um dia demolirem a maloca, onde costumava passear com seu cachorro Peteléco, quando morava na rua Aurora.

— Doeu fundo no meu coração o qui vi, eles já fazê um prédio no lugar donde morava meus amigos Mato Grosso, Mário, Joca, Corintiano. A tristeza foi tão grande qui desandei a cantá: "Cada tábuca que caía doía no coração/Mato Grosso quis gritá, mais in cima eu falei, os hóme tá com a razão/nóis arranja otro lugar".

Adoniran fugiu da escola no terceiro ano primário e não tem vergonha de confessar: "Num sei escrevê, nem falá e assino em cruiz", diz, e completa: "Sô Corintia, sô povão", e lembra com saudades dos tempos em que almoçava e jantava pão, ovo e sardinha, muitas vezes preparando-se para ir ao Pacaembu, ver o seu Corintia — "Porque restauranti e marmita saia caro".

Hoje, artista de televisão, ele lembra com carinho quando era encanador, pintor de paredes, balconista, serralheiro, garçon. Lembra das rádios, onde foi tudo, menos operador e técnico. Foi cantor — seus instrumentos eram a caixa de fósforos e o chapéu de palha. No programa "Histórias da Maloca", foi o cômiço charutinho, um favelado que resistiu 14 anos, na Rádio Record. A sua primeira composição, *Dono Boa*, seguiram-se outras, como *Saudosa Maloca*, *Trem das Onze*, *Samba do Arnesto*, *Aqui Gerarda e Pafunça*. Agora, ele gosta mesmo é de falar com seu Corintia:

— Sô Corintia, porque sô povo, devo a ele meu sucesso. Minha música é o chão falando, o chão de terra batida que fica nesses bairros descalços de São Paulo. Basta escuitá no chão qui o povo pisa e traduzi essa linguagem. Faço samba prá pobre. Comigo num tem dessa de granfino. Afinal, quase todos meus amigo são criolos, corintianos, e como é que eles ia me entendê si me metesse a falá difíce, todo chelo de esses e erres?

Adoniran só lamenta não poder ir aos estádios ver sue Corintia jogar. Porque as emoções poderiam ser muito fortes. Mas foi cheio de esperanças que deixou um depoimento, sexta-feira, ditado a um amigo, no balcão de um boteco, no Sumaré:

"Sô corintiano, meu amigo, desde 1910. Quando tinha déis ano, comecei a gostá do Corintia, não do Corintia de São Paulo ainda, eu morava em Jundiaí, gostava do Corintia Paulista de Jundiaí, que não tinha bão prá ele. Ia prá lá o Mackenze, entrava bem. Ia prá lá o Palestra Itália, entrava bem. Ia prá lá o Paulistano, dançava. Num tinha bão pro Corintia de Jundiaí. Agora, desde que mudei prá São Paulo, dos tempos de Tufti, Grané e Del Debio, Jango, Brandão e Dino, sô Corintia daqui. Sô tinha negô bão, o Rato, De Maria, famosa ala esquerda. Tinha também o Jáu, negrão bão. O Neco, qui batia de cinta no juiz e outros bichos bão. Em 22, o Corintia foi campeão do Centenário, daí pra diante, que eu mi lembro, o Corintia sempre foi campeão i eu sempre corintiano. Sempre, sempre, sempre. Naquele tempo, o jogadô almoçava em casa e levava carção, meias e chutera debaixo do braço. O Corintia foi sempre assim, amor e sangue pela camisa desde o Bom Retiro, bairro onde foi fundado. Eu sempre Corintia, perdendo ou ganhando, modestia à parte este slogan é meu, põe ele em letra grande: "Quer amanhecer uma segunda-feira feliz, seja corintiano". Num tô mintindo não. Naquele tempo, os bondes ao passar um pelo otro se cumprimentava sorrindo, os motorneiro batia a campainha um pro otro, era blén, blén, blén, saudando também o Corintia. E sempre campeão até 54 com Brandão na direção e Gilmar, Murilo e Olavo; Idário, Touguinha e Roberto; Cláudio, Luizinho, Carbone e Mário. E timão não, meu Deus do céu, como vendia jorná esse time. Daí, um dia a Portuguesa deu em nós de 7 a 3. Gilmar foi pro Santos, meu cachorrinho ficou doente nesse dia, não fui ao campo, fiquei em casa torcendo eu e o Peteléco. Até 3 a 3 tava bão, mas daí começamo a dançá. E muda a diretoria, muda não sei o que, muda não sei o que lá. Mais agora, é o seguinte: Corintia tá como em 54, muito amor, muito sangue, muita valentia pela camisa. Continuí assim, Corintia, e ninguém segura nós. Viva o Corintia campeão. E, óia, amigo, vô assiná em cruiz porque num sei escrevê, tá bão? E viva Lauro D'Ávila, autor do lindo hino do Corintia."

Sexta-feira, 11-11-77

**S**ão Paulo também dá samba. É o que a Globo vai mostrar no Brasil Especial de hoje, homenageando Adoniran Barbosa, Denis Brian, Paulo Vanzolini e Hervé Cordovil. Isto, apenas na primeira parte, porque uma segunda já está prometida para o começo de janeiro.

## O samba paulista existe. E vai ser homenageado pelo Brasil Especial.



Aproveitando a declaração de Vinícius de Moraes de que São Paulo é o túmulo do samba, contrapondo-a com o crescente número de casas de samba na cidade, a tevê Globo focaliza no Brasil Especial de hoje, às 20h55, o samba que se faz por aqui. O resultado é "São Paulo Samba", homenageando Adoniran Barbosa, Denis Brian, Hervé Cordovil e Paulo Vanzolini. Haverá depoimentos de muita gente que se lembra do período áureo do rádio paulista, nos anos 40, quando surgiram alguns desses compositores, e muita música desses quatro autores. Aracy de Almeida, por exemplo, vai contar como é que Vinícius de Moraes acabou sendo co-autor de um samba paulista:

— Eu pedi uma poesia ao Vinícius e ele fez Bom Dia Tristeza, uma letra que pedia música. Procurei Adoniran e ele viu aí uma oportunidade de dar ao poeta a melhor resposta: o seu talento. Entreguei a letra ao Adoniran e ele guardou no bolso, sem comentários. Dias depois, voltou com a música pronta para gravar. E Bom Dia Tristeza foi um dos primeiros sucessos de Vinícius. Desta

parceria, por acaso, acabou surgindo uma grande amizade.

O samba paulista será focalizado em dois programas. O de hoje é o primeiro segmento. O segundo começará a ser feito em janeiro e vai homenagear Vassourinha, Vádico, Germano Matias e Chocolate. O de hoje foi realizado por Fernando Faro, com produção musical de Maurício Antonucci e criação de Beth Costa, Homero Ferreira e Sergio Cabral. Nesta primeira parte, Os Demônios da Garoa cantarão Trem das Onze, Samba do Arnesto, As Mariposas e Saudosa Maloca. Adoniran, além de seu depoimento, também cantará Trem das Onze, Malvina, Joga a Chave e Despejo na Favela. Pery Ribeiro cantará Bom dia Tristeza. Noite Ilustrada repetirá Volta Por Cima, o maior sucesso da Vanzolini. Toquinho cantará Boca da Noite, Carlinhos Vergueiro mostrará Cravo Branco, Inezita Barroso será a intérprete de Praça Clovis, Márcio cantará Ronda, Zezé Mota virá de Bahia com H, Isaura Garcia cantará Triste Cufca e Nego, Tomzé, Iracema e Hervé Cordovil, Mimoso Colibri.

## Música:

Adoniran Barbosa  
continua o mesmo. Só  
muda de gravadora.



Adoniran: 13 músicas e um novo LP.

— É cumu diz o deitado. Depois qui nós vai, depois qui nós vorta.

Com essa frase bem-humorada, dita na inconfundível voz rouca é que Adoniran Barbosa define a sua volta para os Discos Continental, por onde já havia passado nas décadas de 30 e 50 e gravado sucessos antológicos como Samba do Arnesto, Os Mimoso Colibri, Saudosa Maloca e Pgressio.

Desligado da Odeon à qual esteve vinculado entre 75 e 76, Adoniran parte agora para a gravação de um novo LP que vai ser produzido por Wilson Miranda e com lançamento previsto para março.

O repertório ainda não está definido, mas Adoniran já fez uma lista "de cabeça" e algumas anotações que guarda cuidadosamente num papelzinho no bolso do paletó. É a elas que recorre para dizer que vão entrar "algumas dessas músicas aí":

— Tem sucesso antigo e música nova, diz ele. Marca aí que tem treze: Eu vou pro samba; Despejo da Favela; Um samba no Bexiga; Luz da Light; Envelhecer é uma arte; Madame Estação Sé; Rua dos Gusmões e Fica mais um Pouco Amor, todas minhas só. Dessas, as últimas quatro são inéditas. Mas tem também as de parceria: Glúnta a Mão João e Nêga, minha e do Hervê Cordovil; Os Mimoso Colibri do Hervê e Oswaldo Molles; Já tenho a Solução, minha e do Clóvis de Lima e O Casamento do Moacir, minha e do Oswaldo Molles.

O novo disco de Adoniran vai coincidir, este ano, com os 44 anos de carreira, "de rádio, tv, disco, cinema, circo e comerciais", como ele faz questão de frisar. Aos 67 anos, ele ainda mantém o mesmo bigodinho fino dos tempos do velho Brás e a mesma fidelidade à camiseta e ao chapéu. E embora tenha ficado famoso mais pelas gravações que outros fizeram com suas músicas (houve época em que ele só compôs, por exemplo, para os Demônios da Garoa), ele fala, com orgulho:

— Olha, onde que eu vou tem gente assim prá me ver. E não é só em São Paulo, não. Já estive na Bahia, no Recife e o povo me conhece. O gozado é que também tem muito jovem. Aliás, ultimamente nos meus shows só dá jovem. E só dá eu... Por que isso? Ah... não sei, não. Difícil explicar. Eles gostam. Isso eu sei.

Filho de um casal de imigrantes italianos, de Veneza, Adoniran Barbosa nasceu em Valinhos e desde cedo trabalhou muito: foi varredor de fábrica, encanador, mascate, entregador de marmitas, garçon, metalúrgico, seralheiro e pintor. Até que, em 1933, resolveu tentar a sorte num programa de calouros da Rádio Cruzeiro do Sul, onde tirou o primeiro lugar cantando "Filofônia" de Noel Rosa.

Aí, não parou mais. Cronista por excelência do ambiente em que sempre viveu — a cidade de São Paulo — e aproveitando do povo as expressões mais comuns, Adoniran já compôs tantas músicas, que até perdeu a conta.

— Se me perguntarem, não sei. Não sou de marcar uma por uma. Eu só sei que boto uma idéia na cabeça e saio cantando pela rua. Não sei tocar nenhum instrumento, nem violão, nem nada. A música nasce assim, de estôlo. Daí eu mostro ela para os amigos, ouço os palpites, mexo aqui, mexo ali, até ela ficar pronta. Então, mando brasa. Nas parcerias, eu prefiro que me deem a letra.

Autor de sucessos que passaram de geração para geração (Joga a Chave, Bom Dia Tristeza, Trem das Onze, entre outras), na vida artística Adoniran já fez de tudo um pouco: trabalhou em circo, foi ator de televisão (na novela Mulheres de Areia), rádio-ator (quem é que não se lembra do Charutinho, do Arquibaldo Porpeta ou do Barbosinha Mal Educado da Silva?) e hoje declara que só vive do que rendem os discos e dos shows que faz.

— Não é muito, mas dá para viver.

Saudade de alguma coisa?

— Ah... tenho sim. Da boêmia, dos amigos, dos passeios de madrugada pelo Bexiga. São Paulo hoje está muito mudada. Acabou tudo isso. Não dá mais para sair nas ruas, à noite, como antigamente. É uma pena, mas é a cidade em que eu sempre vivi e que eu sempre acompanhei. Olha, agora mesmo fiz uma música para a nova Praça da Sé. Aquilo está uma beleza... Não dá nem para reconhecer.

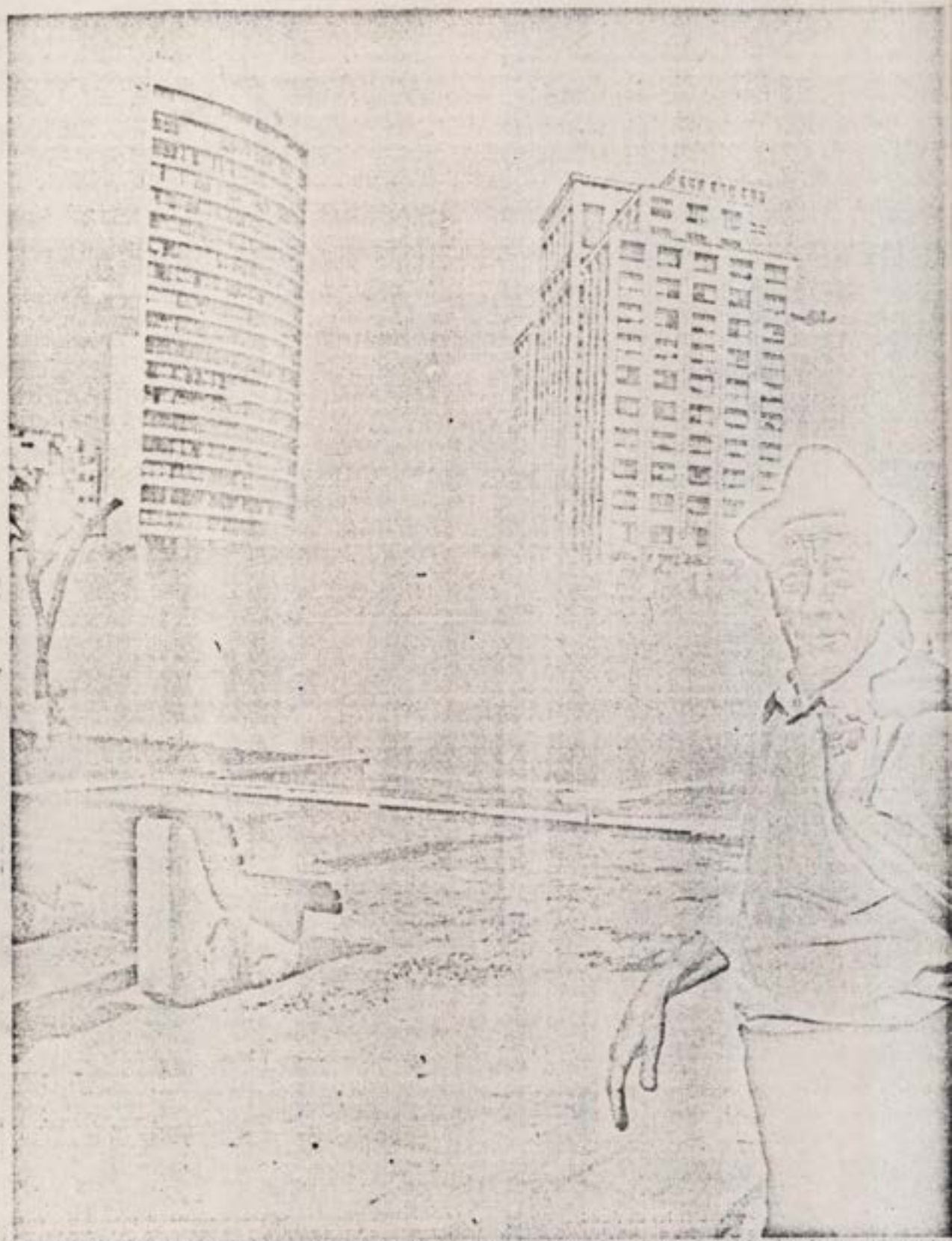
E ele cantarola, entusiasmado, a canção que fez para a praça tamborilando com os dedos: "Praça da Sé/ Praça da Sé/ hoje você é/ Madame Estação Sé/ Quem te conheceu/ Há alguns anos atrás/ Como eu te conheci/ Não te conhece mais/ Nem vai conseguir/ Te reconhecer/ Se hoje passá por aqui/ Alguém que já faz/ Algum tempo que não lhe vê/ Pouca coisa tem que dizê/ Pouca coisa tem que conta/ Vai pensar que istá sonhando/ É natural, nunca viu coisa igual.

"Da velha Praça da Sé de outrora não tem mais nada/ Nem o relógio que marcava as horas/ Frôs namorados encontrar as namoradas/ Nem o velho bonde dim, dim, dim, dim/ Nem o condutor "Dois prá Light e um prá mim/ Nem o jornaleiro provocando o motoneiro/ Nem o engraxate jogando cacheta o dia inteiro/ Era uma gostosura ver o camelo correr do fiscal da Prefeitura/ E o progresso, é o progresso/ Mudou tudo, mudou até o clima/ Você está linda por baixo/ Está bonita por cima/ Só indo lá prá vê/ Mas não vá sozinho/ Meu sinhô vai se perdê/ Praça da Sé, Praça da Sé ...

VERA MAGYAR




JORNAL DA TARDE  
Quinta-feira, 16-02-78



Adoniran se lembra de uma praça da Sé onde por toda a volta havia botequins ali uma farmácia, depois um restaurante,

(REPORTAGEM DA FOTO ACIMA  
ESTA NO VERSO DESTA FOLHA).




 Praça da Sé  
Praça da Sé  
Hoje você é  
Madame Estação  
Sé (estribilho)  
Quem te conheceu  
Há alguns anos atrás  
Como eu te conheci  
Não te conhece mais.  
Nem vai conseguir  
Te reconhecer  
Se hoje passar por aqui

Alguém que já faz  
Algum tempo que não lhe vê  
Pouca coisa tem que contar  
Pouca coisa tem que dizer.  
É natural  
Nunca viu coisa igual.  
Da nossa praça da  
Sé de outrora  
Quase que não tem mais nada  
Nem o relógio  
que marcava as horas  
Pros namorados encontrar

(Madame Estação Sé, de Adoniran Barbosa, gravação Continental com

# Madame Estação Sé

com as namoradas  
Nem o velho bonde  
Dindindindindin  
Nem o condutor  
Dois prá Light e um prá mim  
Nem o jornaleiro  
provocando o motomeiro  
Nem os engraxate  
jogando caxeta o dia inteiro.  
Era uma gostosura  
Ver o camelô  
correr do fiscal da Prefeitura.

É o progresso  
É o progresso  
Mudou tudo, até o clima  
Você está bonita por baixo  
Você está bonita por cima.  
Só indo lá prá ver  
Mas não vá sozinho, meu senhor,  
Que o senhor vai se perder.  
Praça da Sé  
Praça da Sé  
Hoje você é  
Madame Estação Sé. 

a participação do conjunto Talismã.)

No dia da inauguração da praça, sai também o disco de Adoniran Barbosa

## "Madame Estação Sé"

Para os leitores do JT Adoniran visita e canta a nova praça:

Foi chegando e cantando, baixinho: "Praça da Sé/Praça da Sé/Hoje você é/Madame Estação Sé." Homenagem ou ironia? Coisa de velho? Adoniran Barbosa é artista, não responde a perguntas. Faz perguntas. Mas foi assim que ele chegou à nova Praça, para um passeio sentimental (ele é irremediavelmente sentimental, embora finja que não) por um lugar que marcou sua vida. Não esta praça super, ultra moderna, com este relógio negro, com este chafariz que, na hora de seu passeio (às três da tarde de ontem) insinuava dois arcos-iris, com tanto cimento... Ah, não!

"Quem te conheceu/há alguns anos atrás/ como eu te conheci/ não te conhece mais." Isso ele diz num samba que gravou com seus amigos do Conjunto Talismã, "Madame Estação Sé", que a Continental estará lançando amanhã. Um samba-crônica de nossa cidade, como tudo o que ele fez até hoje. "Minha música é sempre real", diz Adoniran. E agora ele está falando para a turma do Talismã, o Maximínio, do violão, o Raguinho, do pandeiro, o Jaime, da timba, o Miquelino, do cavaquinho, o Ernesto, que é fazendeiro, advogado e músico amador, sobre a outra praça, a do passado:

— Quando eu conheci a praça da Sé, ela era um Parque de reuniões, com muitos botequins:

Isso foi de 30 para cá... Só tinha botequim... muito botequim... O Cheric... O Café São Paulo... E o Jardim da Sé, restaurante... E o Papai, o famoso Papai dos minestrones... E o Rei da Batida... Por toda a volta botequins. ("Da velha praça da Sé, diz sua música, quase não tem mais nada/ Nem o relógio que marcava as horas/ Pros namorados encontrar com as namoradas" uma vez ele ficou duas horas parado na praça porque o relógio quebrou).

A sua memória está cheia de botequins. E ainda hoje, aos 67 anos, Adoniran gosta de beber. Sai cedo de casa, vai para o centro, distante da Cidade Ademar onde mora. Passa por lugares de seu interesse, a gravadora, vê amigos, conversa, almoça seus pratos prediletos, e à tarde vai para o barzinho La Barca, esquina de Bento Freitas com a General Jardim. Fica horas ali, com os amigos do Conjunto Talismã, cantando, batendo no chapéu ou numa caixinha de fósforo, menos cantando, mais sussurrando a história desta cidade.

Botequins — era o que dava na praça da Sé dos anos 30. Uma praça que ele guardou inteirinha na cabeça. Ele pode dizer para qualquer um tudo o que tinha na praça, casa por casa, bar por bar, porta por porta, janela por janela — mas ele não gosta tanto assim de falar desse

briu, no chão do depósito um postal do Rio de Janeiro. Ficou apaixonado pelo Rio. Não dormiu pensando no Rio. E como a miséria era muita, por aqui, viajou para o Rio, com um motorista amigo. Só levava a roupa do corpo, e um piano: vender cosméticos no Rio. As cariocas não eram vaidosas? Então, tudo ia dar certo, não?

Vender cosmético, não vendeu. Comer, comeu muito pouco. Dormir, dormiu ao lado do caminhão. Lavar a roupa, lavou à noite, e deixou secar no radiador do próprio caminhão, é claro. Não voltou para São Paulo, fugiu! Não desgostou do Rio, odiou! E hoje mesmo não pensa em nenhuma cidade a não ser nesta, com barulho, com poluição, com seu medo de andar pela rua à noite, com seu horror dos assaltantes, com sua raiva quando alguém é malcriado com os velhos ("não estou falando de mim") e que o levou a fazer uma música que diz "Sou velho/Mas sou feliz/ Mais velho/ E quem me diz"... Com tudo isto, ele não consegue ficar uma semana longe da cidade. Que nem agora, com o Projeto Pixinguinha; vai ficar um mês pelo Rio Grande do Sul, por Santa Catarina, pelo Paraná, mas com uma condição... Todo o fim de semana, ele vai passar em São Paulo, com sua esposa, lá na Cidade Ademar.

Depois de cantar sua primeira música em 47, numa gravação que os fanáticos do disco consideram raríssima e preciosíssima, Adoniran ao longo dos anos 50 e 60, foi se tornando o grande cronista de São Paulo, respeitado da periferia até os ambientes intelectuais, com a graça esta que culminou com os elogios do professor Antônio Cândido, da Universidade de São Paulo, à sua inventividade.

O outro lado do compacto da Continental que sai amanhã tem o "Samba no Bexiga". Nesse samba-crônica, diz Adoniran:

"Domingo nós fumos,  
num samba no Bexiga,  
na rua Majó,  
na Casa do Nicola..."

E por aí vai, com "uma baita de uma briga", com pizzas voando, junto com as bracciolas... e com um sargento Oliveira, que o velho Adoniran diz que existiu, tanto quanto esta pancadaria, chegando e dizendo: "Num tem importância/vou chamar a ambulância." E, ainda, o breque: "Carma, pessoal/a situação aqui está muito cinica/os mais piô/vai pras Clínica."

Tudo isto é coisa do velho bairro do Bexiga, em que Adoniran apreciava particularmente um bar, perto do estúdio da Vera Cruz, com uma boa comida, um bom uísque e uma boa música. Tão diferente de agora, como ele diz, "com muito viaduto, com muito edifício."

São histórias de Adoniran, da cidade das casas baixas, que agora vê uma praça inteirinha de cimento nascendo no lugar onde ele viveu boa parte da vida. Mas a sua resposta, para tudo e sempre, é só uma: o humor. E o humor de Adoniran, como diz João Bosco, é destas coisas que as pessoas deviam consumir uma vez por dia. No mínimo.

(Marcos Feuerman)

tempo. Talvez tenha medo de virar um museu ambulante, um destes especialistas em São Paulo antigo — e ele gosta mesmo, afinal, é de cantar, estar com seus companheiros, papofurado...

Mas há um fundo de orgulho em tudo isto, quando ele começa a reconstituir milimetricamente a praça dos anos 30: "uma farmácia...um botequim...um restaurante...outro botequim...uma alfataria, lá em cima...e uma casa de batidas... a Caixa Econômica...e o Jardim da Sé... e outro botequim...e depois a casa que reformava chapéus... e uma barbearia...e o Santa Helena (olha, não sei nada de São Paulo antigo, não me pergunte, por favor) e uma casa de tecidos, e o Pio XII, que vendia bebidas finas, e no lado de lá... o restaurante Bolonha, a Catedral em construção, e mais um café, e uma pastelaria, e a farmácia Baruel, na esquina da rua Direita, e o ponto de automóveis, o famoso ponto de táxis, e o bonde que seguia para todos os lugares, ... ah, esta rua Direita de que falei, desde este tempo já era torta, como todos sabem!"

Em São Paulo, Adoniran foi de tudo: pedreiro, encanador, carregador de caminhão, desde que aqui chegou, em 1924. Para ele — diz o jornalista Roberto Jardim, que produz seus

shows — a cidade deste tempo era suave. Era jovem e freqüentava o Tropical, o Maravilhoso. Nomorava nos bondes de que tanto fala. Batia muito papo com os choferes do famoso Ponto da Sé, o Trombadinha, o Jacaré, o Pé de Cana, o Vavá, rapaziada calma, educada, de bonê na cabeça, que dizia para os fregueses: "Val táxi, val táxi?" "Hoje eles nem param pra gente", diz Adoniran, ressentido.

E havia também os garçons, como o Bigode, o Jacaré, outros que a memória agora recusa a tirar do anonimato, embora se abra na hora da boêmia. Boêmia? Dez da noite eu ia para casa. Boêmios eram os rapazes que jogavam com a gente palitinho, entre duas cervejas, que batiam boca em torno do futebol, com muita educação. Nesse tempo eu era radialista, e não era fácil ser radialista. Sempre ganhei pouco, todos devem saber disso. Eu fazia programas de humorismo, na Rádio Record, como "A Casa da Sogra", a "Escola Risonha e Franca", o "Palmolive no Palco", "Crime não Compensa", uma história de malocas, junto com os grandes Otávio Mendes e Osvaldo Moles, em que eu fazia o papel do Moleque.

Se os tempos do rádio, nos anos 30, eram difíceis, o que dizer de antes? Vejam só: carregador de caminhão, um dia Adoniran desco-

# AS ARTES

02/05/53 P. 6.7

## CINEMA

### Fernando de Barros

#### VAMOS DAR A CESAR, O QUE É DE CESAR

Por mais estranho que pareça, muita gente não gostou que "O Cangaceiro" tivesse ganhado o prêmio de "O melhor filme de Aventura" no Festival Internacional de Cannes.

Inusitadamente, então, que esse prêmio é mais pro-forma que uma consagração, e passam a discutir novamente sobre os defeitos do filme de Lima Barreto — defeitos, que segundo eles, não justificam mesmo o grande sucesso que a película vem alcançando no Brasil.

Mas a realidade é que tanto o júri internacional como o próprio público brasileiro ficaram subjugados pela força brasileira, nova e profunda, que a película encerra, e afirmando fora leis que se interessam a sabios de alta cultura, conjuraram-se para a sua consagração. A verdade é que até agora o único diretor premiado fora do Brasil é o BRASILEIRO Lima Barreto.

É certo e não devemos esquecer que foi da Vera Cruz o estúdio onde ele encontrou apoio técnico para a realização das suas obras. E a Vera Cruz deve-se mais do que tudo a um homem — o senhor Franco Zampari. Tendo sido ele, ele exclusivamente, que, com sua tenacidade, audácia, persistência e orgulho, elevou o estúdio de São Bernardo de simples quintal de galinhas, a um dos maiores da América do Sul.

Talvez se não houvesse a coragem de Franco Zampari, não existiria ainda "O Cangaceiro". Logo no momento em que o filme dirigido pelo diretor brasileiro Lima Barreto saltou do grande sucesso nacional, sucesso indiscutível porque além de tudo se refletiu em números e em preferência do grande público, para o sucesso internacional, devemos render homenagem a Franco Zampari e formular-lhe um pedido: que todas as futuras produções que levem a marca da Vera Cruz, sejam de classe "b" ou "a", passem a ter o cunho de brasilidade que "O Cangaceiro" possui em tão alto grau. E que essa qualidade se reflita na música, no texto, na paisagem, no entreccho e na construção cinematográfica.

Ao nome de Franco Zampari devemos juntar igualmente o nome de Caio Pinto Guimarães, porque ele desde o começo acreditava em que era este o caminho que a cinematografia brasileira deveria percorrer.

Quero agora falar de Lima Barreto. Não do Lima Barreto que muitos consideram cabotino, pelo gritante de suas frases, de seus gestos largos, ou das sentenças queberra no café da rua Major Diogo. Mas quero, sim, falar do homem que acreditava no tema nacional com que pretendia fazer um filme.

Ele foi um lutador. E teve a tremenda coragem de jogar todas as suas possibilidades na luta. Não tivesse a seu filme sido um sucesso econômico, popular e artístico, e o Lima Barreto de agora seria um homem lançado ao mar. O cinema, infelizmente, não perdona aqueles que fracassam, e no caso de Lima Barreto, além da experiência do cinema, havia muita gente esperando que ele tivesse fracassado.

Se outra pessoa não tivesse o trabalho do diretor brasileiro, bastavam a sua coragem e a fé em "O Cangaceiro" para torná-lo digno e merecedor do sucesso que está alcançando. Mas Lima Barreto fez mais. Redimiu o homem cinematográfico brasileiro, e colocou-o indiscutivelmente à frente dos que lutam pelo cinema nacional.

Mas um filme só tem a aparência do trabalho dum homem para o público mal informado. Na realidade um filme é o trabalho dum equipe. E um grupo de trabalhadores, homens e mulheres a lutarem durante dias, a laborem, às vezes, bravamente contra uma imbatível de "verdades".

E a equipe de "O Cangaceiro" lutou. Lutou física e moralmente. Desde os artistas, aos técnicos, aos trabalhadores, aos jornalistas, todos lutaram para que o filme de Lima Barreto percorresse o caminho que, gloriamente, está abrindo para o futuro da cinematografia brasileira.

As imagens de Chick, o trabalho de Caribé, de Migliori, de Cid, de Gullies, de Perino, de Angelo, de Horacio, de Maria, de Alberto, de Milton, de Bick, de Helana e dezenas de outros nomes, tornaram possível "O Cangaceiro".

As noites tempestuosas do acompanhamento, os dias torridos do campo, ou as noites friorentas da pedreira, tudo isso foi que tornou a miragem certa de Lima Barreto na realidade de "O Cangaceiro".

Mas para que esse filme tivesse chegado até a compreensão justa do público, devemos render homenagem a todos os que honestamente acreditaram no cinema nacional. Homenagem especial que preferiu os nossos artistas aos idólos mundiais, homenagem aos que exerceram defendendo o cinema nacional, homenagem aos cineclubes que acolheram, homenagem aos homens de cinema que foram caluniados e sofreram incompreensão da crítica, de certos jornais listos e dos grandes interesses partidários — mas que continuaram sempre lutando pela sobrevivência do cinema brasileiro como ideia.

Lima Barreto é o espelho vencedor de sua leição, e "O Cangaceiro" a afirmação de que podemos triunfar se nos unirmos, se nos disciplinarmos e se acreditarmos na força imensa do Brasil.

ULTIMA HORA  
PAGINA 6

São Paulo, Sabado, 18 de Julho de 1953

→  
**ALBERTO RUSCHEL**  
e Adoniran Barbosa  
vão até às pedras. O  
Alberto ficou muito  
triste quando o Domi-  
cio perdeu a chapa do  
Estatuto, o fortilho  
mais lindo de Cidade  
Jardim e que fora  
montado pelo astro da  
tela. Fala-se já que o  
popular "Pombo" to-  
mará parte num fil-  
me de Alberto Rus-  
chel sobre a vida de  
um bandido famo-  
so de São Paulo. O  
artista é já de Pierre  
Vaz.  
→



Segunda-feira, 1.º de janeiro de 1979

# O ano começa bem com Elis especial



Adoniran Barbosa conta e passará hoje com Elis pelas ruas do Bexiga, um dos bons momentos do J3, logo mais às 21 horas.

Elis Regina na Bandeirantes, Carl Jung no Globo Repórter e Consuelo de Castro no Teatro Dois são os destaques dessa semana. Elis Especial começa hoje a partir das 21 horas e do programa farão parte Adoniran Barbosa, Rita Lee, Audálio Dantas, Henfil e João Bosco, que cantarão com Elis várias músicas dos últimos LPs da cantora. O Especial foi produzido por Suely Valente e Cecília Beltramelli e durou quase um mês. Elis gravou no bairro do Bexiga (em algumas ruas e no Bar da Carmela), na discoteca Aquarius, na bolte Baluca; e algumas cenas da Revista do Henfil também serão exibidas.

Na terça-feira, a partir das 20h55, na Globo, Globo Repórter Ciência apresenta o tema A Jornada do Medo, programa que tenta responder a três perguntas feitas por Carl Jung, um dos monstros sagrados da psicanálise: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Globo Repórter mostra como nossos ancestrais, incentivados por estas três perguntas, deixaram de lado seus temores e suas inseguranças, na tentativa de se encontrar e se impor em um mundo que lhes era hostil. O texto do pro-

grama e de Washington Novaes e a narração de Sérgio Chapelin.

O Teatro Dois desta quinta-feira vai apresentar a peça A Implosão, a partir das 23 horas. O texto é de Consuelo de Castro, a direção de Antunes Filho, o cenário e figurinos são de Heraldo de Oliveira e do elenco fazem parte Toni Ramos, Eugênia de Domenico, Célia Olga, Luiz Parreiras, Marly de Fátima, Rildo Gonçalves, Ana Maria Dias e Regina Braga. A peça conta as dificuldades de um casamento jovem, sufocado pelas necessidades econômicas, problemas sexuais e relacionamento ruim e que acabam provocando uma solidão muito grande. O casal faz várias tentativas de reavivar antigas amizades para tentar salvar o casamento. Depois de algum tempo chegam à conclusão de que não há nenhuma saída para eles, a não ser a de continuarem juntos, no processo destrutivo.

Na terça-feira na TV Cultura, às 22 horas, O Poeta E A Cidade, programa produzido por Roberto Santos e onde são focalizados aspectos da Cidade de São Paulo com textos de Guilherme de Almeida e Paulo Bonfim. O tema musical é de Billy

Bianco. As 22h40, última Sessão de Cinema apresenta o longa metragem Férias Amor, com direção de Joshua Logan, elenco fazem parte William Holden, Novak, Rosalind Russel e Cliff Robert. A história conta a chegada de um estrangeiro numa pequena cidade do Kansas à procura de um colega do tempo do exército. A chegada afeta a vida de 5 pessoas.

Na Globo, hoje a partir das 23 horas, início da série Adolescentes Fugitivos, filme que faz parte da Semana Um e que vai até quinta-feira. A história conta as aventuras de dois jovens que saem de casa e se encontram em Hollywood. A série é dirigida por Randal Kleiser (diretor de No Tempo da Brilhantina Grease) e foi realizada em 1976. Logo seguida ao primeiro capítulo desta série será exibido o longa metragem Rêverências, feito em 1955 pelo diretor Nelson Pereira dos Santos. Do elenco Jece Valadão, Renato Consorte e outros. São duas histórias que se desenvolvem paralelamente em vários pontos do Rio de Janeiro.

20

FOLHA DE SÃO PAULO-ILUST.  
PAG 54 (SERCADERNO)  
Domingo, 20 de Janeiro de 1980

ADONIRAN BARBOSA — Acompanhado pelo Conjunto Talismã, o sambista se apresenta hoje, às 11h30, no Teatro Pixinguinha (r. Dr. Vila Nova, 245). Às 16h30, no Sescaté, apresentação do grupo de Choro Entre Amigos.



Adoniran Barbosa no show matinal do Teatro Pixinguinha.

# Adoniran: o compositor do Trem das Onze agora ataca de Metrô

REPORTAGEM DE ANTONIO PAULO PAVONE E FOTOS DE JOSÉ MARIA DA SILVA

.... "Agora você não pode mais reclamar  
.... Agora você não pode mais inventar  
.... Agora você não vai encontrar mais  
.... Razão pra mentir pro seu patrão"  
.... (Versos de um samba inédito de Adoniran Barbosa)  
.... As veias saltando das mãos, grossas mãos de trabalhador, talvez não deixem transparecer toda a criatividade existente na cabeça daquele que é considerado um dos únicos e autênticos sambistas do povo e da cidade de São Paulo. Adoniran Barbosa, nome que não demonstra suas raízes italianas, nasceu em Valinhos, em 1910. Seus pais eram imigrantes da Itália que ali se estabeleceram. Adoniran, com oito anos de idade, mudou para Jundiaí e dali para Santo André. Em Santo André trabalhou com tecidos e foi encanador. Mudou-se, então, para São Paulo, onde foi trabalhar na Rua 25 de Março. Ficou morando na Rua 2 > Gazômetro, onde absorveu todos os hábitos e a linguagem do povo que por ali se fixava, na maioria membros da colônia italiana. Adoniran não costumava parar em nenhum emprego: "Nunca gostei muito de trabalhar" fala com sua voz rouca.

## FUÇANDO ESTAÇÕES

O negócio desse homem de voz rouca e gestos largos era mesmo cantar e se manifestar de todas as formas. Seguindo esta vocação inata, em 1933 começou a fuçar as estações de rádio. Num programa de calouros, na antiga Rádio Cruzeiro, cantando um samba de Noel "Filosofia" — Adoniran conseguiu sua primeira vitória em frente ao microfone.

"Fui contratado por 25 mil réis por semana" — diz o compositor dos bairros tradicionais e dos tipos populares como Joca e Mato Grosso.

"Em 1934 fiz uma marcha carnavalesca intitulada "Dona Boa77 — olha passou uma aí agora — e recebi um prêmio de 500 mil réis da Prefeitura".

Esse foi o começo da carreira do compositor que fez sucesso na Europa com seu samba "Trem das Onze" que vendeu milhares de cópias na Itália.

"Na época, samba paulista não entrava nas rádios e nos bailes de carnaval; entrava só samba carioca. Eu fazia um programa de um quarto de hora por semana com o Regional composto por Garoto, Almoré e Denardi. Nós tocávamos e cantávamos só músicas de compositores cariocas como Kid Pepe, Germano Augusto e outros. Depois eu fui para a Difusora, ganhando 20 mil réis por mês. Lá eu fiquei até 1936. Perambulei pela Rádio Cosmos, que hoje é a Rádio América e até voltei para a Cruzeiro do Sul, que ficava no Largo da Misericórdia.



Nas ruas músicas os pobres diabos perambulam. Adoniran Barbosa.



Com sua cara de logral, Adoniran já trabalhou em circo.



O compositor Adoniran admite ter uma imaginação muito fértil.

## A HISTÓRIA DAS MALOCAS

"Resolvi, então, parar de cantar e fui fazer programas burocráticos com o Blota Junior e o Vicente Loporáe. Fui chamado logo depois pelo Otávio Mendes para fazer rádio novelas na Record. Lá eu fazia também muitos programas cômicos. O Oswald escrevia as histórias como o "Crime não Compensa", de fundo moralístico, que era inspirada em casos reais vindos do Forum e, depois eu representava no rádio. O Oswald escreveu uma estória inspirado na minha música "Saodosa Maloca". A estória se chamava "A História das Malocas". Com as grandes mãos apoiadas na mesa, os cigarros Carlton repousando em frente, o compositor do povo do Brás e retratista fiel dos tipos encontrados nas rodas boêmias das décadas passadas, vai contando sua história, que é a história da própria cidade de São Paulo.

"Mato Grosso e o Joca eram marginais que ficavam na Feira do Arouche. Marginais no bom sentido, é lógico. Eles costumavam ficar perambulando pela rua Aurora e imediações e depois iam para o Velho Hotel Albion, que foi destruído, deixando-os sem lugar para morar. Foi aí que eu me inspirei para fazer a minha música da Saudosa Maloca". Saudosa maloca, maloca querida, din, donde, nós passemos...

Agora, onde era o antigo Hotel Albion, que inspirou Adoniran, fica o famoso Cine Aurea. Famoso por seus programas de Strep-tease, famoso por seus frequentadores com cara de marginais tarados, famoso por suas chamadas insidiosas de sexo pecaminoso nas telas. Ali, naquele mesmo lugar, ficava a "Saudosa Maloca", de Joca e Mato Grosso, quem diria é a memória paulistana que poucos conhecem e da qual o rouquenho Adoniran é manancial inesgotável.

O primeiro disco gravado pelo compositor das malocas saudosas foi um "bolachão" — apelido dado aos discos de 78 rpm — que trazia seus grandes sucessos: Saudosa Maloca e Samba de Ernesto. Quanto vendeu este disco da Continental, gravado em 1950? "Só a gravadora sabe", responde Adoniran com seu olhar brilhante e irônico.

Ernesto, Joca e Mato Grosso são os poucos personagens da rica criação musical que Adoniran disse terem existido realmente. "O resto é tudo fruto da minha imaginação. Eu tenho uma imaginação muito fértil, eu ouvia um caso aqui e outro ali e pensava: "coitado, isto dá samba, aí começava a compor e saíam as músicas".

As composições de Adoniran têm um sabor de trova popular misturada com samba e marcha, mas com uma original pitada de entrelaçamento, de mistura de várias raízes.

CINE AUREA: SAUDOSA MALOCA

(CONTINUA NO VERSO) →

Pode-se considerar Adoniran como um alquimista primitivo que, arrancando seus fluidos da realidade banal e cotidiana, constrói, através de seu laboratório mental, ricas pedras da filosofia popular. Expressões conjugando a glria dos malandros com o macarrônico sotaque do italiano dos bairros mais antigos de São Paulo, brotam em suas músicas com uma espontaneidade vital.

"Deus dá o frio conforme o cobertor" — este é um dos muitos pensamentos tipicamente populares que nascem naturalmente da boca de seus personagens de samba. O malandro, o desclassificado, o João ninguém e o pobre diabo perambulam em suas letras, entoando seus dramas e suas mazelas, com toda a realidade de seus corações recriados pelo coração pai d Adoniran, compositor da comicidade, do cotidiano ridículo, de personagens atropeladas na contra mão da av. São João.

"Iracema? Não existiu nenhuma Iracema na minha vida, voce pode abrir o jornal e voce vai encontrar milhares de casos iguais aos da Iracema" esta é a explicação que o compositor dá ao personagem Iracema, que no final trágico do samba, morre atropelada na contra-mão da av. São João. O seu namorado, desconsolado, guarda de recordação suas meias e seus sapatos, num ato cômico-trágico.

ANDANDO COM OS VAGABUNDOS

"Eu costumava andar com os vagabundos pelas ruas Aurora, Vitória e Gusmões. Naquele tempo, a gente podia andar sossegado pelas ruas e ficar bebendo com os amigos. Todo mundo era amigo. Eu ia no bar do Luzo, na esquina da rua Aurora com a Conselheiro Nébias e lá encontrava com meus companheiros. Eu tinha 40 anos na época e foi nesse tempo que compus o Trem das Onze". Adoniran esclarece que nunca morou em Jaçanã e que a estória do samba não tem nada de autobiográfico "é tudo fruto de minha imaginação. Eu misturo tudo: nós vai, nós pida, eu vou assim mesmo".

Além de compositor, Adoniran tem sua passagem registrada no cinema nacional onde interpretou personagens como os de suas músicas. Filmou com Mazzaropi "Candinho", onde fez o papel do professor Pancrácio "A Carrocinha" no papel do pai de Doris Monteiro. Filmou ainda "O Cangaceiro", de Lima Barreto e teve sua passagem pela Cinédia, do Rio, onde fez "Caidos do Céu", com Walter D'Ávila, Dercy Gonçalves, Chico Alves e Dalva de Oliveira. Fez também, na Cinédia, do Rio, Pif-Paf, chanchada escrita por Oswaldo Molles. Atualmente tem participado de novelas da Tupi — a última foi Xequê Mate — e também acabou de filmar uma comédia, produzida por Aníbal Massiani, sob a direção de Silvio Vieira, com Antonio Fagundes, Susana Mamede e outros.

Os Demônios da Garça tiveram muita influência na carreira de Adoniram. Em 1949 eles gravaram Saudosa Maloca e Iracema, num disco que muito ajudou a promover as composições de Adoniram. Agora o compositor toca em outro conjunto chamado Talismã, sob a direção de Maximilão. Com este conjunto, Adoniran fez uma programação musical onde os circuitos universitários têm prioridade. Com este novo conjunto, Adoniran já se apresentou na Faculdade de São Bernardo, Santo André, Mackenzie e na Escola de Música do Glicério. Está programando uma apresentação no MIS (Museu da Imagem e do Som) durante uma exposição de fotografias antigas dos bairros de São Paulo. Seus sambas ilustrarão as fotografias, pois um samba de Adoniran fala por mil fotografias, ao contrário daquele jargão que diz que uma fotografia vale por mil palavras.

Adoniran já fez composições com Vinícius de Moraes — Bom Dia Tristeza — uma bonita música com letra do poeta. Fez também Eu Já Fui Uma Brasa, com Julio César, compositor jovem, e com Hefvê Cordovil Prova de Carinho. No tempo em que frequentava o antigo bairro do Bexiga, Adoniran costumava ir muito no Nik Bar, lugar que era habitualmente assediado pelos integrantes do velho TBC.

EXPULSO DO BONDE

Nos velhos tempos do Nik Bar, Adoniran conviveu com personagens como Ziembinsky, Sérgio Cardoso, Cacilda Becker e outros tantos integrantes da escola do TBC. Mas é da época em que morava no bairro do Tatuapé que Adoniran tem um caso pitoresco para contar.

"Eu estava com um passe de bonde no bolso e duro, aí eu entrei no bonde e logo veio o cobrador, chic, chic, chic, com aquele picotador que eles usavam naquele tempo. Ele pediu minha passagem, eu procurei e não achei o passe; então eu falei p'rá ele que já tinha dado o passe e ele falou que não, que eu não tinha dado nada, que ele não era otário e ficou louco da vida e me fez descer do bonde. Eu tive que vir andando do Tatuapé até o Largo da Sé, foi o maior vexame".

Numa de suas músicas chamada As Mariposas, antes de começar a cantar, com sua peculiar voz de tenor rouco, ele diz absurdamente: "Permita-me oscular na sua face". Esta frase não tem nada a ver com o resto da música, aparentemente, mas seus estribilhos nada têm a ver com nada; são estribilhos pastelões, solfeados em voz trovejante, herança dos seus tempos de ator de chanchadas e pastelões circenses. A música As Mariposas, incluída no primeiro LP do autor, foi inspirada numa cena na av. São João, como foi Adoniran?

AS MARIPOSAS E AS LAMPADAS

"Bem, foi no tempo em que estavam demolindo uns casarões

na av. São João, no bairro de Jaçanã, que estava muito quente. Então, aquela parte da av. ficava cheia daquelas mariposas amarelas, caindo pelo chão, todo mundo pisando em cima. Até que era uma coisa nojenta. Aí eu vi aquilo e imaginei que aquelas mariposas eram mulheres e eu a "lâmpada" onde elas rodavam em volta", assim explica o caso das mariposas, dizendo ainda que não se deve confundir as mariposas que ele se inspirou na av. São João com outras mariposas que andam por aí...

Adoniram Barbosa, o compositor tipicamente pastelônico, aquele personagem que mistura em suas músicas o cômico e a tragédia circense, os velhos clichês humorísticos dos antigos programas de rádio com a riqueza verbal da glria apreendida nas vielas frequentadas por vagabundos anônimos, esse mesmo Adoniram Barbosa que se consagrou com o "Trem das Onze" agora evoluiu com a cidade de São Paulo e fez de sua nova temática o Metrô, obra que, segundo ele, "é uma beleza".

A música "Triste Margarida", lançada no seu último LP, é a primeira que ele compôs dentro desta nova temática. Na história do "Triste Margarida", um plantador de grama das estações de metrô para conquistar sua amada diz que é um engenheiro da obra. E na música diz que "na inauguração Margarida vai ser a primeira passageira". Seu último samba, ainda inédito nas paradas de sucesso, também está dentro da mesma temática: o metrô.

SAMBA INÉDITO DO METRÔ

"Este último samba eu fiz para o sujeito que nunca está contente com o governo, que nunca está contente com a situação, que nunca está contente com o que o país..." — e, é para este sujeito que nunca se contenta com nada que Adoniran fez o samba que segue:

"Agora você não pode mais reclamar  
Agora você não pode mais inventar  
Agora você não vai encontrar mais  
razão p'rá mentir p'ro seu patrão  
Que ontem faltou porque perdeu a condução  
porque o trem mudou de horário  
porque o trem atrasou...  
Tem metrô a toda hora  
tem um atrás do outro — NIKANOR  
Tem até com integração  
Arranje outra desculpa  
esta é de mau pagador

Você que mora lá no Jabaquara  
Não pode mais ficar enchendo a cara  
No armazém do seu Tomaz.

al TARDE  
Cheguei em casa bravo  
culpando a condução  
Você que mora lá na V. Mariana  
e tem uma namorada em Santana.

AVONTADE  
pode ficar sem preocupação  
pode ficar um pouquinho mais  
e você malandro que vive reclamando  
que tem de andar um quarteirão para  
pegar a condução

eu vou falar com a engenharia da  
companhia para fazer uma estação  
bem em frente ao seu portão".

Assim termina o samba que ainda não tem título definido e, é a última composição do velho Adoniran, velho na história, mas moço na criatividade, como bem demonstram os versos da última música.

Adoniran se tornou samba-enredo, inspiração para os compositores da Escola de Samba Pérola Negra que, com o samba enredo inspirado em sua peculiar figura, conseguiram subir para o grupo I em 1975.

Desde os tempos em que percorria os circos da cidade até hoje, podemos dizer que Adoniran continua o mesmo.

"CHARUTINHO E SEUS MALOQUEIROS"

No circo Adoniran e mais alguns companheiros levavam as histórias de pastelão, a apresentação, se nos transportamos para aqueles antigos circos mambembes da periferia da cidade de São Paulo em 1940, 1950, por aí, deveria ser mais ou menos assim:

"Respeitável público, senhoras e senhores: agora, com vocês, para o entretenimento desta agradável plateia, os famosos pândegos do grupo: (ao fundo a trilha musical dava um ar de espetáculo tocando suas trombetas de papelão). "Charutinho e Seus Maloqueiros".

Com "Charutinho e Seus Maloqueiros", Adoniran rodou quase todos os circos de São Paulo. Ele conta uma pequena partícula dessa experiência: "O público nos recebia com muitos aplausos e tudo ia muito bem, principalmente quando chovia e não aparecia ninguém. Aí a gente tinha que beber mais. Dava para ganhar algum dinheiro. Quando chegava o fim do espetáculo a gente ia para os bastidores e eu dividia a grana. Dois pra você, dois pra você e quatro pra mim; eu era o chefe, você entende..."

E assim entre estórias de circo, estórias de metrô e estórias de chanchada, segue seu caminho criativo o compositor do samba pastelão paulista, segue sua trilha, agora pelo Metrô. Viva Adoniran!

Tomé  
à Pé.





No ar:  
Ferreira  
Netto

Ops! Com raras e honrosas exceções, o fim de semana na nossa tevê é de uma monotonia a toda prova. No último domingo, porém, alguns fatos novos vieram movimentar o nosso vídeo. Os pontos altos, sem dúvida alguma, ficaram com a Bandeirantes e a Globo e a nota destoante com a TV 5.

Na Bandeirantes aconteceu a aguardada volta de Hebe Camargo ao vídeo. Descontando algumas falhas, muito comuns de ocorrerem numa estréia, o programa, de uma forma geral, foi bem, a começar pelo visual da nossa amiga, que estava no capricho. Destaques para as presenças de Cauby Peixoto, Clodovil e Ney Matogrosso (este último conversando com Hebe em linha direta com o Anhembi).

Não é nada fácil juntar esse trio num programa só. Para ficar perfeito, só faltou mesmo a música "Homem com H", como fundo. A idéia do "Missão Marcia de Windsor" foi muito boa, porém o quadro foi muito longo. Quanto ao momento humorístico do programa, da maneira como foi feita, seria melhor ser esquecido. Outro detalhe e aqui a APDL se coloca apenas como porta-voz do público de Hebe Camargo: a grande maioria preferia que o seu programa seguisse o esquema antigo, ou seja, a apresentadora sentada, como se estivesse numa sala de visita, conversando com os seus convidados, com o auditório e com o telespectador ao mesmo tempo.

X A Globo, por sua vez, pecou no dia, mas soube redimir-se depois levando ao ar o especial sobre Adoniran Barbosa. Sob a responsabilidade da Central Globo de Produções em São Paulo, e com Nilton Travesso à frente, a emissora montou um programa simples e humano, como era Adoniran. O melhor que existia no arquivo global sobre o compositor foi utilizado e o resultado muito bom.

A nota destoante, a APDL deixou propositadamente para o final, mesmo porque, palhaçadas desse tipo jamais poderiam ser mostradas no nosso vídeo. O lance foi fornecido pelo programa do próprio dono da TVS/Record, o que por si só é imperdoável: aquela cena de pugilato entre os jurados Sérgio Malandro, Wagner Montes e Pedro de Lara foi do maior baixo nível. Aliás, baixo nível é pouco para definir o que ocorreu. É "mundo cão" mesmo.

OK

### **Novo visual**

Marília Gabriela, sem avisar até os mais íntimos, foi ao seu cabeleireiro preferido na tarde de segunda-feira e ontem apareceu no "TV Mulher" estreando novo visual. A moça suavizou aquele crespo nos cabelos retornando à sua imagem antiga. Dizem que Marília tomou a decisão depois que assistiu, na própria Globo, ao especial de domingo último sobre Adoniran Barbosa. Ela viu a sua imagem de dois anos atrás, achou que estava muito melhor àquela época e resolveu copiar a si mesma.

OK

# FOLHA DA TARDE ilustrada

PAG. 30 — São Paulo, sexta-feira, 31-12-1982

## Programação Especial...

Nesta sexta-feira, na Cultura. A partir das nove da noite, uma homenagem a Adoniran Barbosa, o grande nome do samba paulista desaparecido dia 23 de novembro último. Além de trechos do "Voz Populi" feito com Adoniran, e do "MPB Especial" produzido por Fernando Faro, serão mostrados depoimentos de críticos, cantores e compositores que conviveram com o grande compositor e poeta popular paulista.

# FOLHA DA TARDE ilustrada

PAG. 22 — São Paulo, terça-feira, 25-1-1983

## “Os Demônios da Garoa” cantam no aniversário de São Paulo

Um dos conjuntos paulistanos mais tradicionais estará hoje, às 21 horas, no Teatro de Arena do Centro Cultural São Paulo, comemorando o 430.º aniversário da cidade. Trata-se do “Demônios da Garoa”, que há 40 anos canta a poesia de São Paulo, com destaque para as composições do falecido Adoniran Barbosa. No programa, que tem entrada franca, estão onze músicas de Adoniran, entre elas as conhecidíssimas “Trem das Onze”, “Saudosa Maloca”, “Samba do Ernesto” e “Abrigo de vagabundo”, além de “Copo d’água”, de Arnaldo Blot e “Ói nós aqui tra veis”, de Geraldo Azeite e Joseval Peixoto. Os “Demônios da Garoa”, integrado por Arnaldo Rosa, Antônio Gomes Neto, Ventura Ramirez, Roberto Barbosa e Israel, nasceu casualmente em uma festa, quando alguns amigos resolveram cantar para animar os convidados. Assim se organizou um dos conjuntos mais sólidos e homogêneos que já surgiram no Brasil, primeiro com o nome “Grupo do Luar”, logo trocado por “Demônios da Garoa”, e sempre com o espírito boêmio que o caracteriza.

### Achille Pichi

Também no Centro Cultural, às 10 horas, acontece o concerto do pianista Achille Pichi. No programa, especialmente preparado para a data, surgem algumas das mais interessantes manifestações da música brasileira: Nazareth, Tupinambá, Lina Pesce, Sergi, Villani Cortes e o próprio Pichi. São vários tratamentos para o sincopado — o tango, o tanguinho, o choro, o chorinho, a valsa chorosa —, numa tentativa de acompanhar a evolução da arte da música nacional, que sofre profundas transformações neste século XX. A apresentação de Achille Pichi, dia 25, tem o se-

guinte programa: Ernesto Nazareth: “Sustenta a nota”, “Talismã”, “Tenebroso”, “Zênite”, “Brejeiro”, “Eponina”, “Vesper”, “Remando”, “Escovando” e “Está chumbado”; Marcelo Tupinambá: “Cabocla”, “Fiteiro” e “Serenó”; Lina Pesce: “Bem-te-vi atrevido”; Antônio Sergi: “Parafuso”; Achille Pichi: “Valsa brasileira n.º 1”, “Valsa brasileira n.º 5”, “Hebe”; Edmundo Villani Cortes: “Pretensioso”;

### Os Independentes

Alguns dos mais significativos nomes do movimento de música independente estarão se apresentando hoje na avenida Paulista, num espetáculo promovido pela equipe de Teatro Lira Paulistana.

Para esta promoção a avenida Paulista será interditada e um palco será montado em frente à Caixa Econômica Estadual, na esquina com a alameda Ministro Rocha Azevedo. Ali se apresentarão, pela ordem os grupos “Pé de Feiticeira”, “Pé ante Pé”, Hermilino Football Music, Grupo Um, Grupo Rumo, Paranga, Língua de Trapo, Tiago Araripe e Banda e Premeditando o Breque.

### MONTINI NA FAAP

O pianista Giuliano Montini dará hoje a partir das 21 horas, na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), um recital com peças de Brahms, Schumann, Mendelssohn, Guarnieri e Prokofieff. Montini é solista da Orquestra Sinfônica Estadual e sua apresentação será no auditório daquele estabelecimento, rua Alagoas, 309. De Brahms o pianista tocará “Rapsódia, opus 79”; de Schumann, “Fantasiestücke”; de Mendelssohn, “Variações Sérias, opus

54”; e de Prokofieff, “Sonata n.º 3, opus 28”.

Giuliano Montini iniciou seus estudos musicais no Conservatório de Santa Cecília, em Roma. Em 1945, ao interpretar obras de Chopin e Mozart, foi considerado “um autêntico prodígio musical” pelo jornal “I Momento”. No Rio foi aluno de Magdalena Tagliaferro e em 1952 foi solista da Orquestra Sinfônica Brasileira para o “Concerto”, de Grieg. Mais tarde ingressou na Academia de Viena, sob a orientação do prof. Bruno Seidlhofer. Em seguida estudou na Suíça com o pianista Alfred Cortot. Obteve diplomas e medalhas nos concursos internacionais de Genebra e Munique e fez diversos recitais em cidades europeias. Ele é solista da sinfônica estadual desde 1974.

### “Novos valores”

No programa que finaliza a série “Novos Valores” da música, que o Teatro Popular do SESI promove neste mês de janeiro, Aimar César (cursando o último ano da Faculdade Paulista de Arte, bacharelado em música-instrumento) e Paulo Bérnago (curso de licenciatura plena e bacharelado em Piano na Academia Paulista de Arte), ambos recebendo atualmente orientação do pianista Gilberto Tinetti, interpretarão obras de: 1.ª parte — Paulo Bérnago — Beethoven (Sonata op. 82 “Les Adieux”), Ravel (Jeux D’eau), Villa-Lobos (Dança do Índio Branco); 2.ª parte — Aimar César — E. Granados (Danzas Espanholas), I. Albeniz (Suite Ibérica), F. Mampou (Cancion Y Danza n.º 7), J. Turina (Orgia — Danzas Fantasticas). Hoje, às 21 horas, na avenida Paulista, 1313, com entrada gratuita.

ADONIRAM BARBOSA NÃO GOSTA DE RECORDAR

# Um homem que acredita no seu próprio talento

Gosta de todos os papéis — Grande sucesso no cinema nacional — Adoniran já foi cantor e agora se limita a ser compositor — Ainda acredita no Carnaval — Musice é fator de sucesso

Adoniran Barbosa é um veterano de rádio. Praticamente desconhecido da nova geração, dessa geração que não gosta de música nacional e que não ouve rádio. Da geração de brotos, coca-cola que não aprecia humorismo sadio, que não pensa em nada, que não se interessa pelos valores genuínos da vida, que despreza o trabalho e o cidadão humilde.

Adoniran Barbosa, entretanto, é um símbolo. Venceu graças ao próprio esforço. É engraçado, versátil, verdadeiro na sua arte.

Fazer uma entrevista com Adoniran não é fácil, a sua vida foi um crescendo de desilusões, de sucessos, de lágrimas e de risos. O humorista, entretanto, não pode e não deve ser um triste. O único lado da vida que interessa ao público, é o lado roseo, alegre. Foi por isso que a entrevista com o "Charutinho" foi feita na base de perguntas e respostas.

Adoniran não gosta apenas de papéis cômicos, ele gosta de qualquer interpretação que lhe dê o ensejo de viver um personagem com o qual se possa identificar. No cinema ele começou brilhando. Quem não se lembra de suas interpretações em "A Carrocinha", de Agostinho dos Santos Pereira e em "O Cangaceiro", de Lima Barreto. No rádio ele vive sempre as figuras tiradas da própria vida de Oswald Moles.

O seu temperamento artístico tem varias facetas. Adoniran Barbosa é autor de sucesso: "Sau-

dosa Maloca" foi e é música de sucesso. Todo o mundo cantou, foi premiada e já rendeu uma boa verba ao seu autor. Sobre direitos autorais Adoniran não quer nem falar. "Negocio complicado" diz ele. Seus planos são inumeros, mas Adoniram não conta a ninguém quais são eles. "Podem me roubar as idéias".

O famoso "Charutinho" nos bons tempos foi cantor. Cantor dos bons. Como cantor apareceu na Difusora, Cruzeiro do Sul e na antiga Radio Kosmos. Desistiu da carreira porque apareceram muitos cantores do mesmo genero. Al perdeu a graça para Adoniran e ele se dedicou a outros setores. Hoje, ele escreve musica para outros cantarem. Não teve ainda momentos culminantes nem grandes fracassos. Pretende apenas bons programas, sucesso e dinheiro.

Adoniran não gosta de pensar na vida, nem de relembrar fatos passados. O seu lema: "o que passou, passou". Para que recordar?

O nome famoso da Record não gosta de Carnaval. Mas também não acredita que o Carnaval está morrendo. Musicas mal feitas é que esfriam o ardor dos foliões. Para este Carnaval Adoniran já preparou algumas musicas. Ainda não sabe quem vai gravar as suas composições. Acredita, entretanto — ele conhece o seu proprio talento e acredita nele — que serão sucessos. O povo consagrará o que um homem do povo escreveu. (NCB)



Rumo ao auditorio para dar um pouco de alegria.

DIÁRIO DE SÃO PAULO

SEM DATA

TODS NO VESB



Adoniran já foi cantor, astro cinematográfico e figura principal das histórias humanas de Oswaldo Moles



Não gosta de Carnaval mas escreve músicas para outros cantar em durante os três dias de folia

## Nenê desfila hoje na Vila Esperança

Nenê da Vila Matilde, uma das escolas favoritas deste ano, deverá desfilhar hoje, no começo da noite, durante a festa do Carnaval da Vila Esperança, uma das mais tradicionais da Cidade, com 51 anos de folia de rua. Essa festa consiste em promover um desfile de carros alegóricos e de pequenos blocos carnavalescos pelas ruas centrais do bairro em todos os domingos e terças-feiras de Carnaval. Nenê, a única escola participante, tem uma razão especial para isso: antes de se mudar para

a Vila Matilde, foi ali que seus sambistas começaram a reunir-se.

Adoniran Barbosa, autor do samba "Vila Esperança" e que era um frequentador do bairro, está sendo homenageado, este ano, pela Associação Atlética 5 de Julho, fundada em 1925 e criadora dessa festa. Para a homenagem, uma pequena "Maria Fumaça" foi construída em madeira e enfeitada com muitas cores, simbolizando o "Trem das Onze" do sambista paulista. Esse carro alegórico abrirá o desfile de hoje, percorrendo as ruas Caumai, Evans,

Amador Bueno da Veiga e Padre Olibentanos até o Largo São Gervásio, um trajeto de 2,5 quilômetros, aproximadamente.

Com exceção da escola do Nenê, os participantes de hoje serão os mesmos que desfilaram domingo em Vila Esperança. Dentre os carros há alguns que satirizam situações políticas, ou costumes. Para este ano foram criados dois bastante curiosos: um criticando um "show" de Rita Lee e outro sobre um programa de televisão.

# FOLHA DA TARDE ilustrada

PAG. 18 — São Paulo, quinta-feira, 3-3-1983

## Salas ganham nomes no Centro Cultural

Alguns dos espaços internos do Centro Cultural de São Paulo receberam ontem denominações, que se constitui numa homenagem a diversas personalidades, de acordo com decreto assinado pelo prefeito Antonio Salim Curiati.

O teatro de palco italiano do Centro passou a denominar-se sala "Jardel Filho"; o teatro de Arena, recebeu o nome de sala "Adoniran Barbosa"; o cinema, sala "Lima Barreto"; a área central e o auditório passaram a ser denominados, respectivamente, setor "Sérgio Milhet" e sala "Paulo Emílio Sales Gomes".

As respectivas placas serão descerradas no próximo domingo, às 10 horas, quando o prefeito estará inaugurando a biblioteca e outras unidades do Centro Cultural, que está localizado na rua Vergueiro.



quando passei a trabalhar na seção de metalurgia do Liceu de Artes e Ofícios. Vinha todos os dias de Santo André para São Paulo, de trem de subúrbio. Na hora do almoço é que entravam o ovo, a sardinha e o pão, num baixinho sanduíche. Quase todos faziam isso, eram poucos os que comiam de marmitta. Sofri muito, rapaz!"

— "Até que fui parar numa loja de ferragens, como balconista. Ficava o dia inteiro trabalhando cubi os dedos no balcão. Chegava um frestê e eu fazia um breque. Nos momentos de folga, ia para a Rádio Cruzeiro do Sul, quando ainda era no largo da Misericórdia, assistir a hora dos calouros. Me meti naquilo, resolvi que seria artista de rádio. Comecei a cantar samba (dos outros) e um dia mandei brasa no "Fiosofia", de Noel Rosa. Papel o primeiro prêmio, fui classificado como cantor de samba e o maestro Gó me deu 15 minutos por semana para me apresentar, com o regional do Garoto."

— "Não, não ganhava nem um tostão. O ano? Põe aí 1934."

— "Comecei a firmar o pé mesmo foi no ano seguinte, quando fiz a marcha "Dona Boa" para o carnaval, de parceria com o J. Alimberá. Ganhamos o prêmio maior, de 500 mil réis e isso me abriu as portas da Rádio São Paulo, onde participava da "Cascatinha do Genaro" e recebia 150 mil réis por mês. Profissionalmente, minha carreira se iniciou aí."

— "Confesso que quando tinha meus 20 e poucos anos, ainda em Santo André, já fazia alguns sambinhas. Mas escondia todos eles, de vergonha, e nunca mostrava a ninguém. Grande parte perdi. Hoje nem me lembro da letra de "Teu orgulho acabou" e de "Minha vida se consome".

— "Em 1936 houve uma outra história. Mas deixa isso pra lá."

— "Pulei por muitas emissoras. Difusora, a antiga Kosmos, a Cruzeiro do Sul, a Bandeirantes, a Pan-americana e finalmente cheguei à Record, onde estou há 25 anos. Sosseguel. Comecei fazendo novelas, programas humorísticos, fui até discotecário. Discotecário eu era de graça, só para agradar e conseguir um lugar ao sol. O que salvava eram os cachês, que me davam 25 mil réis cada. Era um bom dinheiro."

"O primeiro ordenado fixo na Record foi 500 mil réis por mês. Imagine que o ator Barreto Machado — bom ator, bom ator! — concordou em dividir comigo o salário dele, 1 conto. Hoje, quando é que a gente vê uma coisa dessas?"

Um uisque sem gelo. ("Só tomo uisque sem gelo.")

— "Antes acontecia uma coisa engraçada: de dia me sentia nervoso; quando caía a noite, ia-me acalmando, começava a animar, tomava um banho, metia uma roupa mais caprichada, saía a andar sem destino. Boemia, entende? A noite era o meu ambiente. Agora moderei. As 10 e meia vou para a cama, às 3 estou de pé. Melhorai muito, estou me sentindo outro."

— "Trabalhei no rádio — no velho rádio e no rádio novo — apareci no cinema, agora estou tentando me firmar na televisão. Já fui o Barbosinha, da Escola Risonha e Franca; o professor Jean Roubinet, francês da Universidade Record; o ascensorista Arquibaldo Porpeta, do Papal Sabe Nada; o Charutinho, das Histórias das Malocas. Como Charutinho fiquei 10 anos em seguida na ponta. Já fui todos esses tipos e vários outros, já vivi muitas vidas e posso dizer: no fundo sou um triste."

"As vezes o pessoal me encontra nos corredores e pergunta: "Ué, por que você está triste?" E eu não sei responder."

Adoniran Barbosa, o sambista urbano.

— "De todas as músicas que canto, gosto mais da "Saudosa Maloca". Ela permanece dentro de mim. Em qualquer lugar que a gente vá derrubar um berraco, logo se lembra dela. Escuta aí:

"Cada taboa que caia deita no [coarção] Mato-Grosso quis gritar, mas [em cima eu falei] Os home está com a razão. [Nós arranja outro lugar] Nós se conformemo quando o [Joca falou] Deus dá o frio conforme o [cobertó."

Adoniran explica: — "Mato-Grosso existiu mesmo, era um carregador de feira. Joca era um lavador de carro, corintiano. Conheci os dois — porei isso eu já disse numa outra entrevista, não tem importância?"

Os acontecimentos banais, a pequenina filosofia popular, os conselhos de porta de barba-filho do guarda-noturno Ferreira, a preguiça humana, o barraco, a periferia, a pobreza das ruas e a miséria envergada, a morte de Iracema (atropelada ao atravessar a avenida São João, na contramão), o samba do Ernesto no Brás, o arrasta-pé no Bexiga (que acabou em briga com pizza e brachola), a vida varzeana, tudo ganha ritmo e cor nas músicas de Adoniran Barbosa.

"Canto todos os bairros, em muitos deles nunca fui. Jacanã, por exemplo, onde mora o filho único do "Trem das Onze". Só depois que o samba foi lançado é que me convidaram para visitar o bairro, eu fui, houve festa. Canto todos os bairros. Só não falo da Penha e da Lapa porque esses bairros também existem no Rio e, por sinal, são muito manjados."

Adoniran mostra uma carta, com data de 18 de maio último, da "Companhia Gene-

rale del Disco":

"Veja isto: estão informando que o "Trem das Onze" foi lançado na Itália com o título "Figlio Unico", versão de Riccardo del Turco, e vendeu até agora mais de 120 mil discos."

Cada samba, uma história

"Certa tarde estava passeando no Centro, e acompanhava a demolição de um prédio velho. Com o cascalho caíam mariposas tontas, que se esborrachavam na calçada. Fiquei com nojo, mas nasceu aí "As Mariposas", aquele que fala assim:

"Eu sou a lampida  
E as mulé é as mariposa.  
Ficam dando vorta  
Em vorta de mim.  
Todas noite, só pra me beljá."

"Com "Bom Dia, Tristezinha", foi até engraçado. O Vinícius de Moraes enviou os versos para a Araci, mandando que ela fizesse com eles o que bem entendesse. Ela me mostrou o bilhete, eu fiz a música na hora, num repente. Nem conhecia o Vinícius pessoalmente". Adoniran (Charutinho) Barbosa recapitula os sambas, numerosos deles feitos de parceria, principalmente com Osvaldo Moles: "Pra Que Chorar", "Malvina", "Joca a Chave", "Por onde andará Maria?", "Aqui, Gerarda", "Pafunça", "Al, Gulmar", "Progressão", "Apaga o Fogo, Mané", "Asa Negra", "Deus te Abençoe" e tantas outras.

"Quase tudo é fruto de imaginação. Nunca morei em favela, nunca vivi em maloca. Mas, sofrendo, ganhei muita experiência. Dormi em terrenos baldios, principalmente num da rua da Consolação, onde é agora o Grupo Escolar São Paulo; lá pela meia-noite ou 1 hora, pulava o muro e me estendia num estrado de madeira. De manhã me zarpava sem lavar o rosto. Também fílei muito bife no antigo bar Natal, a 2 mil réis, um bife deste tamanho, em companhia do João Cabral, que trabalhava em teatro e quis aventurar em São Paulo. O João Cabral, nunca mais ouvi falar dele."

"Maus tempos aqueles!"

O artista Adoniran Barbosa, filho do guarda-noturno Ferreira, quando Rubinate e da era, Ema Rubinate, italiano), ambos falecidos, faz uma pausa: — "Na minha vida, usei apenas duas armas: a persistência e a honestidade na profissão. O começo foi duro demais; agora não tenho queixas muito grandes, apenas algumas magoas: acho que devia ser mais aproveitado na televisão."

Tira do bolso um pedaço de papel.

— "Este aqui foi o último samba que o Osvaldo Moles

deixou comigo antes de morrer. E "O Casamento do Moacir", quer ouvir?  
"A turma da favela convidou- [nos] Para irmo assistir o casamen- [to] Da Gabriela com o Moacir. Arranjamos uma beca preta E um sapato branco muito [apretado no pé] E se apressemo para ir Na catedral lá da Vila Ré. Quando os noivo tava no altar, O padre começou a perguntar Uma coisa ansim em latim: Antes do Conjugal Vobis, Ora pro nobis. Quarqué coisa havetes vobis Contra estas bodis? Ai a Eduviges gritou: Seu padre, em nome da Virge, [apare o casamento. O noivo é pal de sete rebento, Fora o que está pra vir. O pal é esse aí, o Moacir. Que vexame! A noiva começou [a soluçar] Porque o noivo não passou no [exame]nupcial. Se acabou-se a festa Porque nós descobriu Que o Moacir era casado Cinco veis lá no Estado de [Rio.]"

Adoniran Barbosa levanta-se, estende a mão, sussurra timidamente: "Olha, pode acreditar que o meu começo foi duro pra cachorro!"

Texto de LOURENÇO C. DIAFERIA

(CONTINUA NO VERSO-D)

minha da cantora

(D)

FOLHA DE SÃO PAULO

03/07/67 - PAG 3 (FINAL)

## O amargo final

Adoniran Barbosa gosta mesmo de fazer samba. De marchinhas suas, se lembra apenas de duas: "Dona Boa", carnavalesca, assim: "Dona Boa, Dona Boa, vem pro cordão e não fique assim à toa". E "Pode ir em paz", de parceria com Henri Cordovil.

Foi em 1952 que lançou o samba-maloca — o seu forte — em que a letra se inspira no espírito da favela, do porão, do comodo-e-cozinha. É a voz do servente de pedreiro, do operário não especializado, do biscateiro, dos que vivem sob as pontes e dos inquilinos provisórios dos prédios em construção.

Uma voz de amargo humor, de gente que ama e cresce a despeito da indiferença da cidade.

Antes, seu samba era do tipo de "Chega" (1935):

*"Agora eu viro só e tão desolado.  
Sem ter razão, feriu meu coração.  
Por isso eu sou fulgado  
Como um rapabundo,  
Não descanso um momento,  
Ninguém tem pena de mim neste mundo.  
Jamais na vida  
Te darei perdão,  
Mulher fingida."*

Quanto aos planos para o futuro, Adoniran Barbosa tem poucos. Um deles é fazer um samba sobre a Vila Esperança. Adoniran acha que o bairro merece a homenagem, principalmente pelo que vem fazendo para reacender o Carnaval de rua; mas o samba não será carnavalesco. E já decidiu, também, que vai entregá-lo aos "Demônios da Garoa".

SAO PAULO

# Reage valentemente o Parque Cinematografico Paulista

"Trailer": a subsistencia da Vera Cruz — Filme em cartaz: "O Sertanejo" — Jornal falado

**Personagens:** — **ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA** (cavalheiro de 400 anos bem provados, dono de impecável elegancia, de palavra fácil e colorida, muito escudada em excelente "standar" cultural); **FRANCO ZAMPARI** (engenheiro que a Itália deu, como presente bonito, à nossa terra e que, agora, depois de 25 anos de Brasil, é mais do que um patriota nosso); **LIMA BARRETO** (magro e nervoso, com a calcie assaz pronunciada, as mãos em permanente estado de agitação, os olhos fulgurando sem parar, a inteligência em ebulição); **CAVALHEIRO LIMA** (pequenininho e bem vestido, talentoso até dizer chega, mas capaz de uma argumentação cerrada e objetiva, sem resumo de demagogia); **TOM PAYNE** (espalpo e meio desengonçado, porém simpaticíssimo, de maneiras simples e cordiais); inúmeros figurante e extras.

**LOCAL DA AÇÃO:** auditorio do T.B.C., em S. Paulo — 1955

(oOo)

## PRIMEIRA SEQUENCIA

Câmera em M. S. Travelling, parte de ponto neutro e aproxima-se do palco, onde Abílio Pereira de Almeida, ladeado por Franco Zampari e por Lima Barreto, explica a natureza do financiamento conseguido pela Companhia Cinematografica "Vera Cruz", afirmando que suas atividades sejam reiniciadas. Proclama que a empresa foi a primeira a dar ao país o verdadeiro sentido de um legitimo porque industrial cinematográfico, tornando a sétima arte, entre nós, um negocio adulto, quer no campo artistico, quer no terreno economico. Vem à memoria os nomes de Getúlio Vargas, Café Filho, Antonio Balbino e Candido Mota Filho, homens que lutaram, em duas oportunidades distintas, para que a poderosa organização fundada por Franco Zampari não sucumbisse. Há aplausos na assistência, apanhados em "back-ground" que se eleva pouco a pouco, até que o

troar das palmas tome conta, por completo, do som.

"Close-up" de Abílio, que termina: "... e assim, graças a esse empréstimo, revestido de todas as garantias legais, será possível à Vera Cruz responder pelo progresso do cinema paulista e brasileiro — progresso que será alcançado na filmagem de "O Sertanejo", uma realização esplendida do grande diretor Lima Barreto, também autor do cenário e dos diálogos".

## SEGUNDA SEQUENCIA

Câmera: fusão. Abílio Pereira de Almeida vai-se esmaecendo, enquanto avulta a silhueta de Lima Barreto que, agitado como sempre, estende a mão para Tom Payne colocado no fundo do palco. Tom Payne vem a primeiro plano. Ambos se abraçam e Lima Barreto comenta: — "É com emoção que acentuo: o produtor de "O Sertanejo" será esta figura incomparável de cineasta que é o meu

amigo Tom Payne. A ele, o meu comovido agradecimento".

## TERCEIRA SEQUENCIA

Câmera: visão panorâmica do palco, apanhando todos os presentes. Em "travelling", chega até Cavalheiro Lima, colocando-o em meio "close-up". Cavalheiro Lima, exuberante de palavras, mas sem nunca perder o caráter pratico de sua dissertação, completa as observações que haviam sido feitas por Abílio Pereira de Almeida. Repetem-se os aplausos dos assistentes, enquanto Cavalheiro Lima acrescenta que Lima Barreto dará prosseguimento à noite, ao proceder à leitura do argumento de "O Sertanejo". Pusão, para que o bravo Lima surja já diante de enorme quadro-negro, terminando de escrever, numa letra nervosa e agitada: "Afirmações: "O Sertanejo" é antes de tudo um forte!!!"

## QUARTA SEQUENCIA

Lima Barreto, em diferentes angulos, lendo o trecho de "O Sertanejo", enquanto a platéia, ora emocionada até às lágrimas, ora sacudida em gargalhadas (porque há de tudo no filme planejado), é levada varias vezes aos aplausos.

Quando a leitura chegar ao primeiro intervalo, a câmera desliza em "travelling" e vai apanhar o grande ator, a figura que se esquecera, o elemento gigantesco que, sem embargo disso, era o dono absoluto de tudo quanto ali se desenvolvia — dono pela luta, pelo destemor, pela coragem, pelo espirito de iniciativa, pela capacidade de insistir quando outros

desistem. E aparece, então, a mascara orson-wellesiana do comendador Franco Zampari. Há uma tempestade de palmas. Alguem grita: "O cinema brasileiro não morreu!" Outro, cuja voz chega em fundo, retifica: "O cinema brasileiro ressuscitou!"

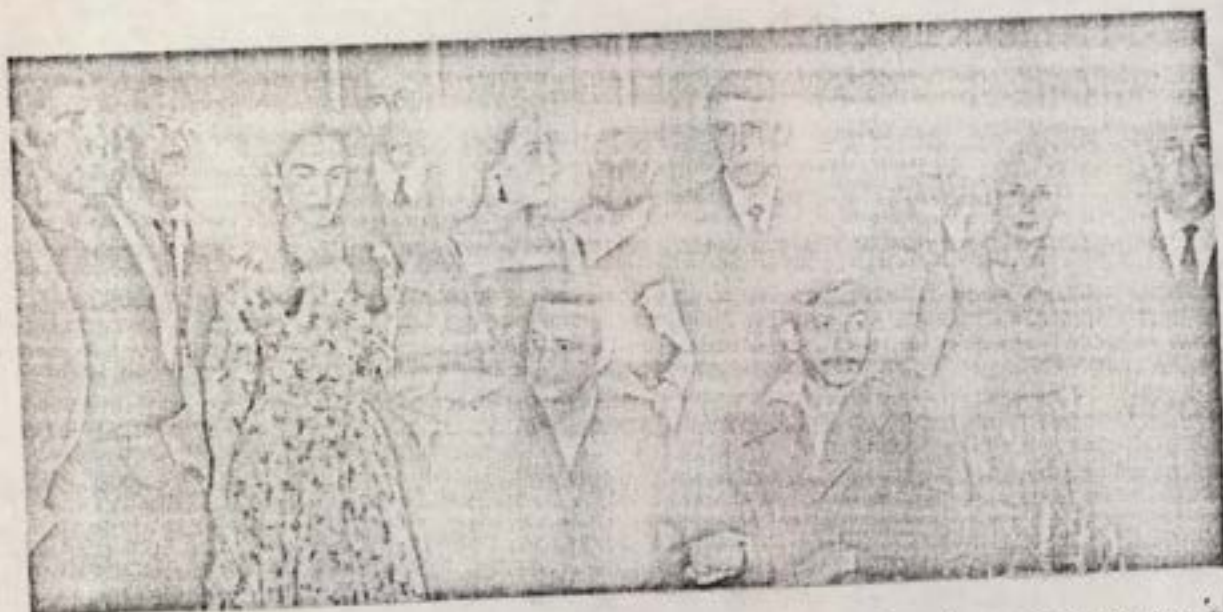
## EXPLICACAO DO REPORTER

Isto aconteceu anteontem à noite, segunda-feira, no auditorio do T.B.C.. E parafraseando Euclides, o reporter anuncia, empolgado: os homens da cinematografia paulista são, antes de tudo, uns fortes!



dramaticos da pelicula que Lima Barreto (o maior!), vai rodar no sertão nordestino. Aqui, os leitores podem tirar uma "casquinha" amena dos que compareceram (como heróis), à reunião (que foi para a platéia).

(FOTOS NO VERSO)



Tinha gente famosa, gente em penca, gente que a gente já viu no cinema. Por exemplo: Franco Zampari, Abílio Pereira de Almeida, Cavalcete Lima, Tom Payne, Araújo de Oliveira, Adoniran Barbosa, Paulo Rus-

chel, Assis Valente... E a noite se encorpiou, gostosamente, entre as explicações serenas do diretor-superintendente da "Vera Cruz", os dados estatísticos do seu prestigioso diretor de divulgação e os lances

A GAZETA ESPORTIVA  
18/05/55  
PAG 18 (CONT.)

# Jaçanã (104 anos), apenas uma rima muito oportuna

MARCO ANTONIO MONTANDON

Há coisa de uns 10 anos, num programa de calouros, um candidato se apresentou para defender aquela que é considerada uma das mais belas canções da Música Popular Brasileira: "Menino de Braçanã", de Luis Vieira. Mas na hora em que devia cantar "Mamãe quando eu sai disse bichinho não demore em Braçanã", ele confundiu-se e, talvez julgando ser o certo, cantou "... bichinho não demore em Jaçanã". Geograficamente, ambos dois bairros, um de Recife e outro de São Paulo.

Mas acontecia que, por essa época, praticamente o Brasil inteiro estava cantando aquela que viria a ser também uma outra imortal expressão da nossa MPB: a muito paulista "Trem das Onze", de Adoniran Barbosa, a convincente argumentação de um apaixonado à sua amada, de que, filho único e responsável, tinha por isso mesmo de pegar o último trem das 11 para um bairro chamado Jaçanã, onde morava com sua mãezinha.

E é este típico bairro da Zona Norte de São Paulo, tirado há 10 anos de seu anonimato por Adoniran Barbosa — ainda que muito mais em consequência por facilitar uma rima, dos Demônios da Garoa e da Gal Costa do que propriamente por qualquer coisa peculiar que possua ou ofereça que ontem se enganalou para comemorar

104 anos de história, com as festividades de praxe: alvorada, missa campal, hasteamento de bandeiras, desfile de fanfarras e bandas, concertos de banda militar, inauguração de centro de saúde... subjetivas reivindicações.

Principalmente. O primeiro bairro de São Paulo a tornar individual uma comemoração de aniversário de fundação, Jaçanã — ave parrídea ribeirinha que se caracteriza pelo avermelhado do peito — tem, com efeito, muito mais a pedir que a oferecer, extremo e permanentemente esquecido bairro da região mais esquecida de São Paulo: a Zona Norte.

Apesar de apresentar-se como um dos mais dinâmicos núcleos residenciais da Zona Norte (cento e tantos mil habitantes), não mostrando mais as grandes chácaras, os muitos campos de futebol varzeano ou áreas livres, Jaçanã, 104 anos depois, curte ainda seus problemas, alguns crônicos: falta d'água permanente, rede de esgotos praticamente inexistente, ruas sem calçamento e sem denominação adequada, esburacadas e sem iluminação, ausência de policiamento e de sinalização de trânsito, incipiente rede escolar, principalmente para alunos do 2.º grau.

Em uma de suas principais vias — a avenida Francisco Rodrigues — tanto o esgoto como as águas pluviais ainda agora correm junto ao meio fio e os buracos tornam-se cada

vez maiores, enquanto o Grupo Escolar da rua Nicolino Morena há muito pede um novo edifício para abrigar os alunos do período noturno.

Não possuindo sequer uma via expressa, Jaçanã tem na estreita avenida Guapira e na continuação desta, a av. Luis Stamatis, o seu principal escoauro e centro comercial, prevalecendo aí o comércio varejista e, como novidade, o comércio de automóveis usados.

Como queixou-se um de seus antigos moradores, "o velho trem, imortalizado na música de Adoniram Barbosa, já não existe mais. Em seu lugar, criando toda a sorte de complicações de trânsito, principalmente aos sábados e domingos, surge o veículo, ônibus ou automóvel, responsáveis também pelo elevado número de oficinas mecânicas e lojas especializadas na venda de acessórios e peças".

— Está certo: não temos mais trenzinho, não temos mais cinema mas, em compensação, não temos poluição.

Tarciso Laet Lapinha, 40 anos, nasceu e criou-se no Jaçanã e não lhe admite críticas. Para ele, é o melhor lugar do mundo, "de clima serrano", da Serra da Cantareira que domina todo o bairro.

Entretanto, mesmo isso, encontra-se ameaçado. Segundo a orgulhosa e ufaniasta Comissão dos Festejos de Fundação, "Jaçanã, hoje, despoja como o maior centro industrial da



Um bairro com muitos problemas e uma pretensão: o maior centro industrial da ZN.

Zona Norte, com suas 32 indústrias e equipamentos modernos transformando a matéria prima nos mais variados artigos, alcançando projeção nacional e internacional".

Assim é que a 1.ª Exposição Industrial de Jaçanã, também inaugurada ontem, vai mostrar para os incrédulos toda uma gama de produtos, luvas, calçados, chuveiros, painéis de pressão, limpadores de parabrisas, carrinhos, cintas e soutiens que, de um bairro da Zona Norte de São Paulo, já estão sendo exportados para os Estados Unidos, Alemanha, Moçambique e Austrália.

Tarciso Lapinha orgulha-se de Jaçanã. Conta, por exemplo, que seu pai, Maurílio da Silva Lapinha, foi um dos primeiros moradores do bairro, para ali tendo se mudado em 1902, vindo de Portugal. Outro velho morador, o farmacêutico Nuto Fernandes.

— Então, onde a gente pode encontrar seu pai agora?

— Ah, ele mudou-se para o Mandaqui...

— E o farmacêutico?

— Ah, ele também mudou-se... para Santana.

## Um pássaro, para limpar a velha imagem do bairro

Com o nome de Uroguapira, Jaçanã apareceu pela primeira vez em um documento do Império no ano de 1870. Mas, segundo seus historiadores, como não foi encontrado ouro na região abreviou-se o nome para Guapira, que permaneceu até 1910.

— Consta que ninguém gostava de Guapira. Os moradores, por verem o nome de seu bairro intimamente associado ao Hospital dos Lázaros, de morféticos, e os habitantes da cidade que evitavam a todo custo dirigir-se à região, com medo de qualquer contágio.

Em 190, então, depois de muitas humilhações e contramarchas, um grupo de moradores formou uma comissão que pleiteou junto às

autoridades a mudança do nome para Jaçanã, um pássaro todo cinza com penas amarelas em sua asa e o peito avermelhado e que, alegavam, era comum ser encontrado às margens do rio Cabuçú.

Em 198, Jaçanã, ou Guapira, recebeu a sua visita mais importante: o rei Alberto da Bélgica que ali esteve para voar com Edu Chaves, só não o fazendo devido à forte neblina. Edu Chaves, um ano antes, havia adquirido por 55 contos de réis uma área de um milhão e 200 mil m<sup>2</sup> para ali instalar o seu campo de pouso que possuía, então, 21 aviões trazidos da Europa. Segundo ainda a Comissão de Festejos, o raid São Paulo-Rio partiu do Guapira, assim como o raid São Paulo-Argentina em 1920.

(CONTINUA NO VERSO) →

## Adoniram só pegava o trem das 19h30

Sim, fui convidado. Mas se não me derem cachê, não vou. Sou profissional, ora...

Adoniram Barbosa, o maior responsável pela projeção nacional de Jaçanã, nunca morou no bairro, nunca teve parente que morasse lá e há seis anos que esteve pela última vez no Largo de Jaçanã, quando da demolição da estação de seu "Trem das Onze". Nessa ocasião, ganhou então de presente do chefe a lanterna vermelha de aviso aos maquinistas, uma espécie de carinhosa homenagem.

— Sabe, de 60 a 68 eu frequentei muito o bairro, pois trabalhava em circo. Pegava o trenzinho ali na rua João Teodoro, o da Cantareira, pois, apesar de sempre lotado, com gente dependurada por tudo o que era canto, era barato.

A viagem costumava durar uns 40 minutos, metade da música martelando a cabeça do autor de "Saudosa Maloca".

— Se eu perder esse trem, que sai agora às 11 horas, só amanhã de manhã... amanhã... amanhã... Jaçanã. E achei bonito o nome. Dei para os "Demônios da Garoa" gravar, ganhando ainda com ela o primeiro lugar no carnaval carioca de 1965.

O horário — "11 horas" — também entrou na canção por conveniência musical, pois Adoniram só viajara no trem das 19h30. "E apeguei-me depois sentimentalmente a ele. Senti muito a sua tirada de circulação".

Com o dinheiro ganho com o "Trem das Onze", Adoniram diz que só deu para comprar "um terreninho, não foi muito não". E apesar de considerar Jaçanã "muito bonito, com aquele lago e aquele verde todo", escolheu para construir a sua casa no Jardim Prudência, no Aeroporto.

Mas Jaçanã não foi o único bairro de São Paulo a ser cantado em letra e música por Adoniram. Já o foram, também, Vila Esperança, Casa Verde, Moóca, Brás e Bela Vista. "Eu gosto de São Paulo".

De férias até o fim do mês na TV Tupi, Adoniram Barbosa surpreende com a revelação de que acaba de gravar o seu primeiro LP, pela Odeon, onde recorda todos os seus grandes sucessos, inclusive o recente de parceria com Benito Di Paula.

— E o último?

— Último, não. O penúltimo, que é que há... "Véspera de Natal", que está também no LP. Jaçanã? Cento e quatro anos, heim...



Adoniram Barbosa cantou Jaçanã mas nunca morou lá

## No aniversário, seria o presente esperado?

Não chega a ser um presente especial para Jaçanã, no seu aniversário, porque a Administração Regional de Santana — a quem o bairro está subordinado — tem que olhar também por mais um sem número de outros bairros e 88 vilas, que compreendem 123 quilômetros quadrados de área e uma população de 750 mil habitantes.

Mas segundo o administrador Donaldto Sebastião Toledo Piza, sua Regional conta, para aplicar até o fim do ano em serviços públicos na Zona Norte, com dois milhões e 700 mil cruzeiros, 900 mil em contratos já assinados e mais um milhão e 800 mil que deverão ser liberados ainda esta semana pelo prefeito Miguel Colasuonno.

— Nunca houve uma verba dessas aplicada na Regional de Santana.

O administrador Toledo Piza, 34 anos, diz isso com um certo orgulho, ainda mais por se achar no cargo há apenas dois meses.

— E uma das maiores Regionais. Vai do Tietê à Serra da Mantiqueira, de Vila Maria à Casa Verde. É maior que Curitiba.

Os números: 1.900 quilômetros de ruas (três mil mais ou menos), sendo 700 km de terra; 108 entidades assis-

tenciais; 98 igrejas, entre católicas e protestantes; 96 tendas de umbanda e espíritas; 31 escolas e colégios; 13 parques infantis; 51 grupos escolares; 47 colégios estaduais; três bibliotecas municipais; seis creches (cinco particulares); 224 clubes (de malha a futebol); 11 centros de saúde do Estado; 10 postos de saúde; seis prontos socorros; 55 sociedades de amigos de bairros; 18 clubes de serviço; dois jornais (A Tribuna e A Gazeta da Zona Norte).

Quanto à verba de dois milhões e 700 mil cruzeiros, informa o administrador Toledo Piza que, de conformidade com a filosofia da Prefeitura, será ela destinada integralmente "à conservação de uma região de São Paulo, no caso os bairros da Zona Norte".

A conservação: regularização de ruas de terra, construção de sarjetões (para escoamento das águas pluviais), acaschamento, limpeza de córregos, conservação de galerias, limpeza de bueiros, serviços de tapa-buracos e tapa-valas, conservação de ruas asfaltadas, conservação de áreas verdes.

— E, é evidente que Jaçanã, um dos mais representativos bairros da Zona Norte, será também e devidamente aquinhado.



**"SCAPRICIATELLO"**

Este poderia ser o título desta fotografia que nos mostra Adoniram Barbosa, grande interprete comico de nosso radio e figura tambem conhecida de nosso cinema, pois o homem representa um tipo popular da velha Napoles e que faz diariamente sua ronda pelas cantinas da sua cidade levando a todos a ultima canção do seu repertorio. Acontece que Adoniram Barbosa é um elemento categorizado na interpretação de tipos, tanto para o nosso radio como para o nosso cinema, e no presente clichê apenas está distarçando o inspirado compositor que é, autor de melodias campeonissimas como: "Saúdosa Maloca", "O Samba do Arnesto", "Iracema" e outras que saíram de São Paulo na interpretação do conjunto vocal "Demônios da Graça", para alcançar êxito marcante em todo o Brasil. Além, Adoniram Barbosa antes de se revelar um ator dos maiores de nosso sem-fio, já era compositor de sucesso e cantor de samba de breque, na antiga Radio Kosmos, do tempo da famosa "Hora H" que acabou revelando Ari Barroso como locutor.

### Eles partiram, mas o espetáculo não pode parar.



Grace Kelly



Henry Fonda

Várias personalidades do mundo das artes, que enriqueceram nosso mundo com o brilho de seus talentos, não viram o alvorecer do novo ano. Partiram desta vida e nos deixaram tristes de verdade, além de todas as emoções que suas fantasias nos proporcionaram. Sua falta é irreparável, mas apesar de tudo o espetáculo não pode parar.

#### Música

**Elis Regina**, entre os artistas desaparecidos, foi a morte que causou maior comoção no público brasileiro. Faleceu aos 36 anos, a 19 de janeiro, vitimada por uma dose letal de cocaína. Elis era considerada a melhor cantora brasileira da nova geração. Seu desaparecimento precoce frustrou uma carreira que ainda tinha muito a oferecer ao Brasil.

**Adoniran Barbosa**, o mais famoso compositor de sambas de São Paulo (criador do samba paulistano), faleceu a 23 de novembro, com 72 anos de idade. Foi também cantor e ator. Entre suas composições alinham-se: "Trem das Onze", "Samba do Ernesto" e "Saudosa Maloca".

**Thelonius Monk**, músico norte-americano, grande intérprete de Peças jazzísticas ao piano, faleceu aos 61 anos de idade, a 17 de fevereiro.

**Jacques Klein**, um dos pianistas brasileiros mais famosos no mundo, faleceu em 23 de outubro, vítima de câncer. Klein foi considerado um virtuoso, esteve dez anos viajando pela Europa e Estados Unidos e quando faleceu trabalhava na Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, aos 52 anos de idade.

**Arthur Schnitzler**, outro pianista de renome internacional, faleceu aos 95 anos, em Genebra, vítima de infecção generalizada. Rubinstein foi intérprete de Chopin, Mozart e Beethoven.

#### Cinema

O mundo do cinema foi abalado por diversos desaparecimentos de artistas famosos em todo o mundo.

**Romy Schneider**, uma das mais belas mulheres da tela e grande atriz, que ficou famosa com um filme de menor categoria: "Sissi". Desapareceu em 29 de maio, aos 43 anos de idade, vítima de enfarte, após sofrer vários traumas psicológicos: separações matrimoniais e a morte de um filho de 14 anos, acidentado ao cair sobre as grades ponteadas de um portão.

**Ingrid Bergman**, que também foi uma das mais belas mulheres reveladas pelo cinema, faleceu em 29 de agosto (mesma data de seu nascimento), vítima de câncer, aos 67 anos de idade.

**Grace Kelly**, atriz bela e delicada, de sofisticada formação educacional, morreu em 14 de setembro, aos 52 anos, vítima de um acidente automobilístico. Grace Kelly conquistou três prêmios "Oscar" em sua carreira e o título nobiliárquico de princesa, ao casar-se com o príncipe de Mônaco.

**Alberto Cavalcanti**, cineasta brasileiro mais conhecido na Europa que aqui, faleceu em 28 de agosto, aos 85 anos. Cavalcanti foi o criador do gênero cinematográfico intitulado "documentário", quando trabalhou na Inglaterra, durante a II Guerra Mundial. Lutou muito pelo engrandecimento do cinema brasileiro, mas foi marginalizado pelos grupos que dominam a Embrafilme.

**Lima Barreto**, outro grande cineasta brasileiro, que foi o primeiro a celebrar nossos filmes no Exterior, com sua fita "O Cangaceiro", exibida em mais de 150 países. Morreu no ostracismo, a 24 de novembro, aos 76 anos de idade. Lima Barreto também foi marginalizado pelos donos da Embrafilme.

(CONTINUA NO VERSO)





Adoniran Barbosa



Elis Regina



Romy Schneider



Ingrid Bergman

Rainer Fassbinder, um dos pioneiros do novo cinema alemão, diretor de 41 filmes, morreu a 10 de junho, aos 36 anos de idade, vítima de uma dose letal de tóxicos.

Henry Fonda, um dos mais famosos atores norte-americanos (95 filmes e 75 peças de teatro), morreu aos 77 anos, vítima de um ataque cardíaco, a 12 de agosto. Em seu último filme, "Num Lago Dourado", contracena com a filha, Jane Fonda.

Jacques Tati, ator e produtor do cinema francês, ganhador de um prêmio "Oscar"

por "Meu Tio", em 1958, morreu aos 74 anos, em 5 de novembro.

Curd Jurgens, ator de cinema que se tornou famoso em "Miguel Strogoff" e vários filmes de guerra, morreu a 18 de junho, vítima de um ataque cardíaco, aos 69 anos de idade.

A literatura brasileira também sofreu a perda de um de seus grandes vultos, Sérgio Buarque de Holanda, historiador e lexicólogo, morreu aos 79 anos, vítima de um ataque cardíaco, em 24 de abril.

Folha da Tarde Ilustrada  
Retrospectiva 1982 (cont.)

## "O Cangaceiro": Exito

O ESTADO  
DE S. PAULO

do Brasil 25/04/53



Uma das melhores passagens de "O Cangaceiro": o "estudo de contas" entre o "capitão" Galvão (Milton Ribeiro) e Teodoro (Alberto Ruychel)

**APLAUDIDAS A AMBIENTAÇÃO, A FOTOGRAFIA E A MÚSICA — CRITICADOS O ARGUMENTO E O ROTEIRO**

CANNES, abril (De Novais Teles). Nosso enviado especial — Cannes e Veneza têm sido desde há três anos o nosso campo de ação profissional nos Festivais Internacionais do Cinema. Somos, portanto, festimunhos de tudo quanto, desde então até hoje, tem ocorrido de saliente nestas duas mais importantes competições cinematográficas do mundo. É uma das notas salientes do IV Festival Internacional de Cannes será, sem dúvida, o novo salto do cinema brasileiro.

A crítica de abril, em Cannes, é a mesma que, no mês de agosto, se encontra no Lido. Os que por aqui se encontram, vindos de Paris, de Cairo ou de Birmânia, têm a impressão de morar apenas em ruas diferentes. Tão pouco é o mundo do cinema... A crítica acompanha, assim, de perto, a evolução cinematográfica, nos vários países do globo, anotando-lhe os progressos ou registrando-lhe os recuos. Até hoje, o "climax" do cinema do Brasil, quanto a realizações e promessas, estava no "CAJARA", desde agora, passa para "O CANGACEIRO". Não se dirá de agora: "é melhor ou pior que o "CAJARA", mas sim, "é melhor ou pior que "O CANGACEIRO". A película de Lima Barreto elevou, pois, no conceito da melhor crítica internacional, o padrão do cinema do Brasil.

"O CANGACEIRO" constituiu em Cannes uma autêntica surpresa. Ninguém esperava encontrar os fatores de alta qualidade que se revelam nesta nova produção da Vera Cruz. Os homens de pouca fé — oh! manes do "AREÍAO" — deixaram na sala algumas cadeiras vazias; mas os que ainda confiavam não perderam o seu tempo. É em Veneza — se o Brasil for a Veneza — os que assistirão à fita e assistirão os outros. Temos a certeza disto. Conhecemos os nossos clássicos...

Não nos fez esquecer "O CANGACEIRO" e a fita em que temos o "CAJARA", mas mesmo em comparação com esta apreciável película, a fita de Lima Barreto representa um grande passo adiante, situadas as duas no tempo que, no Brasil, anda a ritmo acelerado, como se sabe.

Vamos, primeira, com os defeitos que lhe aponta a crítica em geral, e com o "em geral" está, naturalmente, o nosso acordo. Deixemos a boca doce para o fim. Ao falar em crítica, frisamos, não falamos em público. Nos 1.400 lugares de sala do Festival, 80 por cento pertencem ao público. Esta acção a fita em conjunto, cordelmente, com simpatia, às vezes mesmo com entusiasmo. A atração do cenário, exótico para o público da Europa, e o encanto da música devem ter contribuído grandemente para o êxito da publicação conquistado pela fita. O seu valor comercial é evidente. Os distribuidores, que aqui mandam seus delegados, disputavam a exclusividade de "O CANGACEIRO" junto da gente mais ou menos ligada à casa produtora do Brasil. A crítica, reconhecendo e louvando a parte positiva da película, refrizou, porém, os seus entusiasmos. Não a aceitou em blocos. Discriminou-a. Lima Barreto, homem de cinema, ficou classificado em Cannes como um diretor de linguagem cinematográfica, rita quanto ao ve-

culo, mas pobre quanto à sintaxe. A expressão, de resto, não nos pareceu reproduzida, quase literalmente, e o êxito de um dos vossos críticos de cinema mais autorizados. Mas não se podia sintetizar melhor as reservas que Cannes opôs ao estilo ampuloso do diretor de "O CANGACEIRO". A fita, como documentário, é um conjunto de cenas e "clichês" que o espectador deve dispor em série por intuição como enredo, uma história a que falta a fluência do relato. Não se narra uma novela; esboçam-se os figurantes. Não se penetram psicologias; exibem-se expressões. São folhas soltas, de poderosa plasticidade, algumas delas, sem ligação entre si, porém. O particular e a mistura das personagens são mais do criador do que do ser criado. A personalidade singular do sr. Lima Barreto reflete-se bem naquele barbaquismo de realismo e naquela espécie de paroxismo no particular que são os do capitão do bando de civis, que persegue os cangaceiros. O contraste entre a violência do objetivo e a realidade da realização é um auto-retrato. O "melhor em ação" chamou a si a interpretação dos personagens, e é mais que evidente que a voz não o acompanha...

A inesperienza da direção da fita nota-se na sua falta de sequência e na quebra do ritmo. As grandes cavalgadas sucedem-se as senocências. Os vagalhões cortam-se esperadamente para dar passo às águas calmas. O espectador não chega a perder a respiração; fica apenas com a garganta seca. Quando as figuras estão ligadas ao quadro como partes integrantes de um todo fêbulo, algumas delas são perfeitas; mas desaparecem na ação, quando ligadas ao roteiro.

Depois, o elenco. Só os atores excepcionais em cinema superam o diretor. E destes há poucos. Em geral, o ator de cinema é obra do diretor. As fitas de crianças não representam nisso uma exceção. Nos protagonistas de "O CANGACEIRO", o desempenho do papel e as mãos que dirigiram os intérpretes estão bastante aquém da dedicação e do valor intrínseco desses rapazes e moças de boa vontade. O "capitão" Galvão, Ferreira, que quer ser severo, é apenas monótono; falta-lhe "nuance", o claro escuro, os tons menores que dão o folego para o cê de pelia. Teodoro, tão estimável artista, perde-se na palhaçagem adusta de "O CANGACEIRO" em despojos de comédia branca. Maria Irada, tão bonita, tão fotogênica, "me leve paz", como por aqui se diz. Quanto a Maria Clodia, tudo quanto ela é na fita a si o dever é figura que Deus Nosso Senhor lhe deu e é sua voz deliciosa. Como "mulher má" da história fica só em lipetíssimo esboço. Mas, se das primeiras figuras saltamos para as secundárias, para aquelas que compõem o quadro sem ação, aí as mãos inexperientes do diretor obedecem ao infinito e ao talento sem artifício, e fazem excelente obra de cinema.

Vejamos, agora, as qualidades registradas pela crítica de Cannes. Em primeiro lugar, toda a ambientação da película. Todos os elementos etnográficos do Nordeste chegam à perfeição nos cenários e nos desenhos. O friso dos cangaceiros que cavalgam em silhueta é admirável. O diretor teve aqui cooperação valiosa da fotografia perfeitamente consubstancializada com seu modo de conceber a terra com grande-

za e misterio, e que é, quanto a nós, um dos predicados mais brilhantes do sr. Lima Barreto. A seguir, a música, que obteve um êxito de consagração. Al val um prognóstico: a "Olé, mulher rendeira" será uma canção popular na Europa quando a fita correr sorte pelos "ecrãs" do Velho Continente. A canção de Maria Clodia foi aplaudida com entusiasmo por toda a sala de Cannes. Por último, a fotografia, que tem presença, na fita, de "vedette" da primeira ordem. A máquina registra planos, rêsas horizontais, marca permer-

nares com um virtuosismo de mestre, sem jamais cair em amaneiramentos para a galeria. Os "lomos" são sempre maus. Quantas vezes o grande Figueira não cai em "figuralismo"! Oxalá que o sr. Fewley se conserve sempre em estado original. Esta, Carvê e Migliori foram as grandes heróis da noite de "O CANGACEIRO", em Cannes.

O sr. Lima Barreto teve nelas os melhores cooperadores de sua realização. A película foi aplaudida duas vezes no curso da projeção: na canção de Maria Clodia e naquele momento em que um gato salta para uma janela fechada, quando o bando do "capitão" Galvão invade o vilarejo do sertão. Trata-se, realmente, de uma verdadeira "trouvailla".

Em conclusão, na fita há altos e baixos como em tudo quanto é humano. Com todas as suas grandezas e misérias, deixou o Brasil bem colocado na competição. Tudo quanto anda por aqui de brasileiro ou ligado ao Brasil viu a fita de cabeça alta, o que nem sempre acontece. O fato dela ter sido programada para a segunda sessão noturna do Festival é prova de que o Juri lhe reconhece méritos. Os "salpitantes" já a colocam como finalista para um dos prêmios secundários da competição. São, por agora, prematuros quaisquer prognósticos. Mas o certo é que, se o prêmio vier, não constituirá uma surpresa para ninguém; se não vier, porém, que também não haja aí decepções. Não há razão para tal. Em qualquer das hipóteses, já nada destruirá esta realidade: o êxito do Brasil no IV Festival Internacional do Cinema de Cannes.

Amanhã, às 21 horas, o Teatro Traxe de Maio abre suas portas para homenagear, através de Cartola, Mano Dácio da Viola e o cronista Sérgio Cabral, ao samba paulista. E o samba paulista, se ele tem um pai, seu nome é Adoniram Barbosa. Adoniram que volta às paradas

de sucesso com "O Trem das Onze" gravado por Gal Costa.

Adoniram que já foi o simpático Charutinho no rádio, que agora é um pescador na novela

"Mulheres de Areia", depois de filmar com Vera Fischer

em "A Superfêmea". Adoniram Barbosa, que será homenageado amanhã em nome do samba paulista.

Que é personagem desta cidade, das rodas de samba nas "bocas". Adoniram, da "Saudosa Maloca", está falando de suas muitas facetas e façanhas, em depoimento exclusivo concedido a Liba Frydmann.



ULTIMA  
HORA-SP

07/10/73

PAG. 12

(VER A  
ENTREVISTA  
NO VERSO)

Entrevista  
a Liba  
Frydmann



Ele é o mais  
significativo  
representante do  
chamado samba paulista  
nascido do povo, do povo  
quase sempre  
esquecido que povoa  
esta cidade  
selva de concreto.

# Adoniram Barbosa, "Saudosa Maloca"

## Do rádio à televisão. (Saudades do rádio)

• Como se sente com trinta anos de carreira?

**ADONIRAN** — Me sinto cansado, às vezes desanimado, mas não faz mal, tá bom. As vezes estou contente, as vezes me sinto com muita vida, é assim. Varia muito o meu temperamento, sabe? Nesses quarenta e cinco anos de rádio, trinta são só de Record. Ah, mas não tem nada, porque ainda faço os meus sambas, tomo parte nos programas de televisão. Fiz outro dia um samba bonitinho aí, que vou gravar com os "Demônios da Garoa"; um outro gravo com os "Originais do Samba". Eu tenho muita força de vontade. Sabe que é difícil me entregar? Difícil não, é impossível me entregar.

• Você diz que começou há quarenta e cinco anos? Como é que é isso?

**ADONIRAN** — Vou começar só da Record só, que foi a única que me deu mais ou menos. Em 41 eu estava na Rádio Cruzeiro do Sul com Blota Jr., Vicente Leporace, Sagrador De Scuvero, e na inauguração de um restaurante ou de uma casa de modas, não me lembro bem, estava Otávio Gabus Mendes porque o pessoal da Record foi lá fazer entrevista. Sagrador, que era muito minha amiga, me apresentou ao Otávio Gabus Mendes. Na Cruzeiro eu fazia programas humorísticos com Blota e Leporace até sábado, e de manhã um programa de discos, chamado "Programa Classificador", só de sambas, e fazia humorismo de noite, com eles, quinta, sexta e sábado. Aí, falei com Otávio, e Otávio disse assim: "Então você vai fazer teatro comigo, na Record, aos domingos, Serões Domingueiros". Era novembro de 41 ainda. Aí, eu ia lá aos domingos, e fazia os serões e ganhava vinte mil reais de cachê.

• Nessa época você era humorista, sambista ou o quê?

**ADONIRAN** — Até 41 eu era cantor de samba. De 41 eu passei a fazer mais humorismo. Na Record então eu fiz teatro com Otávio Mendes e daí deixei da Cruzeiro do Sul. Otávio gostou de mim, chegou Oswaldo Moles, também meu grande amigo, e gostou. Eu não estava ganhando nada, sabe, de graça por enquanto, viu? Só o cachezinho dos "Serões Domingueiros". Aí o Moles escreveu pra mim "Zé Conversa", um pretinho sózinho

na casa da sogra. Eu lia sózinho aquela conversa de crioulo. Foi indo bem, pam, pam, pam, e chegou Dezembro de 41. Eu dizia: Puxa vida, Otávio, não podia arranjar pra botar eu na folha, né? Um ordenadinho tão pequeno... E fiquei pedindo, todo dia, Pedindo. Eu venci pela cansaço, sabe? Aí, tinha um rapaz, chamado Barreto Machado, um ator, que era empregado público e também fazia a Record aos domingos, só, os "Serões Domingueiros". Aí, Otávio falou assim: fala com o Barreto Machado, ele ganha um conto de reis por mês. Grande sujeito êsse, espetacular! Quer ver como é espetacular? Ele ganha um conto por mês, vê se ele divide com você o dinheiro? Você é malandrinho, você é esperto — falou pra mim o Otávio. Então, eu pensei: ótima idéia! Eu falei: Barreto, puxa vida, trabalho aqui na discoteca, faço mais duas novelas de manhã, faço "Casa da Sogra", trabalho nos programas noturnos, e só ganho trinta mil reais por domingo? Você podia fazer uma coisa... E o Barreto: Pois não, rapaz! Perfeitamente! Vamos dividir o meu com você! E rachou o dinheiro dele comigo. Ninguém faz isso, faz? Difícil fazer isso. E um sonho! Ele pegou, foi lá com Theophilo Almeida Sá, diretor comercial, e falou: "Theophilo, pode botar na folha pra ele, do meu conto de réis, quinhentos cruzeiros". Feliz da vida, então, eu comecei a ganhar, em Janeiro de 42, quinhentos cruzeiros por mês. Os quinhentos do Barreto Machado. Sujeito lindo, já morreu, coitado. Deve estar no céu. E aí comecei: quinhentos, aí veio a Maria Amélia, fiz com ela "Zé Conversa" e "Catarina", que Oswaldo Moles escrevia. Aí veio "Palmolive no Palco" com Otávio Mendes, que vinha da América do Norte, traduzido em português. Aí veio o Gilberto Martins, fez pra mim "Escola Risonha e Franca". Sucesso extraordinário! Eu vou falar bem de mim, agora: fui ídolo das crianças, de 42 a 45. As moças esperavam acabar a Escolinha às seis e meia, e ficavam na porta para roubar meu lenço e cortar minha gravata com tesoura.

Já faziam comigo isso aí. E eu sou feio... Mas todo mundo gostava: as crianças e também as mães. Aí tinha um time de futebol com o nome de Barbesinha, onde

eu fazia sucesso. Barbesinha Futebol Clube. Foi o primeiro ídolo a ter time de futebol com meu nome, o que é que vocês pensam? Sabe quem era o treinador do meu time, sabe? Murilo Leite, da Bandeirantes. Era ele, pois é. Ele ia comigo aos domingos ao clube, treinar os garotos. Eu era o diretor e ele era o treinador...

Bom, eu estava na "Escola Risonha e Franca", daí fiz "Crime Não Compensa" em 44, até 54, sempre com texto do Oswaldo Moles. Difícil falar por trinta anos. Quanta coisa eu fiz! Fiz "Nossa Cidade"; também do Moles, fazia do Armando Rosas o "Bicho do Pé" as sete horas da noite. Fazia com Blota Jr. "Não Diga Alô". Até aí já estamos em cinquenta e tantos... E que mais? Ah, em 54, quando o Corintians estava naquela época boa, diziam "Está fumando charuto" e o Moles botou em mim o apelido de Charutinho e fez o programa "História das Malocas". Em 54 começou o programa e fez sucesso até 1966 ou 67. Doze anos de sucesso. Primeiro lugar, aos domingos ao meio dia e sexta-feira às nove da noite. Fiz tanta coisa na Rádio Record! Cantava samba com Geraldo Mendonça, José Paniguel. Fiz muita coisa mesmo. Não dá pra lembrar tudo assim, filha! Depois vim pra televisão. A Record mudou e eu fiz cobala pra televisão, muito tempo. Sabe o que é cobala, né? Experiências. Helio Ansaldo mandava me buscar na Quintino, e eu vinha aqui fazer programa de cantor de samba também. Fora disso, cobainha, também, teste de câmera, aquela coisa. Hoje, tá bom não sou muito. Tá bom, tá bem. De vez quem quando me chamam aí.

Fiz uma novela na Record com a Wanda Kosmo que gostei muito de mim. Fiz "Tilim" com ela, gostei muito de mim a Wanda, sabe?

• Foi a primeira vez que trabalhou como ator de novela?

**ADONIRAN** — Eu já tinha feito com Marcos Cesar o "Ceará Contra o 007", onde fiz um cara humorístico. O "Tilim" foi o primeiro sério, fiz ator dramático. Fiz depois "O Príncipe e o Mendigo" e agora estou na "Mulheres de Areia" na TV Tupi. Eu quero lembrar coisa mais do passado, mas não dá pra lembrar...

• O Moles se baseou em você para escrever o Charutinho ou em gente que ele conhecia?

**ADONIRAN** — Baseou em mim. E que eu todo dia conversava com ele, né? Eu ando muito com crioulo, andava muito em favela, em birascas por aí. Ainda ando. Eu tenho cem amigos, oitenta são crioulos. Tanto que eu falo muito do jeito deles. Falo errado como eles falam. E o Moles, inteligente, qualquer coisa que eu dizia pra ele, já fazia história. Se eu dizia "o fui lá", em vez de "eu fui lá", Moles já fazia história e pronto. Um troço qualquer e já ele criava uma história das mais engraçadas.

• Depois você achou um outro autor igual a ele para escrever suas histórias?

**ADONIRAN** — Não. Infelizmente, não achei, não. Não que eu seja enjoado, sabe? Não é, eu é que tenho muito gosto, graças a Deus, e não é a mesma coisa, de jeito nenhum... O Moles escrevia pra mim de toda a maneira, tudo

certinho no tipo. Não unna erro. Jean Rubinet era um francês que eu fazia com a Jane, irmã da Sônia; fazia Jijo Maragato, um veneto bom de mais. Tinha espanhol, argentino, muita coisa.

• Como é que você vê a televisão e o rádio de agora?

**ADONIRAN** — O rádio tá indo bem agora, mas é diferente, né? Não tem mais nada o que falar, é só disco, disco e mais nada. Não tem nada trabalhado assim. Pelo menos não vejo. É disco, depois disco, e depois mais disco, não tem mais nada trabalhado, vamos escrever isso aqui. A Bandeirantes um pouquinho, né? As outras não têm nada. E só vamos ouvir, não tem mais trabalho como antigamente. Programa falado, escrito, trabalhado, musicais bem feitos, com legendas, como era aquele "Nossa Cidade", muito bem feito. Era o Oswaldo Moles que escrevia. Agora não tem mais. Na televisão, apesar de vinte anos dentro dela, entrei bem pouco dentro dos programas e é difícil entrar.

• Foi já juri de televisão. Gostou? Foi no "Quem tem Medo da Verdade"?

**ADONIRAN** — Gostava pouquinho. Porque na hora da briga, discussão, aquelas coisas, xingar, aquilo não era comigo. Eu só criei o "Otis" que todo o Brasil fala, "Otis, Otis, Otis", besteira, mas todo mundo fala, pegou. Esse negócio de gritar, xingar, não era bom, não pegava bem.

(CONTINUA NA  
PRÓXIMA FOLHA)



são paulo  
quarta-feira  
9 de fevereiro de 1972

11

OSWALDO MENDES

RONDA



## Os trinta anos de Adoniran na Record

Já estava na hora de a gente se referir aqui aos trinta anos de vida artística de Adoniran Barbosa, que nesse tempo todo esteve sempre ligado à Record, porque na verdade sua carreira teria outros quinze anos, se fosse somado o tempo em que trabalhou em outras emissoras por aí, dando sempre um jeito de faturar o seu feijão com arroz.

O nome de Adoniran Barbosa se liga de pronto para o leitor, a músicas bastante famosas, como "Saudosa Maloca" e "Trem das Onze", que ajudaram também o sucesso de um conjunto popularíssimo, "Os Demonios da Garoa". Portanto, quando em São Paulo se quiser falar de música popular, a presença de Adoniran Barbosa será sempre uma constante.

Adoniran Barbosa continua a mesma simplicidade que caracterizou sua carreira. Ainda há uma certa expectativa por parte do público quanto à possível volta do personagem Charutinho, que durante bom tempo fez sua fama no rádio. Aliás, em suas andanças como artista, Adoniran fez de tudo: rádio, teatro, cinema, televisão. Aos sessenta e um anos de idade, ele só tem de seu uma casa, onde mora com sua constante companheira de mais de trinta anos, Dona Matilde, e em se aposentar só pensa para daqui um tempo.

Num papo que levou com a nossa companheira Liba Frydman, Adoniran Barbosa revelou uma tristeza que conserva em meio a seu permanente bom humor. Acontece o seguinte. Cerca de cem estórias escritas especialmente para ele por Oswaldo Moles, da série "Saudosa Maloca", ainda esperam um adaptador e alguém que se interesse por lançá-las em rádio, num horário dos bons, entre nove e dez da noite, por exemplo. Seria a chance que tanto Adoniran como seu público teriam para a volta do famoso "Charutinho", principal personagem da série.

E, na conversa, Adoniran foi revelando coisas de sua carreira. Por exemplo, um dos momentos altos, na Bienal do Samba, promovido pela Record, em que participou com "Mulher, Patrão e Cachaça", uma letra de Oswaldo Moles que ele guardava em sua casa e que belo dia resolveu musicar:

— Todo mundo cantou, foi um sucesso extraordinário. Eu e todo mundo salmos pro saçuão quando soubemos que eu tinha perdido para "Lapinha". Ninguém entendeu. Meu samba era lascado, bom mesmo, está aí gravado prá mostrar. Foi aquela roda de samba infernal no saçuão. Todo mundo querendo me levar prá dentro, prá mudar a decisão do júri. Foi perigoso aquele dia, o pessoal estava brabo, não era sopa, não. Mas foi bom. Eu não entendi, mas me diverti muito.

## O muito obrigado dessa associação à viúva de Adoniran



Sr.: "Obrigada, senhora Adoniran Barbosa, d. Matilde, obrigada por nos devolver o Adoniran e dividi-lo um pouquinho com a gente! Nós também nos emocionamos com a beleza e a fidelidade desse último disco lançado pela Eldorado. Ficamos duplamente emocionados, pois revivemos Adoniran e Elis ao mesmo tempo... Coisa boa podermos ouvi-los juntos, com tanta vida, tanta energia!"

Um belo trabalho que tenta preservar a memória e a obra de Adoniran nesta terra paulistana; um trabalho que só poderia partir da companheira, da mãe, dos irmãos. Um trabalho carregado de amor, de respeito e de carinho com esse homem que falou e reproduziu a linguagem deste povo durante toda a sua vida. Um trabalho de gente iluminada!

Conhecemos a sua luta árdua e insana para criar um acervo, para manter Adoniran nas bocas, nas ruas, nas praças, para manter viva a memória do homem que mais documentou São Paulo, que mais fielmente reproduziu a sua tradição e o seu folclore, por meio do Bexiga e dos tipos humanos que transitam pela nossa Sampa.

A senhora sabe que qualquer iniciativa desse tipo deve partir da família, ou ter o seu aval, porque dificilmente alguém terá maior interesse que os familiares em immortalizar a imagem de uma figura tão querida e tão maravilhosamente pura como Adoniran Barbosa... E a senhora foi à luta! E trouxe Adoniran de novo pro meio, pras bocas, pras ruas, pro rádio, pro jornal, pra televisão. Esse trabalho o levará para as gerações futuras... Pode alguém gostar mais dele que a senhora? Neste momento é a senhora que nos leva às lágrimas; neste momento a nossa homenagem é à companheira do Adoniran que decidiu continuar o trabalho do artista que partiu antes mesmo de terminá-lo; a nossa homenagem é para o ser humano que nos dá uma lição de amor em cada gesto, em cada atitude.

O nosso agradecimento, enfim, é para a senhora, dona Matilde, pois a homenagem a ele a senhora está fazendo com o seu bonito e despojado trabalho e, como diz a Rita Ruschei, "por uma confusão de horário", nem Adoniran nem Elis puderam estar presentes, mas um

dia a gente acerta os ponteiros... e na hora exata diremos a eles pessoalmente o nosso amor." Associação Brasileira Elis em Movimento-Abem, Capital.

Paulo, Quinta-feira, 19 de Março de 1953

ULTIMA HORA PAG 4

Radio 3 TELEVISÃO

DISCO  
MOTOS

### ANIVERSARIO DE ULTIMA HORA

Cruzam-se as taças de cristal. Um bolo monumental. Brindes e mais brindes. O nosso gerente, sr. Grimaldi, correndo de um lado para outro, providencia para que nada falte aos redatores, funcionarios, fotografos, operarios, etc., com o mesmo carinho de sempre e como um grande anfitrião. Rosario Salazar com um penteado "à la garçon" e vestida vampirescamente. Matias Pacheco com um laço de gravata "Duque de Windsor"; Poes Lemos calmo e sereno como o "mahatma" Gandhi em época de jejum; o chefe de reportagem, Ibiapaba, junto ao Menezes, não permitindo as suas travessuras; o diretor-presidente Samuel Wainer, feliz como um passarinho; o superintendente Mario Heredia concedendo vale que só caixa candidato a vereador e em véspera de eleição; o diretor de redação, Josimar Moreira, sorridente que, ao Getulio Vargas; o reporter Gato desarmado e assoviando o Hino Nacional; Miguel Helou sempre olhando para o Altíssimo e, finalmente, o subsecretario Mucio passando por este cronista sem olhar para o relógio e criar um caso.

Assim transcorreu a festa comemorativa do 1.º aniversário de ULTIMA HORA, de cujo quadro de redatores nos orgulhamos de fazer parte.

Um dos melhores produtores da Nacional paulista, Amador Galvão, é o responsável pelo programa "Isto é America", que vai para o ar hoje, às 20 horas e 30, com a participação da cantora de voz diferente, da cantora que vale a pena ser ouvida, da fabulosa Inesita Barroso.

Na eleição previa realizada ontem na Radio São Paulo, para escolha da candidata PRA-5 ao concurso "Rainha do Rádio de 1953", foi vencedora a radiatriz Maria Aparecida Alves, que após a sua inscrição, passará a ser a candidata oficial daquela emissora.

Fizeram presente de uma crara ao Biota Junior, diretor-artístico da Record. Parece, entretanto, que ele não gostou muito das travessuras que a referida ave andou fazendo em cima de sua mesa.

Quem não conhece o Adoniram Barbosa e conversa com ele pela primeira vez tem a impressão de que o radiador da Record, compositor e artista de cinema, é doído. E é mesmo. É muito convencido, mas uma boa "praça". Acha que é o tal. E é mesmo. Considera o seu "slogan" uma maravilha: Adoniram Barbosa, o milionario criador de tipos comicos.

Ultimamente anda metendo "banca" pelo papel que desempenhou no filme "O Can-



gacete". Também já está predizendo o seu exito como "Pepe" — o cabeleireiro", papel que encarna no seu proximo filme e denominado "Esquina da Ilusão".

Conversando com este cronista contou mil e uma vantagens com referencia às suas fias. Para não perder o amigo nós acreditamos. Disse tambem que é o maior "cartaz" da B-3. Ontem estava no "Nick Bar" posando para um fotografo e fingido que tomava usque.

Finalmente lançou uma pergunta à queima roupa:

— "Você não acha "no duro" que abafei peste Carnaval como compositor?!"

O conhecido "astro" do cinema nacional Orlando Viáler, esteve ontem na redação de ULTIMA HORA, participando dos festejos do seu aniversario e cumprimentando a turma toda.

FOMOS TIRÁ-LO DA CAMA E CONTAR-LHE A NOVIDADE

# “O Cangaceiro”, de Lima Barreto, Conquista o Premio Internacional

Quando entramos pela madrugada, chegamos a notícia de que “O Cangaceiro”, a produção de Lima Barreto, havia sido premiada no Festival de Cannes. Fomos acordar Lima Barreto que, àquela hora, se refestelava em seu leito cansado da viagem que fizera a Campinas. Mas o trazemos para a redação e aqui ele acompanhou a série de telegramas que continuava chegando sobre o seu filme que tem sido lido discutido na imprensa do mundo inteiro. O premio conferido a “O Cangaceiro” foi o Premio Internacional do Filme de Aventuras, com menção especial para a musica.

**FALAB SERIAMENTE**

Ao receber a noticia, Lima Barreto desabafou: “Chegou afinal o instante em que devo desafivelar a mascara publicitaria do sedizente cabotino, e — seriamente, falar do premio internacional que, em Cannes, acaba de ser atribuido ao meu “O Cangaceiro”. É obvio dizer-lhes, meus amigos e meus patriotas, que estou comovido, e que uma gotinha traçoira de lagrima me aflora nos olhos e me enche o coração de orgulho. Na longa via-cruce que foi a minha vida até hoje, uma unica preocupação me dominava: fazer alguma coisa pela minha terra e pela minha gente no campo do cinema em que me especializara.”

**CUMPRIDA A PROMESSA**  
É ainda o criador de “O Can-

gaceiro” quem fala, com a consciencia de quem produziu algo que deu nome ao Brasil:

“Prometi muitas vezes, entre as chacotas e as pilherias ridicularizantes dos energumenos, fazer com “O Cangaceiro” o maior filme brasileiro de todos os tempos, bater todos os recordes de bilheteria e projetar o nome do Brasil nas telas do mundo com a obtenção de um premio internacional. Filme e premio que nunca pretendi pa-

ra mim, mas para o Brasil que tanto amo e que deve continuar a esperar de mim todo o meu sangue, todo o meu suor, todas as minhas lagrimas. Só a morte ou a invalidez permanente poderão evitar que eu ainda dê ao Brasil o melhor cinema do mundo.”

**A COMPENSAÇÃO**

E Lima Barreto prosegue falando, agora de sua vida: “Vinte e cinco anos de miséria e humilhações foram afinal compensados com o galardão de

Cannes. Ergo as mãos postas para o céu e agradeço a Deus. Tudo é bom quando termina bem. Neste momento reconcilio-me com os inimigos e os simples desafetos — e exorto-os a todos no cinema, na ciencia, no jornalismo, no teatro, na politica, em todos os ramos da atividade humana, a cerrar fileiras em torno dum unico ideal: propugnar pelo engrandecimento deste vilipendiado País, que não merece tanta maldade, tanta desonestidade, tanta safadez desses sedizentes patriotas que vivem por aí empanturrando-se de falsas

glorias indebitamente apropriadas. Agradeço, comovidamente, todas as exorbitantes homenagens com que vocês me cumulam. Fiquem contentes por serem brasileiros”

E finalmente, depois de agradecer a ULTIMA HORA a noticia que lhe demos em primeira mão acrescentou:

“Vou terminar com a ultima das minhas tiradas tonitruantes: retiro, afinal, da calva apostiloca a corpa de espinhos e nela recebo a coroa de louros — a qual, ai de mim, costuma durar tanto quanto as famosas tocas de malherbe...”



bosa, que relembra os 40 anos muito felizes que viveram juntos, "a pessoa maravilhosa que ele foi para mim e acho que para todos vocês também... a música dele vai ficar af para todo o sempre... Ele nunca vai ser esquecido..." Dona Mathilde lembra a história da corda mi do cavaquinho e canta "Prova de Carlino". Sua voz funde-se à de Adoniran para um final emocionado:

— A gente não pode falar "vou parar"... a gente não pode parar, não... Vou até morrer fazer samba.

#### Pelo museu

Segundo dona Mathilde, Adoniran tinha vários discos 78 rotações gravados, mas apenas três LPs, feitos nos seus últimos anos de vida. Aliás, neste momento está numa luta para conseguir que órgãos do governo consigam para ela um lugar e verbas para a instalação do Museu Adoniran Barbosa, uma vez que tem em casa algumas raridades que pertenceram ao compositor. Ela guarda recortes de jornais e revistas, desde os anos 30, quando começou a carreira de Adoniran, seus troféus, partituras musicais, discos e os incríveis brinquedos que ele mesmo construía, como um trenzinho com movimento e uma série de detalhes. Entre as coisas que considerava preciosas, está também a lanterna da Estação do Jaçanã, quando ela parou de funcionar, além de uma série de outros objetos doados por outras pessoas, depois da morte de Adoniran Barbosa. Tem absoluta certeza de que Adoniran teria gostado demais deste disco, tanto quanto ela, que resolveu colocar seu depoimento pessoal na contracapa.

Para Aluizio Falcão, o disco tem momentos emocionantes e de muita força dramática, um particularmente importante:

— Eu acho que é a síntese do humor de Adoniran. Ele dá uma lição de habilidade política de fazer inveja ao dr. Tancredo Neves: todo mundo cobrava uma posição política dele e no momento de uma entrevista ao Vox Populi em que perguntam sobre o que achava da depredação dos trens ele sai com aquela história de que detesta metrô. O repórter insiste dizendo que não estava perguntando sobre o metrô, mas sobre os trens e ele habilmente pergunta: "Mas metrô não é trem?"

Adoniran Barbosa — Documento inédito está sendo lançado hoje nas lojas e, como ele era o padrinho da Banda do Pirandello, é bem provável que nos próximos dias haja uma festa especial para comemorar o lançamento no próprio Spazio Pirandello. Com certeza dentro do espírito e clima que Adoniran aprovaria: com muita música e alegria.

**Maria Amélia Rocha Lopes**

JORNAL DA TARDE

02/06/84

PAG. 8 (CONT.)



Adoniran Barbosa — Documento inédito, de Eldorado, a partir de hoje nas lojas.

# Uma imagem precisa do compositor cuja maior fonte foi São Paulo

Foi no dia do seu aniversário que dona Mathilde Barbosa ouviu o disco Adoniran Barbosa — Documento Inédito, produzido pelo selo Eldorado. Chorou muito, principalmente porque o disco consegue, no pouco mais de meia hora de registros, passar uma imagem inteira, precisa, de um Adoniran Barbosa sempre muito bem humorado, crítico, consciente de que a sua melhor fonte sempre foi a cidade de São Paulo, seus bairros, seus personagens, presenças constantes em cada uma das suas composições. Adoniran Barbosa — Documento Inédito é o segundo disco desta série do selo Eldorado (o primeiro

foi de Cartola) e tem registros de forma contínua, sem interrupções por faixas, sua passagem pelo Fino da Bossa, programa comandado por Elis Regina, na TV Record, em 1965, seus depoimentos ao programa Vox Populi, da TV Cultura e ao Museu da Imagem e do Som, informações estas complementadas pelos documentos pertencentes a dona Mathilde (a mulher de Adoniran) e ao arquivo particular de José Nogueira Neto, que é, com Aluizio Falcão, o diretor de produção deste disco.

Ao todo foram mais de oito horas de gravações, depois de várias semanas de pesquisas. Como

já faz parte da história de Adoniran Barbosa, a Rádio Eldorado tinha um valor especial na sua vida: um sofá na sala de espera da emissora era o seu "escritório particular". Para lá marcava suas entrevistas, lá encontrava amigos e compositores, fazia a sesta depois do almoço na cidade. Curiosamente e talvez por esta constante proximidade, o programa especial que Aluizio Falcão pretendia fazer com ele na Rádio acabou não acontecendo. No dia em que marcaram estúdio para a gravação do programa FM Inédito, Theo de Barros, que o acompanharia ao violão, adoeceu. Em 82, pouco tempo depois, Adoniran faleceu. Gravado ali na própria Eldorado, há o samba "Minha Nega", num registro muito curioso: Adoniran batucava em cima da mesa o samba e José Nogueira resolveu gravar, de brincadeira. Estava compondo com Carlinhos Vergueiro esta música, então diz que ainda não estava pronto, que precisava ser arrumado.

Segundo Aluizio Falcão, o disco tem característica documental, como o de Cartola, mas com outro tratamento. No do sambista carioca, é ele mesmo tocando, cantando e contando sua vida. No de Adoniran, foi feito um vasto trabalho de colagem de todos os depoimentos prestados em vida pelo compositor. "Aproveitamos no máximo um terço do material pesquisado e resolvemos não lançar logo depois da morte do Adoniran, para evitar interpretações erradas. Queríamos prestar-lhe a homenagem e isto poderia ser entendido como exploração do fato. Na verdade, queríamos mesmo era lançar com ele em vida, mas a coisa foi sendo adiada e eu confesso que o resultado de agora é, com certeza, mais bonito do que havíamos pensado em fazer, que era apenas ele com voz e violão."

## Com Elis

A abertura do disco é com o prefixo do Fino da Bossa, onde a praticamente iniciante Elis Regina anunciava no seu programa "um artista que não pertence à minha geração, isto é, ele não tem 20 anos. No caso, ter 20 anos não é muito importante não, o que importa é a música que ele faz, que é muito boa". Numa voz límpida, mais aguda, só com violão, Elis lança para a platéia os primeiros versos de "Saudosa Maloca", para introduzir

o seu convidado muito especial: Adoniran Barbosa. A primeira pergunta de Elis:

— Adoniran, de quem é "Saudosa Maloca"?

— Este samba eu fiz comigo mesmo.

Entremeando conversas gostosas, recheadas das famosas gargalhadas de Elis, Adoniran vai mostrando seus sambas muito peculiares, com português propositada-

mente errado (mais à frente ele vai falar desta questão do seu português). Canta "Luz da Light", "Prova de Carinho", feita com Hervé Cordovil (a história real de ter sacrificado a corda mi do cavaquinho, para fazer uma aliança para dona Mathilde), "As Mariposas", "Um Samba no Bixiga" (que Elis quer saber por que tem este nome e que ele, claro, no meio da brincadeira, acaba não explicando) "Bom Dia Tristeza", sua parceria por correspondência com Vinícius de Moraes, a quem nem conhecia pessoalmente. Adoniran diz "eu dou a saída e você embala" e Elis canta lindamente uma das mais bonitas canções da música popular brasileira. A conversa está ótima e ela propõe que ele fique no programa até o final e a saída é perfeita: "Não posso ficar/ nem mais um minuto com você/sinto muito amor..."

Este lado A segue entremeando uma música de Noel Rosa e outras de Adoniran com seus depoimentos sobre sua carreira (começou como cantor, na Rádio Cruzeiro do Sul. Era entregador de encomendas de uma firma na rua 25 de Março e, vez por outra, entrava na rádio para conversar com os amigos. Acabou pedindo para participar de um programa de calouros, foi gongado na primeira vez, insistiu, trocou a música e entrou cantando "Filosofia", de Noel Rosa. Passou no teste. É este samba que ele canta no disco). Cada uma das canções tem uma fala de Adoniran sobre a própria música ou sobre o contexto em que nasceu a composição. Com isso ele vai fazendo uma verdadeira crônica da cidade — "faço sobre os meus bairros, onde vivi a minha malandragem, a minha vivência". Fecha este

lado com "Rua dos Gusmões", onde a sua amada quer que ele "troque o samba pelo iê-iê-iê".

## Desabafo

"Por que a rádio não toca os meus sambas? É algum crime que eu fiz?" Este desabafo de Adoniran abre o lado B, emendando na seqüência com "Já Fui Uma Brasa", dele com Marcos Cezar, com toda a ironia sobre um momento particularmente grave para os compositores populares brasileiros, sem vez ou espaço nas programações da maioria das emissoras de rádio. O clima de humor do disco vai aos pouquinhos sendo substituído. Adoniran agora canta "Não Quero Entrar", "Gente Curiosa", "Viaduto Santa Efigênia". Mostra a sua velocidade de raciocínio, numa questão sobre a depredação de trens, mostra a sua engraçada paciência com os curiosos e conclui que "o Viaduto Santa Efigênia vai ficar tão lindo que eu acho que não vai dar para ninguém mais morar embaixo".

Caminhando para o final, Adoniran canta "Véspera de Natal" e, em seqüência, duas inéditas (como "Gente Curiosa"): o samba "Armistício", sua última composição, feito em parceria com Eduardo Gudin e "Minha Nega", aquele com Carlinhos Vergueiro e que ele batucou em cima da mesa de José Nogueira. Depois "Só Tenho a Ti", em parceria com Hilda Hilst, numa linha bem diversa da que mais o caracteriza, quase uma valsa, e com o que ele chama de "letra muito bem feita".

Adoniran diz um pequeno verso em castelhano sobre a idade que avança e o final da vida que chega. A poesia antecede a entrada do depoimento de dona Mathilde Bar-

(CONTINUA NO VERSO)

JORNAL DA TARDE

02/06/84

PAG. 8

# 100 mil pessoas no show de aniversário de São Paulo

Mesmo com uma intensa chuva, aproximadamente 100 mil pessoas acompanham na noite de domingo a festa musical do programa "Viva São Paulo", no Parque Ibirapuera, em comemoração ao 428.º aniversário da cidade de São Paulo.

A festa teve início às 20h15 e terminou às 01h00, e contou com shows dos cantores Erasmo Carlos, Beth Carvalho, Adoniran Barbosa, Alceu Valença, Moraes Moreira e os conjuntos 14 Bis e Premeditando o Breque.

Exatamente na meia-noite o show foi interrompido para uma apresentação de fogos que durou 15 minutos e consumiu meia tonelada de material pirotécnico.

## UMA FESTA BEM ORGANIZADA

O show teve um custo aproximado de 15 milhões de cruzeiros e contou com a organização de agência de publicidade exclusivamente contratada pela Prefeitura para coordenar o evento.

Além da MPM colaboraram com a Prefeitura vários órgãos públicos como a Secretaria da Saúde, a Polícia Militar, e o DSV, que se distribuíram nos 20.000 m<sup>2</sup> destinados para a festa.

A chuva que iniciou quando a cantora Beth Carvalho estava no palco, para alívio dos organizadores, ao invés de desestimular a platéia passou a animar um pouco mais. Ao som dos sambas da cantora, o público emendou uma verdadeira roda-de-samba, exigindo que os seguranças e a PM fizessem um cordão humano para impedir que os presentes invadissem o paleo.

Com a música "Trem das Onze", cantada por Adoniran e Beth Carvalho o público extasiou-se. Um verdadeiro coral de 100 mil vozes ecoou em todo o parque do Ibirapuera só sendo superado em animação com o hino "Viva São



Adoniran Barbosa, cantando "Trem das Onze", fez o público delirar.

Paulo" de Moraes Moreira, por sinal o último a se apresentar.

Para Dória este tipo de festa não vai ser desenvolvido somente no dia do aniversário da cidade, mas sim durante todo o ano com atividades isoladas e culminando com o ponto máximo no dia 25 de janeiro. Na opinião de Lais Andrade, socióloga presente no show, "esta é uma prova de que o paulistano ama a sua cidade e participa de tudo o que é bom para o seu lazer".

## UM PÚBLICO BEM COMPORTADO. NENHUM ACIDENTE GRAVE

O público que prestigiou o show começou a chegar por volta das 15 horas no parque. A disputa por um lugar bem em frente ao palco causou apreensão por parte da segurança.

Mesmo assim tudo transcorreu com normalidade e pequenos acidentes como o da jovem Marla da Glória Moraes que fraturou o pé direito em consequência de empurrões durante a apresentação de Adoniran.

O Pronto-Socorro ali instalado pela Secre-

taria de Higiene e Saúde funcionou com relativa tranquilidade. Segundo o médico Paulo Kauffmann, que chefiava a equipe médica no local, foram atendidas no posto 96 pessoas, sendo que 60% eram vítimas de alcoolismo e os demais pequenas fraturas ou ferimentos. Das vítimas duas moças foram encaminhadas ao Hospital Municipal em coma alcoólica, presumivelmente menores de idade não habituadas a ingerir bebidas com teor de álcool.

Já para a Polícia Militar a noite estava calma. Pequenos incidentes resolvidos na hora, um reforço na segurança do palco e encaminhamento de crianças perdidas, foram os serviços de 300 homens do 12.º BPM/M, segundo o capitão Edgar de Oliveira.

Por volta da 1h00, o povo retirou-se satisfeito do Parque Ibirapuera. Todos candidatos a uma forte gripe, segundo um dos médicos presentes. O único inconveniente da noite foi o retorno para casa.

Quem tinha carro, saíu-se. Quem não tinha enfrentava longas filas da CMTC.

**VIVA A MÚSICA POPULAR  
BRASILEIRA.** Bandeirantes, 20h30. A final aconteceu na quarta-feira, no Teatro Zécaro, quando depois de oito eliminatórias foram apresentadas as 14 músicas escolhidas pela público (entre as 96 inicialmente selecionadas por vários críticos) como as melhores deste século. Agora, a emissora coloca na ar as imagens da festa: o público todo cantou com Dominguinhos "Asa Branca", aplaudiu cada uma das classificadas e vibrou com a presença surpresa de Gonzaguinha no final do show — quando todos os artistas cantaram com Adoniram Barbosa o seu "Trem das Onze". Entre as outras escolhidas estão "As Rosas Não Falam", com Chico Buarque; "Alegria, Alegria", com Djavan; "Foi Um Rio Que Passou em Minha Vida", com Roberto Ribeiro; "No Rancho Fundo", com Eliano Estevão; "Feitio de Oração", com Paulinho da Viola; "Travessia", com Sílvia Maria, e "O Mar", com Dori Caymiti. Os arranjos da série de programas foram feitos por Amílson Godoy, Wagner Tiso, Rogério Duprat, Antonio Adolfo, José Bramante, Roberto Sion, Heraldo do Monte, entre outros. A direção foi de Fernando Faro.

FOLHA DE S. PAULO

21/01/83

## ce no fim-de-seman

Eventos

### Lazer

**IR E OUVIR** — Adoniran Barbosa é o homenageado desta audição musical comentada que o Centro Cultural São Paulo (rua Vergueira, n.º 1.000) realiza sábado, às 16h, com entrada franca. Uma equipe de monitores orienta o público sobre toda a obra do cantor e compositor, morto recentemente.



Adoniran Barbosa é o homenageado do programa "Ir e Ouvir".

## Sai hoje a Banda do Pirandello

Prometendo muita farrá e animação, a Banda do Pirandello abre hoje à tarde o Carnaval de rua de São Paulo. Jornalistas, artistas de cinema, teatro e TV, músicos, artistas plásticos, boêmios, crianças e todos que gostam de uma grande folia vão-se concentrar, a partir das 14h30, em frente ao restaurante Spazio Pirandello (rua Augusta, 311), local de nascimento e sede da banda idealizada pelo ator Antônio Maschio. A saída do cortejo está programada para as 15h30 e, a exemplo do que aconteceu no ano passado, nem mesmo a possibilidade de chuva deverá impedir a alegria dos foliões.

A concentração dos participantes da banda — estimados em quatro mil, se o tempo for bom — será marcada pela cerimônia da "calçada da glória", quando o presidente e a porta-bandeira da escola de samba Nenê da Vila Matilde calçarão suas mãos no cimento fresco da calçada, em frente ao restaurante, uma cerimônia realizada todo o mês.

Fantasia curiosa e as cores da banda — vermelho, preto e prateado — estarão presentes no cortejo, que

durante cerca de três horas percorrerá as ruas Calo Prado, Consolação e Rego Freitas, o largo do Arouche, a avenida Vieira de Carvalho, a praça da República e a rua Barão de Itapetininga, terminando, em uma engraçada maratona carnavalesca, em frente ao Teatro Municipal. A maratona — uma corrida em torno do teatro com a animação do Trio Elétrico da Paulistur e a presença do Rei Momo e das princesas do Carnaval — tem o seguinte regulamento: os homens deverão participar vestidos de mulher e as mulheres, de homem.

### VELHAS BRINCADEIRAS

"Queremos reviver com isso as velhas brincadeiras", explica Antônio Maschio, um folião apaixonado pela cidade. A idéia da criação da Banda do Pirandello surgiu em uma madrugada de boêmia, no final de 81, quando conversava com Fernando Jacon, economista do Cebrap e eleito presidente da quarta banda de São Paulo. O fato de as três bandas tradicionais — Redonda, do Pedaco e do Candinho — saírem só à noite foi um dos motivos que incentivou Maschio a pensar em

um desfile sempre à tarde, que pudesse também contar com a participação das crianças.

Apostando nessa forma de fazer a cidade mais alegre e de transformar o Carnaval em uma grande folia, o desfile será animado por uma parte da bateria da Nenê da Vila Matilde e o carro de som já foi assegurado pela Paulistur. A porta-estandarte deste ano é a jornalista Helena Del Cielo, da TV Bandeirantes, que conseguiu o título vendendo 101 mil votos, a um cruzeiro cada.

Outros destaques serão a atriz Maria Cecília Camargo (a Madame Pommery) como rainha dos artistas; dona Josefina, da Igreja do Mártir do Calvário, eleita mãe boêmia do ano; e o travesti carioca Isabelita, que desfilará de patins, vestido de ballarina.

Formada com o objetivo de permanecer sempre uma banda, a Pirandello tem como patronos Osvald e Mário de Andrade, Olga de Alaketo como madrinha espiritual e como padrinho o falecido Adoniran Barbosa, que no ano passado chegou a integrar o cortejo.



Foto: Jorge Araújo

O ator Antônio Maschio mostra a fantasia com que vai sair.

MINHA MALOCA  
A MAIS LINDA QUE EU JÁ VI  
HOJE ESTÁ LEGALIZADA  
NINGUEM PODE DEMOLI.

MINHA MALOCA  
A MAIS LINDA DESTE MUNDO  
OFEREÇO AOS VAGABUNDOS  
QUE NÃO TEM ONDE DORMI

BIS

São Paulo 19/3/79

Adoniran Bailong

### Vagabundo Adoniran

Roberto Jordim

Encontrei-me com Adoniran no seu famoso botequim, onde exatamente há um ano o Folhetim foi para arrancar um pouco da história desse homem. Ele estava como sempre com um copo na mão, chapéu sobre a mesa e amigos em volta. Disse-me que se sentia cansado, "talvez porque, nos últimos dias, eu tenho tomado muito mé (uisque)". Papo vem, papo vai, consegui do seu próprio punho esta letra de uma música inédita que ele faz questão de mandar para Ellis Regina incluir no seu próximo LP. Abrigo de Vagabundo:

Eu arranjei o meu dinheiro  
trabalhando o ano inteiro  
numa cerâmica fabricando pote  
e lá no Alto da Moóca  
eu comprei um lindo lote  
dez de frente, dez de fundo  
construí minha maloca.  
Me disseram que sem planta  
não se pode construir  
mas quem trabalha  
tudo pode construir  
João Saracura que é fiscal da Prefeitura  
foi um grande amigo sim  
arranjou tudo pra mim.  
Por onde andará Joca e Mato Grosso  
aqueles dois amigos, moço  
que não quis me acompanhar  
andarão jogados na Av. São João  
ou vendo o sol quadrado na detenção.  
Minha maloca  
a mais linda que eu já vi  
hoje está legalizada  
ninguém pode demoli.  
Minha maloca  
a mais linda deste mundo  
ofereço aos vagabundos  
que não têm onde dormi.

# Um simpático<sup>de</sup> 1969 Festival de Carnaval

Moraes Sarmento, representante da Federação das Escolas de Samba, foi o primeiro membro do júri a cair no samba, no palco da TV-Tupi, no momento em que Flavio Cavalcanti começou a anunciar as cinco músicas vencedoras. Depois, um a um, os outros membros do júri entraram na dança também, até o sôudo Nilo Scalzo, editor do Suplemento Literário do "Estado de São Paulo".

Também estavam sambando Marcos Lazaro, Deise Paiva, Sargentelli, entre outros. Foi um festival simpático este: quem ganhou ficou felicíssimo, quem perdeu resolveu sair p'ra outra na maior das esportivas. **Adoniram Barbosa**, por exemplo, fez questão de ser o primeiro a abraçar no palco o vencedor, Luiz Lucas Ribeiro, que chegou ao microfone abraçado por sua esposa e pelo cantor Wilson Miranda, satisfeitíssimo com a vitória obtida pela música que defendeu. O autor, um humilde electricista, levou um susto ao saber que ganhou vinte milhões de cruzeiros. Cinquenta e dois anos cheios de dificuldades, identificáveis em cada uma das inúmeras rugas que lhe sulcam o rosto e dão o tom grisalho da cabeleira ainda farta, a comção era tamanha que não acertava em dizer o que val fazer com o dinheiro: seu primeiro pensamento é pagar as dívidas com os dez milhões da TV-Tupi e dez da Secretaria de Turismo da Prefeitura. Mas com o violão de um milhão de cruzeiros, presente da Di Giorgio, ele promete compor muita música, e tentar novamente a carreira da qual desistiu ao se casar. Porque foi em 1938 que compôs duas músicas e fez algumas tentativas como cantor. Não deu muito certo, ele precisava casar, engavetou as músicas e desistiu. Tentou no último Festival de Musica Popular da TV-Record, mas não lhe deram bola: foi desclassificado de cara, sob protestos de alguns dos produtores da casa, mais sensíveis à música realmente popular. "Estou Ficando Louco" teve cento e trinta e sete pontos, "Vila Esperança", que ficou em segundo e é de Adoniram Barbosa, teve cento e vinte e cinco.

Quem também estourava de contente eram Os Demônios da Garoa, que classificaram duas músicas, entre as cinco finalistas: "Vila Esperança" e "Vim Te Ver", de Toquinho e Roberto Silvestre, em quarto lugar, com cento e dez pontos. Toquinho todo mundo sabe quem é e Roberto Silvestre é um dos compositores que apareceram na crista da onda do Festival Universitario. Zé Ketti brilhou, no sentido literal da palavra, todo vestido de

ouro do chapéu aos sapatos, na "Avenida Iluminada" de Newton Telxreira e Brasinha, que ficou em terceiro, com cento e dezesseite pontos. Gal Costa, com a vasta cabeleira mais encaracolada que nunca, usou pantalonas de veludo preto com cinto de verniz; blusa amarela cor de ouro de tecido de estamperia com gola olimpica e colete de veludo vermelho com mil bordados ciganos e, no mínimo, uma dúzia de colares, entre os quais o seu talismã, um colar indiano, sem o qual não entra no palco. O quinto lugar ficou para "Atrás do Trio Elétrico", música de Caetano Veloso que defendeu. As três grandes torcidas foram a desta última, a do "Transplante de Corintiano", que apesar disso e da defesa de Silvio Santos, não emplacou, e a da "Vila Esperança", que desceu do bairro com a escola de samba incorporada e trouxe Adoniram para o palcos ombros da ala mais jovem. Os outros também traziam torcidas, com cartazes e faixas, mas em número bem menor. Um detalhe: o pedido de Flavio Cavalcanti foi aceito pelo público, que só vaiava quando os cantores terminavam. O resto do tempo aderiram, transformando o grande palco-auditorio em autentico salão de baile de carnaval, pulando e cantando com as músicas, à medida que iam sendo apresentadas. Para finalizar, este 1.º Festival de Musica de Carnaval, a entrega dos premios será feita na proxima terça-feira, dia 11, às nove da noite, na TV-Tupi.



Adoniram Barbosa, cotidíssimo desde o começo, ganhou o segundo premio.



## discos

A. P.



O "bordão" criado por Adoniran Barbosa ("Nós viemos aqui pra beber ou pra conversar?") para um comercial de uma marca de cerveja para a televisão, transformou-se em hábito na boca do povo, nos bai-

cões de todos os bares. E como Adoniran é antes de mais nada povo — do qual se tornou um espelho musical — imediatamente transformou a coisa naquilo que só ele sabe fazer: samba-paulista. Quando um dia realmente for escrita a história e a análise da música popular brasileira, Adoniran terá seu lugar como representante único (talvez se possa incluir também Paulo Vanzolini) de um tipo de música que só se faz em São Paulo. Como exemplo dela, além do citado "Nós viemos aqui pra que?", um compacto simples da Permata, coloca agora na praça também "Acenda o candeiro", do próprio Adoniran.

## Adoniran Barbosa, um ano depois

São Paulo está, exatamente há um ano, sem aquele que mais e melhor a cantou, dos bairros da periferia aos tipos e personagens. E hoje, pontualmente às 17 horas, todas as emissoras da Capital farão como se fosse uma só: tocarão a mesma música, "Trem das Onze". Não seria necessária nenhuma faixa especial, nenhuma menção direta a Adoniran Barbosa, o autor não só de "Trem das Onze", mas também o cantor e compositor de São Paulo. Esta é a vontade de dona Matilde, a viúva de Adoniran, numa carta que ela escreveu a todas as emissoras da cidade pedindo essa pequena homenagem a seu marido no primeiro aniversário de sua morte. Todas as rádios aceitaram, AMs e FMs. E o resultado é que muitas irão muito além disso, dedicando-lhe programas inteiros, parte de toda uma homenagem, que a cidade presta hoje a Adoniran.

Na verdade, há apenas duas atividades previstas coletivamente para lembrar Adoniran. Às 19h30, na igreja de Nossa Senhora Achiropita, no Bixiga que ele imortalizou, uma missa, que pelo menos duas emissoras de televisão, Globo e Gazeta (Abril-Vídeo), prometem transmitir em flashes durante os noticiários da hora. E no Centro Cultural São Paulo, às 21 horas, serão os próprios artistas a render sua saudade a Adoniran. Na lista, Toquinho, Renato Teixeira, Língua de Trapo, Jean Garfunkel, Tom Zé, Jessé, Eduardo Gudin, Paulinho Nogueira, Juão, Carlinhos Vergueiro, Eliana Estevão, Gru-

po Talismã, Arrigo Barnabé, Grupo Rumo, Oswaldinho da Cuica e os Velhos Amigos. O patrocínio é da própria Secretaria Municipal de Cultural.

As emissoras de televisão também prepararam programas especiais sobre Adoniran na data do primeiro aniversário de sua morte: a RTC, por exemplo, durante a apresentação de "Panorama", seu noticiário de arte que vai ao ar às 19h30, pretende levar um especial com trechos de gravações que Adoniran fez na própria RTC. A Abril-Vídeo, que desde segunda-feira está com a "Semana Adoniran", dentro de "São Paulo na TV", às 20h30, levará entrevistas e depoimentos sobre o compositor. E amanhã fará um especial com Otávio Ceschi Jr. e Cláudia Matarazzo: "Dois na Cidade de Adoniran", uma reportagem mostrando os lugares que ele frequentava e vivia (Brás, rua dos Guasões, Bixiga, Cidade Ademar, entre outros), ou os pontos da cidade que ele enalteceu em suas músicas, como a avenida São João e o Jaçanã. E também a praça Dom Orione, onde há um busto em sua homenagem, e a rua Adoniran Barbosa, no Bexiga. Para o próximo domingo, "Estação Paulista", o programa da Abril-Vídeo, às 20 horas, também será dedicado integralmente a Adoniran Barbosa.

A Rede Globo pretende dedicar ao artista boa parte de sua programação de hoje, a partir do "Bom Dia São Paulo", e no "TV Mulher", no qual será mostrado um especial com

o próprio Adoniran cantando e sendo entrevistado por Marília Gabriela, realizado poucos meses antes de sua morte. Dona Matilde, a viúva, será também entrevistada no programa. Nos demais noticiários da emissora, como as três edições do "SP TV", o "Hoje" e o "Globo Cidade", estão programadas matérias sobre o compositor.

Entre as rádios, muitas terão especiais dedicados a Adoniran, além da rede às 17 horas. Na Eldorado AM, o "Som Brasileiro", às 11 horas, apresentará exclusivamente suas composições, da mesma forma que o "Divirta-se", às 21 horas, na Eldorado FM. A Bandeirantes AM fará o mesmo às 17 horas no "Programa Moraes Sarmiento", enquanto a São Paulo, com o mesmo apresentador, dedicará o horário das 12h30. Zuza Homem de Mello também fará todo seu programa na Jovem Pan AM, às 17 horas, sobre a figura do compositor e outras emissoras como a Gazeta AM, a Mulher AM e a Transamérica FM pretendem levar especiais que no entanto, até ontem, ainda não tinham seus horários definidos. A Rádio Cultura AM prestará essa homenagem no próximo domingo, às 13 horas, durante o "Brasil de Ponta a Ponta".

Mas, se as rádios e televisões não se esqueceram de Adoniran e suas composições, o mesmo não pode ser dito das gravadoras. Um ano após sua morte, nenhum relançamento dos (poucos) discos dele foi programado. E nem mesmo as tradicionais "remontagens" foram lançadas.



Um ano após sua morte, Adoniran Barbosa é lembrado em várias programações



Adoniran Barbosa em flashes de programas já gravados e em depoimentos de críticos e artistas

## Especial revive momentos com Adoniran

No dia 23 de novembro São Paulo perdia seu maior poeta popular, Adoniran Barbosa. Hoje a Rádio e Televisão Cultura, às 21 horas, homenageia o cantor e compositor Adoniran Barbosa com uma edição especial de todas as participações do artista na emissora, entre elas no "Vox Populi". Não faltam depoimentos de críticos de música, cantores e compositores que conviveram com Adoniran e falam de sua vida, sua carreira, sua obra em meio a flashes dos programas "MPB Especial" e "Vox Populi".

João Rubinato, ou Adoniran Barbo-

sa, cantou o cotidiano paulistano, o trem do subúrbio, os bairros de características italianas como o Bixiga, o Brás, a Moóca. Criou uma linguagem própria e ele explicava que era a mesma linguagem falada pelos moradores dos bairros do centro: "O povo não fala nós fomos, mas nós fomos". Para sobreviver, Adoniran Barbosa foi ajudante de carregador de vassouras, tecelão, faxineiro, ajudante de encanador, pedreiro, mascote e garçom. Até que em 1930 chegou à rádio Cruzeiro do Sul, venceu um concurso de calouros e

então tudo começou. Mas só na década de 50 é que ele fez o primeiro sucesso, "Saudosa Maloca", com os "Demônios da Garoa", seguido por "Samba do Arnesto". O maior sucesso de sua carreira, entretanto, viria depois, com "Trem das Onze". O último LP de Adoniran saiu em 1980, intitulado "Adoniran Barbosa" e teve participação de Clementina de Jesus, Carlinhos Vergueiro, Elis Regina, Djavan, Gonzaguinha, Clara Nunes, MPB-4, Roberto Ribeiro, Vânia Carvalho e o conjunto "Nosso Samba".



Foto Benedito Salgado

## No museu, peças construídas pelo próprio Adoniran Barbosa Em memória de Adoniran Barbosa

Adoniran Barbosa e o Bixiga são dois nomes que sempre estiveram associados. E, agora, a cidade de São Paulo poderá ganhar um museu que leva o nome do compositor, exatamente no bairro do Bixiga. Nele, os trabalhos de Adoniran permanecerão mostrados à população, além de um serviço de registro histórico da evolução da capital da década de 40 até os dias de hoje. A sugestão é do vereador Edson Simões (PMDB) e foi levada ao prefeito Alcino Lima que prometeu estudá-la.

A idéia partiu da própria mulher de Adoniran, dona Manilde, e foi endossada por vereadores de todos os partidos, incluindo PDS e PT, e o local poderá ser um pequeno terreno na travessa Adoniran Barbosa, até há pouco a travessa Brigadeiro Luis Antonio, uma pequena perpendicular à avenida do mesmo nome. A troca efetiva do nome das travessas ocorreu ontem à noite, com uma grande festa onde não faltaram sambistas como Paulo Vanzolini e Zé Ketê.

Adoniran Barbosa, filho de imigrantes vênzolos, nasceu em Valinhos, em 1910, e morreu em novembro do ano passado. Ele tinha vários hábitos que serão mostrados nesse futuro museu. Construa bicicletas, brinquedos e até fez um parque de diversões em miniatura que dona Manilde quer ver funcionando no museu. Aliás, foi ela que sempre se preocupou em guardar os objetos construídos pelo marido, da mesma forma que os velhos discos e as lembranças de uma carreira artística que começou com radio-atôc, na década de 30, como livros, partituras, recortes, os filmes que participou e vídeos de suas apresentações na televisão.

No entanto, o museu de Adoniran Barbosa deverá ficar pronto apenas em novembro deste ano. Pelo menos esta é a promessa do secretário municipal de Cultura, Fábio Magalhães, que endossou a proposta do vereador Edson Simões.

## Música:

Adoniran Barbosa  
continua o mesmo. Só  
muda de gravadora.



Adoniran: 13 músicas e um novo LP.

— E cumu diz o deitado. Depois qui nós vai, depois qui nós volta.

Com essa frase bem-humorada, dita na inconfundível voz rouca é que Adoniran Barbosa define a sua volta para os Discos Continental, por onde já havia passado nas décadas de 30 e 50 e gravado sucessos antológicos como Samba do Arnesto, Os Mimoso Colibri, Saudosa Maloca e Pgressio.

Desligado da Odeon à qual esteve vinculado entre 75 e 76, Adoniran parte agora para a gravação de um novo LP que vai ser produzido por Wilson Miranda e com lançamento previsto para março.

O repertório ainda não está definido, mas Adoniran já fez uma lista "de cabeça" e algumas anotações que guarda cuidadosamente num papelzinho no bolso do paletó. E a elas que recorre para dizer que vão entrar "algumas dessas músicas aí":

— Tem sucesso antigo e música nova, diz ele. Marca aí que tem treze: Eu vou pro samba; Despejo da Favela; Um samba no Bexiga; Luz da Light; Envelhecer é uma arte; Madame Estação Sé; Rua dos Gusmões e Fica mais um Pouco Amor, todas minhas só. Dessas, as últimas quatro são inéditas. Mas tem também as de parceria: Güenta a Mão João e Nêga, minha e do Hervê Cordovil; Os Mimoso Colibri do Hervê e Oswaldo Molles; Já tenho a Solução, minha e do Clóvis de Lima e O Casamento do Moacir, minha e do Oswaldo Molles.

O novo disco de Adoniran vai coincidir, este ano, com os 44 anos de carreira, "de rádio, tv, disco, cinema, circo e comerciais", como ele faz questão de frisar. Aos 67 anos, ele ainda mantém o mesmo bigodinho fino dos tempos do velho Brás e a mesma fidelidade à camiseta e ao chapéu. E embora tenha ficado famoso mais pelas gravações que outros fizeram com suas músicas (houve época em que ele só compôs, por exemplo, para os Demônios da Garoa), ele fala, com orgulho:

— Olha, onde que eu vou tem gente assim prá me ver. E não é só em São Paulo, não. Já estive na Bahia, no Recife e o povo me conhece. O gozado é que também tem muito jovem. Aliás, ultimamente nos meus shows só dá jovem. E só dá eu... Por que isso? Ah... não sei, não. Difícil explicar. Eles gostam. Isso eu sei.

Filho de um casal de imigrantes italianos, de Veneza, Adoniran Barbosa nasceu em Valinhos e desde cedo trabalhou muito: foi varredor de fábrica, encanador, mascate, entregador de marmitas, garçon, metalúrgico, serralheiro e pintor. Até que, em 1933, resolveu tentar a sorte num programa de calouros da Rádio Cruzeiro do Sul, onde tirou o primeiro lugar cantando "Filofonia" de Noel Ross.

Aí, não parou mais. Cronista por excelência do ambiente em que sempre viveu — a cidade de São Paulo — e aproveitando do povo as expressões mais comuns, Adoniran já compôs tantas músicas, que até perdeu a conta.

— Se me perguntarem, não sei. Não sou de marcar uma por uma. Eu só sei que boto uma ideia na cabeça e saio cantando pela rua. Não sei tocar nenhum instrumento, nem violão, nem nada. A música nasce assim, de estalo. Daí eu mostro ela para os amigos, ouço os palpites, mexo aqui, mexo ali, até ela ficar pronta. Então, mando brasa. Nas parcerias, eu prefiro que me dêem a letra.

Autor de sucessos que passaram de geração para geração (Joga a Chave, Bom Dia Tristeza, Trem das Onze, entre outras), na vida artística Adoniran já fez de tudo um pouco: trabalhou em circo, foi ator de televisão (na novela Mulheres de Areia), rádio-ator (quem é que não se lembra do Charutinho, do Arquibaldo Porpeta ou do Barbosinha Mal Educado da Silva?) e hoje declara que só vive do que rendem os discos e dos shows que faz.

— Não é muito, mas dá para viver.

Saudade de alguma coisa?

— Ah... tenho sim. Da boêmia, dos amigos, dos passeios de madrugada pelo Bexiga. São Paulo hoje, está muito mudada. Acabou tudo isso. Não dá mais para sair nas ruas, à noite, como antigamente. É uma pena, mas é a cidade em que eu sempre vivi e que eu sempre acompanhei. Olha, agora mesmo fiz uma música para a nova Praça da Sé. Aquilo está uma beleza... Não dá nem para reconhecer.

E ele cantarola, entusiasmado, a canção que fez para a praça tamborilando com os dedos: "Praça da Sé/ Praça da Sé/ hoje você é/ Madame Estação Sé/ Quem te conheceu/ Há alguns anos atrás/ Como eu te conheci/ Não te conhece mais/ Nem vai conseguir/ Te reconhecer/ Se hoje passá por aqui/ Alguém que já faz/ Algum tempo que não lhe vê/ Pouca coisa tem que dizê/ Pouca coisa tem que contá/ Vai pensar que istá sonhando/ É natural, nunca viu coisa igual.

"Da velha Praça da Sé de outrora não tem mais nada/ Nem o relógio que marcava as horas/ Prós namorados encontrar as namoradas/ Nem o velho bonde dim, dim, dim, dim/ Nem o condutor "Dois prá Light e um prá mim/ Nem o jornaleiro provocando o motorneiro/ Nem o engraxate jogando cacheta o dia inteiro/ Era uma gostosura ver o camelô correr do fiscal da Prefeitura/ É o progresso, é o progresso/ Mudou tudo, mudou até o clima/ Você está linda por baixo/ Está bonita por cima/ Só indo lá prá vê/ Mas não vá sozinho/ Meu sinhô vai se perdê/ Praça da Sé, Praça da Sé...

VERA MAGYAR

## Nas fotos, a cidade que Adoniran ainda insiste em defender

Da sucursal de  
BRASÍLIA

A preocupação de Adoniran Barbosa com o problema urbano, muito antes mesmo do assunto chegar às autoridades e aos mais simples moradores das grandes cidades brasileiras, trouxe o compositor a Brasília, onde inaugurou ontem uma exposição de fotografias sobre São Paulo, promovida pelo Programa de Preservação do Patrimônio Ambiental Urbano de São Paulo. São trabalhos de fotógrafos amadores e profissionais, solicitados pela Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo para fotografar a capital e cidades do interior, qualificados pelos promotores como de "fundamental importância para uma visão a respeito do que preservar em todo o Estado".

Mas o próprio Adoniran já não parece muito otimista, mesmo dizendo que "ainda é tempo de se fazer alguma coisa". Ao sugerir que os moradores de cada bairro paulistano deixem de passear um final de semana, "para conversar sobre a cidade, lembrar de sugestões para impedir que acabe tudo", ele não consegue impedir o tom triste.

"Não dá mais para o meu gosto, é o progresso. Eu que sempre fui um homem das ruas, quase não saio de casa. Estão acabando as vilas, os bares, os cortiços. Não tem mais o bonde Tamandaré, que passava na Barra Funda, na Luz, na Florêncio de Abreu. Era o bonde dos boêmios. O Brás, o Bexiga, a Glória, a Vila Mariana. Está tudo feio. Acho que não era preciso destruir tanto. Mesmo minha música, até isso mudou. Já não é mais "Saúdosa Maloca", ficou bonito, mas agora faço samba do Metrô".

Adoniran estava cansado na segunda-feira, durante uma entrevista coletiva a jornalistas de Brasília na Fundação Cultural do Distrito Federal. "Tenho andado esgotado. Tenho andado sempre assim, cansado, meio gasto. São mais de 60 músicas gravadas, muitos shows, gravações de anúncio, teatro e televisão". Entre um gracejo e outro, o mesmo tom amargo para lembrar de São Paulo. "Vocês vejam só, nem lazer o pessoal tá conseguindo saber o que é. Todas as ruas deviam ser também de lazer, mas a Prefeitura resolve determinar que algumas delas vão ser fechadas para que o povo possa se distrair. O que acontece? Ver gente de motocicleta, o futebol daná a quebrar vidraças. O progresso enfeiou a cidade e endureceu as pessoas".

Sobre direitos autorais Adoniran prefere não falar. "É melhor ficar quieto. Já me prejudicaram muito, agora resta esperar que melhore tudo. Prefiro dizer que para mim está tudo bem". Aos 67 anos, com quase 50 de compositor, Adoniran era pouco conhecido nacionalmente até 1967, quando participou da novela "Mulheres de Areia", da Rede Associada.

Adoniran confessa uma grande surpresa com a situação que vive hoje. Shows de sucesso, bem tocado em vários países, reconhecido nas ruas, levado em carro de bombeiro na frente de 40 mil pessoas que participavam de um passeio a pé pelas ruas paulistanas. "Não dá para aceitar normalmente não, eu nunca pensei que chegasse aqui um dia. Depois de "Trem das Onze", pensei que tinha acabado tudo, sem nenhuma fama, esquecido. E foi aí que realmente começou tudo. Agora as pessoas me olham com admiração, me perguntam coisas".



O compositor inaugurou ontem em Brasília uma exposição de fotografias em defesa do ambiente urbano.

"CHARUTINHO" DESTA VEZ FOI EM "CANA"

# "HERÓI" DE FAVELA PRESO: DIRIGIA CARRO EMBRIAGADO

Conhecido comediante do rádio teve o seu auto "guinchado" — Momentos de hilicidade no plantão da Zona Centro com a presença do famoso artista

O artista de rádio, Adoniram Barbosa (na vida real, João Rubinato), de 50 anos, casado, residente na rua Aurora, 579, apto. 22, que se vem notabilizando através do pseudônimo de "Charutinho" e encarna na "Historias das Malocas" e "Dicionário da Gíria" um tipo displicente e sempre às voltas com a polícia, viu-se, hoje, durante a madrugada, frente a frente com um pelotão de guardas civis, um grupo de investigadores e um delegado que em nada por nada se assemelhavam ao "Trabucão" e seus auxiliares, autoridades complacentes (nos programas de rádio) que sempre perdoam as "mancadas" do "herói" das favelas. Duas vezes ele esteve na Central de Polícia: a primeira, como envolvido numa desinteligência e a segunda, vez como contraventor, acusado de dirigir veículo quando embriagado. Um boletim de ocorrências foi elaborado a respeito e, "Charutinho", ainda foi submetido a exame de dosagem alcoólica.

## PERDEU O "SHOW"

Na noite de ontem, "Charutinho" apareceu furioso na Central de Polícia, acompanhado dos colegas, Celma Rodrigues de Paula, a "Pafuncinha"; Venancio Martins, o "Venancio das malocas"; Fulgencio Santiago, o "Tribucio" e as irmãs Antonieta e Dora de Paula, o "Duo Brasil Moreno".

E que eles, tendo contratado os serviços profissionais do motorista de praça Alejandro Acunha Blanco, residente na av. Pinheiros, 152, pretendiam chegar o mais depressa possível a um circo na Vila Carrão, onde se apresentariam num "show".

Acontece que o motorista,

sem conhecer o caminho direito, andou dando voltas pela cidade e, como resultado, os artistas perderam o horário do espetáculo. Ficaram irados e, por causa disso, houve uma desinteligência entre o "herói" da "Historias das Malocas" e o motorista.

## DIREÇÃO PERIGOSA

O primeiro "episódio" da aventura estava encerrado, quando, por volta das 3.30 "Charutinho" voltou a Central, em circunstâncias diferentes.

Uma viatura da R. P., a de prefixo 2, depois de perseguí-lo durante alguns minutos, conseguiu alcançá-lo na altura da rua XV de Novembro. O artista de rádio e

cinema, estava ao volante de seu carro particular o de chapa 5-49-81 e apresentava-se visivelmente embriagado. Entrava pela contramão em ruas de movimento, e punha em risco a vida de terceiros, além da sua própria, conforme acentuou o delegado Ubirajara Rocha, em sua anotação no "boletim de ocorrências".

## POLÍCIA "DIFERENTE"

A presença de "Charutinho" na Central de Polícia, causou um reboliço pouco natural. E o comediante, durante sua curta permanência naquela dependência não perdeu vaza para fazer-se motivo de risos.

Andou explicando a todos como "funciona" a polícia do "seco Trabucão" e, quando lhe pediram seu nome (o verdadeiro) para a anotação no boletim, saiu-se com esta:

— "Puxa! Isto é bem diferente do que acontece lá na "maloca". Ali eu, a "Pafuncinha", a "Terezoca" e meus "cumpinchas" não passamos tanto apuro".

O delegado da Central mandou "guinchar" o carro do "Charutinho", mas, logo depois, reconsiderando o fato, revogou a ordem, dispensando também o "herói" das favelas.

"Charutinho"



Adoniram Barbosa, que vive, no rádio, o "Charutinho", o "herói" de favela, acabou em "cana", na vida real, quando praticava uma contravenção. Mesmo assim, não perdeu o bom humor e deu um "show" à parte, retirando do auto, antes do mesmo ser "guinchado", o seu litro de "whisky".

## Diário da Noite - 5/8/65

### Rádialistas aniversariantes

Entre hoje e a próxima sexta-feira "apagarão velhinhas": hoje José Ferreira Godinho Filho, ou seja o popular saxofonista Casé; a menina Ana Marilda, filha dos artistas Marilda e Ariovaldo Pires; Miguel Gonzalez, do Trio Tambatajá, das Emissoras Associadas; Angel Urosa Diaz, operador de vídeo do Canal 4; amanhã Armando Cavalier, do Departamento Cinematográfico dos canais 2 e 4; Wilson Fitzpaldi, do Departamento Esportivo da Rádio Panamericana; dia 5, Barros de Alencar, produtor, animador e locutor da Rádio Tupi; Egas Muniz, produtor da Rádio Record; dia 6, José Cardoso Damilho, teleator do canal 3; dia 7, Adeniran Barbosa, ator humorístico da PRB; Wanderley Ramos, Roque Rodrigues e Claudio Salas, todos do canal 4; dia 8, Rosa Pardini, notável cantora, dona de voz privilegiada, "free lancer"; Francisco Renato Duarte, o querido locutor Quico; Augusto Gonçalves, o popular "Talentoso e Formosura", da PRG2; Fernando da Costa Candeias, do Departamento Musical das Emissoras Associadas; Nel Gonçalves, do canal 4 e José Duarte Jr., do canal 3; dia 9, Carlo Boria, talentoso pintor do canal 4; Aluisio Cipriano de Lima, diretor de estúdio, do canal 3; Benedito de Jesus Toledo, operador de câmara, do canal 4; Olimpio Samovitch, teleator, do canal 4. A Diretoria da ARES apresenta cumprimentos a todos os aniversariantes da semana.



# FOLHA DA TARDE ilustrada

Editor: Alcides de Moura Torres

São Paulo, quarta-feira, 28-12-1983 — PÁG. 17

## Bexiga fará festa de rua no Ano Novo

Na melhor tradição das antigas festas de rua, o bairro do Bexiga vai comemorar o ano novo com muita música, comida, bebida e fogos de artifício. A partir das 12 horas do próximo sábado, os restaurantes e bares colocarão suas mesas nas calçadas do bairro, onde também estará em exposição o acervo do Museu do Bexiga.

A programação musical começa às 20 horas com apresentação de conjuntos italianos tradicionais. Depois, às 22 horas, os grupos "Paranga" e "Língua de Trapo" vão continuar a animação da festa. Quando bater meia-noite, acontecerá o ponto alto do encontro, com distribuição de pratos de lentilha; pessoas baterão em ferros, serão colocadas uvas em taças de champagne, além de outras credices populares para espantar 83 e entrar no ano novo com o pé direito.

Depois da tradicional queima de fogos de artifício, a festa, promovida pelo Departamento de Artes e Ciências Humanas, da Secretaria de Estado da Cultura, ainda promete muita animação. Até às 4 da manhã os grupos "Premeditando o Breque" e o "Trio Elétrico Faisca" estarão tocando para quem quiser dançar.

## "O Sonho": homenagem a Adoniran

**O**s frequentadores da Feira Comunitária de Trocas do Bexiga, realizada aos domingos na praça D. Orione, tiveram uma agradável surpresa: a presença do novo cantor e compositor Maurílio E. da Silva cantando um animado samba em homenagem ao seu ídolo preferido, Adoniran Barbosa. Hoje, a saudade do samba/Está junto com Iracema/Que morreu na contramão/E lá no céu/Vai cantar para ela e Noel. Este é um dos versos da música "São Paulo chora Adoniran" que Lirio (nome que ele escolheu como artístico) gravou num compacto simples de produção totalmente independente.

Longe dos meios de divulgação e das gravadoras, Lirio contou apenas com suas pequenas economias e com a ajuda de um amigo para fazer o disco que está vendendo de mão em mão, a exemplo do

que fez na Feira, ao preço de 1.500. Lirio é uma pessoa simples e confessa que fez o disco por "uma questão de vaidade, pois era muito fã do Adoniran, desde os tempos de Iracema". Trabalhando hoje como motorista do "Diário Popular" ele admite que sempre quis compor, mas não pensava em cantar, pois não gosta muito da sua voz. Depois de muita batalha, o disco está pronto e ganhou o nome de "O Sonho".

Na verdade, "O Sonho" é o grande sonho de Lirio de ver Adoniran homenageado em nome de toda São Paulo num samba. "Até a garoa não caiu mais/ Veio na despedida/transformada em lágrimas... São Paulo chora/O poeta foi embora/Ficou na lembrança e não sai da memória. E outro trecho do samba que transformou em realidade o grande desejo de Lirio.

## A homenagem a Adoniran Barbosa, na Feira do troca-troca

Com uma homenagem especial a Adoniran Barbosa, falecido há um ano, realizou-se ontem pela manhã, no Parque do Ibirapuera, a feira "Troca-troca de brinquedos", promovida pela Paulistur no primeiro domingo de cada mês, onde as crianças puderam, além de trocar brinquedos, admirar uma coleção de bicicletas em miniatura, um parque de diversões e o famoso "Trem das Onze", executados pelo compositor.

Em cerca de 20 mesas coloridas, as crianças expuseram os brinquedos a serem trocados. A primeira "transação" do dia foi feita por Daniel Andrade Vizeu, de oito anos, que trocou um par de patins, uma revista e um carrinho de ferro por um bate-bate, uma corneta e um helicóptero. Satisfeito com o resultado, principalmente pelo helicóptero, Daniel esperava obter mais alguns carrinhos para a sua coleção até o final da feira.

As primeiras trocas demoraram a ocorrer pois, segundo alguns "trocadores" mais experientes, é necessário esperar até que todas as mesas estejam ocupadas para escolher os melhores objetos e tentar uma negociação. Freqüentador usual, Alberto Castro Salazar Filho, 12 anos, afirmou já ter realizado diversas trocas, trazendo, dessa vez, brinquedos obtidos em participações anteriores, para uma nova permuta. Já Gisele Gênova Merlo, dez anos, participando pela primeira vez, mostrou-se um pouco indecisa, preferindo pesquisar mais demoradamente.

Foram montados em espaço cercado por cordas todos os brinquedos fabrica-



Crianças trocam brinquedos sem interferência de adultos

dos por Adoniram, quer utilizou material rudimentar. O carrossel, por exemplo, tem todas as engrenagens movidas por barbantes. No entanto, apesar da precariedade, todas as peças funcionam perfeitamente. Emocionada com a homenagem, da. Matilde Rubinato, viúva do compositor, disse ser a fabricação de brinquedos apenas uma das facetas do marido, já que este confeccionava cinzeiros, abajures e bules, a partir de garrafas e latas.

Segundo Virginia Murano, assessora técnica de Lazer da Paulistur, os brinquedos de Adoniran estarão expostos, a partir do dia 9, no Museu da Imagem e do Som, seguindo depois para o Museu "Adoniran Barbosa", que será construído em terreno cedido pela Prefeitura na antiga travessa Brigadeiro Luis Antônio, hoje travessa Adoniran Barbosa. Lá estarão expostos, também, objetos pessoais, fotos, recortes de jornais, discos e troféus.

## Na 13 de Maio, peças do Museu do Bixiga

A máquina de fabricar sorvete dos primeiros anos deste século, a panela da década de 20 e o gramofone inglês marca Decca, fabricado em 1917, modificaram, ontem, as fachadas das tradicionais cantinas da rua 13 de Maio, no Bixiga. As peças do Museu Memória do Bixiga foram levadas à rua por iniciativa de seu diretor, Armando Puglisi, o "Armandinho", com apoio da Paulistur. "Já que as pessoas não visitam o museu, o museu vai procurar as pessoas", explicou "Armandinho", destacando que, mesmo antes de começar o movimento maior, "nós já recebemos muito mais gente do que os 100 'gatos pingados' que costumam frequentar o museu por semana".

Além da exposição externa do acervo do Museu Memória do Bixiga, a dominical Feira Comunitária de Trocas, na praça D. Orione, também passou por modificações ontem. Em meio aos mais diversificados materiais para troca, espalhados pelo chão da praça, assistiu-se à evolução da Banda Musical de Cubatão e aos corais da Pinacoteca do Estado e da Universidade Federal de São Carlos, sob a regência do maestro Fábio Cintra.

Mesmo com os tradicionais atrasos, o museu atraiu bom público, que pôde cohecer um aparelho de amolar facas, fabricado em 1910, fotos e troféus do boxeador Pedro Galasso, do cantor Agostinho dos Santos e do jogador "Feitiço", do Santos Futebol Clube. Podia-se ver, também, um troféu conquistado quando, em 1969, a Escola de Samba Vai-Vai ainda era um bloco carnavalesco. Nas fachadas das cantinas, fotos antigas contavam a história do Bixiga. "Armandinho" pretende levar o acervo do museu a outras ruas do bairro, "para divulgar às autoridades nosso potencial turístico".

As 11h25, os moradores fecharam, por conta própria, a rua 13 de Maio ao trânsito de veículos para a apresentação da Banda Municipal de Cubatão, que executou as músicas "Copacabana", "Moonlight Serenade" e "Bésame Mucho", entre outras.

Ao meio-dia, os corais da Pinacoteca do Estado e da Universidade de São Carlos executaram músicas como "Tourdon", "El Grillo" e "Perdre le sens devant vous".



UM MUSEU  
NA RUA

A vitrola, parte do acervo

## Muita música na Estação Santa Cecília do Metrô

Espectáculos infantis, música — de clássica a popular — bailado e uma apresentação do conjunto Zimbo Trio fazem parte da programação cultural de amanhã e domingo, organizada pela comunidade de Santa Cecília, em comemoração à inauguração da Estação Santa Cecília do Metrô de São Paulo.

Amanhã, após a abertura oficial da estação, às 10 horas, estarão apresentando-se a Orquestra Sinfônica Jovem e a Escola de Bailado da Secretaria Municipal de Cultura. A menina Tione interpretará música popular brasileira, seguida por Maxi e Cris, representantes da música de vanguarda. O grupo Talismã, rememorando Adoniran Barbosa, executará suas composições mais conhecidas e, às 17 horas, o conjunto Zimbo Trio realizará uma apresentação especial. Encerrando o espetáculo, exibir-se-ão Triolin Luiz Brasil com Márcio Jazz Band e a Escola de Samba Torcida Jovem.

Domingo, a criança merecerá destaque na programação da comunidade, com a apresentação da "Turma da Mônica Vem Brincar", às 10 horas, e dos grupos Algodão Doce e As Dengosas, de música infanto-juvenil, na parte da tarde. Às 11h30 será a vez do Balé da Cidade de São Paulo, com coreografia para dança moderna. A música popular brasileira será interpretada pelos cantores Beto Mi, Saulo e João Marcel e o encerramento da programação estará a cargo da Camerata Heitor Villa-Lobos, de Santos.